



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO – PRPG  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL – PPGHB**

**LUMA PINHEIRO DIAS**

**NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA EM DEFESA DA EDUCAÇÃO FEMININA NOS  
OITOCENTOS**

**TERESINA-PI  
2017**

FICHA CATALOGRÁFICA  
Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas e Letras  
Serviço de Processamento Técnico

D541n Dias, Luma Pinheiro.  
Nísia Floresta e a escrita em defesa da educação feminina nos oitocentos / Luma Pinheiro Dias. – 2017.  
166 f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2017.  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

1. Escrita Feminina. 2. Educação Feminina. I. Augusta, Nísia Floresta Brasileira. II. Título.

CDD B869.3

**LUMA PINHEIRO DIAS**

**NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA EM DEFESA DA EDUCAÇÃO FEMININA NOS  
OITOCENTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de mestre em História do Brasil.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz.

**LUMA PINHEIRO DIAS**

**NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA EM DEFESA DA EDUCAÇÃO FEMININA NOS  
OITOCENTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História do Brasil, do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do grau de mestre em História do Brasil.

Aprovada em     /     /

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresina de Jesus Mesquita Queiroz – UFPI  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Constância Lima Duarte – UFMG  
Examinador Externo

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elizangela Barbosa Cardoso – UFPI  
Examinador Interno

---

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento – UFPI  
Suplente

À minha mãe, que sempre lutou  
para a realização dos meus  
sonhos, tornando-os reais.

## AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter permitido a conclusão de mais um etapa em minha vida, me fortalecendo, concedendo sabedoria e colocando em meus caminhos pessoas que me auxiliaram para este fim. A Ele seja toda Honra e Glória.

Aos meus pais, especialmente à minha mãe, Lúcia de Fátima Pinheiro, que sempre me acompanhou, me inspirou, sendo meu exemplo de luta e persistência.

À Professora Teresinha Queiroz, minha gratidão e admiração, pela orientação impecável, o incentivo nas horas de desânimo, e pela confiança depositada em mim.

Agradeço à Francisca Melo e Francilene Morais, juntas compartilhamos as angústias da escrita.

Ao meu marido, companheiro e amigo, Diego da Silva Cunha, pela paciência e incentivo, pelo apoio nas horas difíceis, principalmente por cuidar dos afazeres domésticos enquanto as leituras e a escrita eram necessárias.

Agradeço as amigas conquistadas ainda na graduação e que se estenderam para além dos muros da instituição. À Daniela Fontenele, Iara Ferreira, Camila Rodrigues, Ana Maria Dias, sou grata pelos momentos de descontração e palavras de apoio.

Somada à admiração, expresso a gratidão à Elizangela Barbosa Cardoso e Constância Lima Duarte pela disponibilidade e comprometimento em avaliar este trabalho.

## RESUMO

A escrita feminina no século XIX significou verdadeira afronta aos padrões de diferenças sexuais. Assim, foi acompanhada de deslumbramento e assombro, alvo de críticas e suspeitas quanto à dignidade daquelas que escreviam. A educação constituía importante instrumento de diferenciação entre os sexos e garantia a manutenção da sujeição feminina e superioridade masculina. A escrita representou, também, espaço para contestação da inferioridade feminina. E foi com esse objetivo que Nísia Floresta Brasileira Augusta fez uso da escrita nos oitocentos: para reivindicar uma reforma na educação feminina e promover a valorização social da mulher. Pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), nasceu no Rio Grande do Norte, viajou e morou em diferentes províncias do Império e também no exterior. Com mais de quinze títulos publicados no Brasil e Europa, a brasileira teve contato com diversos nomes do período, tal como Augusto Comte, com quem manteve uma amizade fraterna, marcada pela troca de correspondências entre 1856 e 1857. Este trabalho analisa a elaboração do projeto educacional de Nísia Floresta, partindo do estudo do contexto social e intelectual do século XIX para conhecer suas prescrições quanto à educação feminina e suas críticas aos hábitos e práticas da sociedade oitocentista. Para isso, faz-se uso de fontes bibliográficas, jornais do período e as obras da escritora brasileira, bem como a obra de Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos das mulheres*, e das correspondências trocadas com Augusto Comte, com a finalidade de conhecer a possível influência da escritora inglesa e do filósofo sobre a obra de Nísia Floresta.

Palavras-chave: Escrita feminina. Educação feminina. Nísia Floresta.

## ABSTRACT

Female writing in the XIX century meant a true affront to patterns of sexual differences. Thus, she was accompanied by wonder and amazement, the object of criticism and suspicion as to the dignity of those who wrote. Education was an important instrument of differentiation between the sexes and guaranteed the maintenance of female subjection and male superiority. Writing also represented a space for contesting female inferiority. And it was with this objective that Nísia Floresta Brasileira Augusta made use of writing in the eighties: to claim a reform in women's education and to promote the social value of women. Pseudonym of Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885), was born in Rio Grande do Norte, traveled and lived in different provinces of the Empire and also abroad. With more than fifteen titles published in Brazil and Europe, the Brazilian had contact with several names of the period, such as Augusto Comte, with whom she maintained a fraternal friendship, marked by the exchange of correspondences between 1856 and 1857. This work analyzes the elaboration of the project Nísia Floresta, starting from the study of the social and intellectual context of the XIX century to know its prescriptions about female education and its criticism of the habits and practices of nineteenth century society. For this, use is made of bibliographical sources, newspapers of the period and the works of the Brazilian writer, as well as the work of Mary Wollstonecraft, Claiming *The rights of women*, and the correspondence exchanged with Augusto Comte, in order to know the possible influence of the English writer and the philosopher on the work of Nísia Floresta.

Keywords: Women's writing. Female education. Nísia Floresta.

## SUMÁRIO

<b>1 Introdução .....</b>	<b>9</b>
<b>2 Nísia Floresta e a escrita feminina no século XIX .....</b>	<b>20</b>
2.1 A escrita feminina e a conquista de novos espaços .....	21
2.2 A conquista feminina no universo da imprensa.....	32
2.3 De Dionísia Gonçalves Pinto à Nísia Floresta: vida e obra.....	38
<b>3 A educação feminina no século XIX .....</b>	<b>62</b>
3.1 A educação feminina segundo Nísia Floresta .....	63
3.2 O projeto de Nísia Floresta para uma educação feminina ideal .....	76
3.3 O projeto em ação: Nísia Floresta educadora .....	87
<b>4 Filha, esposa e mãe: os papéis femininos nos oitocentos .....</b>	<b>96</b>
4.1 A obediência da filha .....	97
4.2 As virtudes da esposa .....	102
4.3 O altruísmo da mãe .....	110
<b>5 Quando projetos se cruzam: os encontros intelectuais de Nísia Floresta .....</b>	<b>118</b>
5.1 A tradução livre .....	118
5.2 O projeto em comum .....	123
5.3. A mulher entre Augusto Comte e Nísia Floresta .....	134
5.4 Além da Teoria: a relação intelectual entre Nísia Floresta e Augusto Comte .....	142
<b>Considerações finais .....</b>	<b>153</b>
<b>Referências .....</b>	<b>156</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O primeiro encontro com a principal personagem deste estudo, Nísia Floresta Brasileira Augusta, ocorreu com a leitura do livro de Maria Lúcia Pallares-Burke, intitulado *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradição cultural*,<sup>1</sup> em 2013. Pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, é apresentada pela referida autora, como plagiadora, o que despertou curiosidade e me levou a aprofundar a pesquisa sobre a vida e a obra da escritora, resultando no trabalho de conclusão de curso apresentado em 2014.

Nascida nos primeiros anos do século XIX em Papari, Rio Grande do Norte, Nísia Floresta utilizou a escrita como principal veículo de suas ideias em defesa da educação feminina. Ousando questionar o lugar que era reservado às mulheres nos oitocentos, a brasileira foi escritora no século que delegava à mulher apenas o domínio do espaço privado. Viajou e morou em diversas províncias, tais como Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro, e também viajou e morou em países europeus, como Portugal, Itália, França, Alemanha. Faleceu em Rouen, na França, em 1885.

Dessa maneira, sua produção não está restrita a um único espaço, nem mesmo em um recorte temporal limitado, uma vez que suas obras ultrapassam existências e lugares. Sua produção desafiou, também, os padrões da época, que não reconheciam a capacidade intelectual feminina. Mas Nísia Floresta foi além: fundou o Colégio Augusto<sup>2</sup> em 1838 no Rio de Janeiro, dedicado exclusivamente para educar meninas. As disciplinas ministradas fugiam daquelas comumente presentes em outros estabelecimentos de ensino.

Se, por um lado, a educação nos oitocentos foi instrumento de subjugação feminina, foi também o principal caminho percorrido para garantir sua emancipação. Voltada para a fixidez das funções sociais de cada sexo, reforçava as diferenças sexuais que eram concebidas como naturais. O saber e a capacidade intelectual eram próprios e exclusivos do sexo masculino, logo não havia muitos motivos para investir na educação de mulheres, vistas como eternas crianças, incapazes de desenvolver raciocínio lógico. Bastava que soubessem o necessário para garantir um casamento correspondente à sua classe social.

---

<sup>1</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradição cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

<sup>2</sup> A instituição de ensino foi fundada em 1838 por Nísia Floresta e permaneceu em funcionamento por 17 anos. Era exclusivamente voltado para a educação de meninas e foi um dos primeiros colégios a ser fundado por uma brasileira. Cf.: CÂMARA, Adauto. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

Quando a educação feminina era direcionada para o desenvolvimento das aptidões domésticas, no Colégio Augusto as meninas aprendiam latim, francês, italiano e inglês, gramáticas e literaturas, noções de geografia e história do país, a prática da educação física. Outro diferencial dessa instituição de ensino foi a limitação do número de alunas por sala com o objetivo de conferir mais qualidade ao aprendizado. Assim, Nísia Floresta foi duramente criticada, havendo inclusive uma campanha de difamação nos jornais da Corte, uma vez que mulheres que recebiam maior nível de instrução eram alvos de desconfiança.<sup>3</sup>

A escrita constituiu verdadeiro desafio às mulheres nos oitocentos. Privadas de uma educação adequada que lhes permitisse o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, eram reféns de uma ignorância proposital. Ao se apropriarem da escrita, as mulheres desafiam barreiras, confundem as frágeis fronteiras imaginárias entre os sexos. Atividade predominantemente masculina, nas mãos de mulheres a escrita representou uma afronta à ordem. Assim, não faltaram vozes erguidas contra a prática da escrita feminina.

Entre elas, a escrita de Mary Wollstonecraft se mostra relevante para a elaboração deste trabalho, uma vez que a primeira obra de Nísia Floresta, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*,<sup>4</sup> foi apresentada como tradução livre de *Reivindicação dos direitos das mulheres*<sup>5</sup> de autoria da escritora inglesa. A análise das referidas obras, bem como do projeto elaborado por Nísia Floresta se fazem necessários para conhecer as aproximações e distanciamentos entre as escritoras e a possível influência de Mary Wollstonecraft sobre a trajetória da brasileira.

A maior parte da produção escrita de Nísia Floresta reflete a respeito do lugar ocupado pela mulher na sociedade no século XIX, denuncia os atrasos na educação destinada às meninas e propõe a transformação da sociedade, sendo a mulher o principal instrumento de consolidação do progresso da humanidade. Dessa maneira, é possível identificar um projeto construído durante sua trajetória intelectual que coloca a mulher como protagonista da história através da análise de seus escritos.

Apesar de sua importância para a história da luta por emancipação feminina no Brasil, Nísia Floresta é objeto de poucas pesquisas acadêmicas na área de história. A escritora e educadora é citada como pioneira em defender o direito das mulheres à instrução e a valorização social da figura feminina. É também uma das poucas mulheres a colaborar com publicações em periódico na primeira metade do referido século.

---

<sup>3</sup> CÂMARA, 1941, p. 54-55.

<sup>4</sup> FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo, Cortez: 1989.

<sup>5</sup> WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

Em suas viagens ao exterior, Nísia Floresta teve contato com diversos nomes importantes do cenário intelectual europeu, encontros que refletiram em sua escrita, aperfeiçoaram seu projeto e expandiram seus conhecimentos. Um dos encontros mais relevantes foi com Auguste Comte.<sup>6</sup> O filósofo propõe a transformação da humanidade e elege a mulher como principal instrumento para garantir a execução de suas ideias: sem a colaboração feminina, a regeneração moral da humanidade estaria comprometida.

A existência de pontos em comum entre o projeto de Augusto Comte e aquele forjado por Nísia Floresta é constatada através da leitura de obras dos referidos autores. No entanto a relação intelectual entre ambos permanece pouco estudada. Uns afirmam que a brasileira se converteu à filosofia positiva, outros negam sua adesão completa, mas é consenso que alguma influência houve, além da construção de uma amizade fraterna entre eles.

Nesse sentido, este trabalho se propõe a analisar a trajetória intelectual de Nísia Floresta Brasileira Augusta com a finalidade de conhecer o projeto para reformar a educação feminina, formatado por ela através de sua atuação como escritora e educadora, bem como o modelo feminino prescrito por ela, antagônico à realidade observada no Brasil e Europa.

É necessário ressaltar que o projeto elaborado pela brasileira é oriundo especialmente de sua própria experiência como educadora e foi possível graças às condições financeiras de sua família e de seu acesso ao mundo das letras, além das viagens pelo exterior, sua permanência em outros países e o contato com outros intelectuais da época.

As principais questões norteadoras desta pesquisa são: quem foi Nísia Floresta? Qual o contexto social e intelectual que permitiu o surgimento do projeto de educação feminina forjado por Nísia Floresta? Como a sociedade oitocentista caracterizava mulheres que, tais como Nísia Floresta, ousaram se apropriar da escrita? Como se deu a participação feminina na imprensa oitocentista? Como Nísia Floresta compreende a sociedade do período, bem como a situação da educação feminina? Como se deu a atuação de Nísia Floresta como educadora? Quais as prescrições de Nísia Floresta quanto ao modelo ideal de ser mulher? Em que medida o projeto elaborado pela brasileira foi influenciado pela Filosofia Positiva de Augusto Comte e pela obra de Mary Wollstonecraft?

A história de personagens femininas ganha destaque principalmente a partir da década de 1970 com o fortalecimento dos movimentos de mulheres que reivindicavam direitos

---

<sup>6</sup> Auguste Comte (1789-1857): estudou na Escola Politécnica de Paris e foi admitido como professor em 1814, sendo expulso dois anos depois, acusado de conduta subversiva. Publicou *Sistema de política positiva* em 1824, primeiro passo para a elaboração de sua filosofia. Outros títulos de sua autoria são *Curso de filosofia positiva* (em seis tomos) e *Catecismo positivista*. Cf.: COMTE, Auguste. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

sociais e políticos e também com o crescente número de historiadoras que passaram a se dedicar ao estudo dessas personagens esquecidas e silenciadas pelo tempo. No caso específico de Nísia Floresta, o movimento feminista está diretamente ligado com a valorização de sua trajetória, uma vez que é reconhecida como pioneira do feminismo no Brasil.<sup>7</sup>

Obviamente, o feminismo de que Nísia Floresta é apontada como precursora não se assemelha com aquele observado na atualidade. A escritora e educadora não reivindicou a emancipação feminina do lar, nem mesmo o fim das diferenças entre os sexos. No entanto, é uma das primeiras brasileiras a reivindicar através da escrita a valorização social da mulher e de suas funções de filha, esposa e mãe. Ao reivindicar o acesso à educação, Nísia Floresta contribuiu para a obtenção de direitos básicos para as mulheres. É inegável a importância da instrução na construção dos movimentos de mulheres e na conquista por novos espaços na sociedade.

Rachel Soihet<sup>8</sup> trata da relação entre a valorização da participação feminina na história e a disseminação de teorias do feminismo e do movimento de mulheres, uma vez que as militantes desses movimentos tiveram participação relevante no trato de questões envolvendo mulheres na história e na sociedade. Afirma que:

A partir da constatação de negação e de esquecimento, a história das mulheres toma seu impulso em 1970, apoiada na explosão do feminismo e articulada ao crescimento da antropologia e da história das mentalidades, incorporando as contribuições da história social e dos aportes das novas pesquisas sobre memória popular. Esse foi o período-chave dessa produção intelectual: as militantes dos movimentos feministas fazem a história das mulheres antes mesmo que as próprias historiadoras a façam.<sup>9</sup>

Michele Perrot<sup>10</sup> também contribui para a compreensão da multiplicidade de trabalhos historiográficos que colocam a mulher enquanto objeto de pesquisa, ressaltando que escrever uma história das mulheres está relacionado com a concepção de que mulheres “são agentes históricos e possuem uma historicidade relativa às ações cotidianas, uma historicidade das relações entre os sexos”.<sup>11</sup> Outra informação importante para a construção de histórias de mulheres é a especificidade das fontes; produzidas principalmente por homens, muitas mulheres foram silenciadas por não terem acesso à instrução.

<sup>7</sup> SOIHET, Rachel. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. *Estudos feministas*, Florianópolis, v. 13 (1), p. 179-199, jan/abril. 2005, p. 193.

<sup>8</sup> SOIHET, Rachel. A história das mulheres: cultura e poder das mulheres; ensaio de historiografia. *Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, p. 7-30, 2. sem. 2001.

<sup>9</sup> SOIHET, 2001, p. 8.

<sup>10</sup> PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relatos de uma experiência. *Cadernos Pagu*, 1995, p. 9-21.

<sup>11</sup> PERROT, 1995, p. 9.

Ao considerar fontes produzidas por mulheres em comparação com aquelas produzidas por sujeitos masculinos, há certa carência das primeiras. Sendo assim, o estudo das relações entre os sexos no século XIX tende a recorrer aos discursos elaborados por homens sobre mulheres. Daí a importância da escrita feminina nos oitocentos para a compreensão das relações entre os sexos, pois foi através dela que muitas mulheres expressaram seus anseios, sonhos, expectativas, frustrações e etc.

Ao conhecermos a produção intelectual de Nísia Floresta e a sua atuação como diretora do Colégio Augusto, estamos diante de uma interpretação do contexto social em que estava inserida. Como exemplo, é possível destacar seu posicionamento a respeito do ensino público no Brasil, da escravidão negra e da dizimação dos índios, assuntos correntemente debatidos na literatura, em tratados e artigos de periódicos da época, geralmente por homens. Dessa maneira, Nísia Floresta constitui objeto e fonte, oferecendo uma visão possível da sociedade oitocentista.

Para que a ousadia de mulheres que, como Nísia Floresta, adentraram no mundo da escrita seja devidamente compreendida, é fundamental explorar o contexto histórico do século XIX, analisar os discursos masculinos elaborados com a finalidade de combater o avanço da escrita feminina, discutir as concepções sobre o ser mulher e o ser homem nos oitocentos e o constante reforço das diferenças entre os sexos.

Conhecer o contexto histórico é essencial para que a trajetória de Nísia Floresta seja compreendida enquanto singular e, também, como uma trajetória possível. Em relação ao modelo feminino predominante nos oitocentos, a escritora se destaca enquanto mulher instruída e, principalmente, por utilizar a instrução recebida para reivindicar direitos para outras mulheres. No entanto sua iniciativa não é destoante da realidade social daquele período, uma vez que foi um momento de intensos debates a respeito do lugar ocupado pela mulher e da redefinição das diferenças sexuais.

Dessa maneira, a realização deste trabalho tem como ponto de partida a análise de fontes bibliográficas que fornecem informações a respeito do contexto histórico do século XIX e de discursos expressos em jornais e livros daquele período. A análise de obras de autoria de Nísia Floresta também é imprescindível para trazer ao conhecimento as prescrições propostas por ela, bem como o modelo feminino que procurou formatar.

Dentre os trabalhos relevantes para o conhecimento do contexto histórico e intelectual dos oitocentos, podemos destacar Peter Gay com *O cultivo do ódio*<sup>12</sup> e *A educação dos sentidos*.<sup>13</sup> Em ambos é possível identificar o tratamento dispensado às mulheres, principalmente àquelas que adentraram no território da escrita, abrangendo a Europa do século XIX, onde Nísia Floresta passou parte de sua vida e escreveu alguns de seus textos. Gay informa a desordem social causada pela escrita feminina, as tentativas de frear tais iniciativas e a visão que a sociedade expressou a esse respeito. Teresinha Queiroz<sup>14</sup> também informa as reações desencadeadas pela escrita feminina naquele período.

June Hahner<sup>15</sup> privilegia o contexto brasileiro e contribui para a compreensão da situação social da mulher nos oitocentos, a educação que lhe era fornecida e suas relações com o sexo oposto. A partir das informações disponibilizadas é possível identificar como a mulher foi compreendida dentro do ambiente doméstico, tendo a família como principal espaço de valorização. Hahner também aborda a participação de mulheres na imprensa, fundamental para discutir o crescimento da participação feminina em jornais.

Norma Telles<sup>16</sup> enfoca a escrita feminina no Brasil oitocentista e os desafios encontrados. Em relação à escrita feminina em periódicos, Zahidé Lupinacci Muzart<sup>17</sup> e Mônica Yumi Jinzenji<sup>18</sup> oferecem informações relevantes para o entendimento dessa atividade, bem como um panorama dos periódicos escritos para mulheres e por mulheres durante o século XIX.

Para conhecer a biografia de Nísia Floresta, é necessário recorrer a seus principais biógrafos, a saber: Constância Lima Duarte<sup>19</sup> e Adauto da Câmara.<sup>20</sup> Duarte é, também, responsável pelo resgate das obras da escritora no país e no exterior. Rachel Soihet ressalta a relevância do trabalho de Duarte:

<sup>12</sup> GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>13</sup> GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>14</sup> QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilacqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, J.; GOMES, M.; BEZERRA, N. [Org.]. *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café e Lápiz, Editora UEMA, 2011.p. 203-217.

<sup>15</sup> HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 34.

<sup>16</sup> TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

<sup>17</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos feministas*, Florianópolis, jan.-jun. 2003, p. 225-233.

<sup>18</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. *Cadernos Pagu*, jan./jun., 2012, p. 367-394.

<sup>19</sup> DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

<sup>20</sup> CÂMARA, Adauto da. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

Constância percorreu arquivos e bibliotecas do nordeste ao sul do país, assim como no exterior – Portugal, França e Itália –, recolhendo marcas e informações que lhe permitissem reconstruir a trajetória da personagem em foco. Não é pequeno, portanto, o mérito de Constância que, através de um trabalho de fôlego, traz à cena essa personagem de significativa atuação política, social e literária em sua época.<sup>21</sup>

As obras de Nísia Floresta também fornecem indícios de sua vida, uma vez que é repleta de discursos autobiográficos, onde se refere à sua família, a seu casamento, à sua atuação como diretora do Colégio Augusto e às suas viagens ao exterior. Os anúncios em jornais e notícias sobre suas atividades externas também são fundamentais para elucidar aspectos de sua vida pública.

Reconhecendo a imprensa como espaço de legitimação de discursos e considerando-a como indicativo do imaginário social que a produz, alguns jornais publicados durante os oitocentos foram importantes para a compreensão das tensões entre os sexos. Dentre os periódicos analisados estão *Jornal das Senhoras*<sup>22</sup> (Rio de Janeiro), *Correio Mercantil*<sup>23</sup> (Rio de Janeiro), *Diário do Rio de Janeiro*<sup>24</sup> (Rio de Janeiro), *Periódico dos Pobres*<sup>25</sup> (Rio de Janeiro), *Jornal do Comércio*<sup>26</sup> (Rio de Janeiro), dentre outros. A pesquisa nos referidos periódicos foi feita a partir da consulta do acervo digital disponibilizado online pela Biblioteca Nacional.

<sup>21</sup> SOIHET, 2005, p. 193.

<sup>22</sup> Periódico semanal, publicado no século XIX durante três anos consecutivos, de 1852 a 1855, no Rio de Janeiro. É considerado um dos primeiros jornais publicados por mulheres no Brasil. Contava com seções de Moda, Belas Artes, Teatro e Crítica, além de espaços dedicados a partituras de piano e a romances que eram publicados em forma de folhetins. Cf.: LIMA, Joelma Varão. “Jornal das Senhoras”: as mulheres e a urbanização na corte. *Cadernos CERU*, série 2, v. 21, n. 2, p. 227-240, dez. 2010.

<sup>23</sup> Foi publicado na cidade do Rio de Janeiro de 1º de janeiro de 1848 a 15 de dezembro de 1868. Nos anos iniciais da década de 50, o jornal era editado em francês aos domingos. No início de 1848, o cabeçalho do jornal trazia o nome da firma do proprietário, Francisco José dos Santos Rodrigues e Companhia. Cf.: RIBEIRO, José Alcides. *Correio Mercantil: gêneros jornalísticos, literários e muito mais...* *Revista USP*, São Paulo, n. 65, p. 131-147, mar-maio 2005.

<sup>24</sup> Foi fundado por Zefferino Vito de Meirelles, português vindo de Lisboa. O primeiro exemplar saiu dia 1º de junho de 1821, e o último, no ano de 1878. Circulou na cidade do Rio de Janeiro e é lembrado como um dos principais veículos de propagação da literatura nacional e espaço de debates entre os homens de letras do período. Cf.: PROFISSÃO DO HISTORIADOR: Formação e mercado de trabalho. *Anais do XIX Encontro Regional de História*, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: < [http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401482pode5\\_ARQUIVO\\_LAIZPERRU\\_T.pdf](http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401482pode5_ARQUIVO_LAIZPERRU_T.pdf)>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

<sup>25</sup> *Jornal do Rio de Janeiro*, aparecido em 15 de abril de 1850 para substituir *O Annunciador*. A princípio trissemanal, passou a bissemanal e durou, pelo menos, até 22 de março de 1856. Cf.: Disponível em: < <http://machadodeassis.net/download/numero03/num03artigo01.pdf>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

<sup>26</sup> Publicado pela primeira vez em 1º de outubro de 1827, com publicações diárias. Fundado por Pierre René François Plancher de La Noé. Seu último número foi no ano de 2016.

Para que as críticas de Nísia Floresta à situação da educação feminina sejam devidamente compreendidas é necessário conhecer as observações quanto à sociedade observada por ela. Tais observações estão presentes nas obras da brasileira, bem como em jornais da época. A criação do Colégio Augusto confere ainda mais visibilidade à trajetória de Nísia Floresta. Os jornais contêm anúncio de fundação, notícias sobre exames e premiação das melhores alunas, notas sobre o funcionamento e críticas à diretora, nem sempre amistosas.

Quanto às prescrições de um modelo ideal de ser mulher para Nísia Floresta, expressas em suas obras, é imprescindível considerar os discursos dominantes a esse respeito naquele período, as exigências sociais impostas às mulheres. Ana Silva Scott,<sup>27</sup> Michelle Perrot,<sup>28</sup> Elizabeth Badinter<sup>29</sup> são algumas referências relevantes, uma vez que informam sobre as funções desempenhadas por mulheres, ou que esperavam dela, diante da família, do casamento e da maternidade.

As principais fontes utilizadas para analisar a relação intelectual entre Augusto Comte e Nísia Floresta são as obras da brasileira que se aproximam do ideal positivista e o *Catecismo positivista*,<sup>30</sup> de autoria do filósofo. A análise das correspondências<sup>31</sup> trocadas entre eles entre 1856 e 1857 colabora para o conhecimento da relação fraternal cultivada por ambos. Assim, é possível conhecer os limites da simpatia da brasileira para com a filosofia de Comte.

O conjunto de obras escritas por Nísia Floresta é a principal fonte deste trabalho. São, em ordem cronológica; *Fany ou o modelo das donzelas*,<sup>32</sup> *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*,<sup>33</sup> *Opúsculo humanitário*,<sup>34</sup> *O pranto filial*,<sup>35</sup> *Um*

---

<sup>27</sup> SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (org.). *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 15-42.

<sup>28</sup> PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 121-185.

<sup>29</sup> BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>30</sup> COMTE, Auguste. *Catecismo positivista*. In: GIANNOTTI, José Arthur (Sel. Introd.). *Comte*. São Paulo: Abril Cultural: 1978, p. 271-640.

<sup>31</sup> DUARTE, Constância Lima (Org.). *Cartas: Nísia Floresta e Augusto Comte*. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002, p. 18.

<sup>32</sup> FLORESTA, Nísia. *Fany ou o modelo das donzelas*. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009, p. 95-102.

<sup>33</sup> FLORESTA, Nísia. *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009, p. 105-107.

<sup>34</sup> FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

<sup>35</sup> FLORESTA, Nísia. *O pranto filial*. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009, p. 85-92.

apelo à caridade feminil,<sup>36</sup> *Pensamentos*,<sup>37</sup> *Cintilações de uma alma brasileira*.<sup>38</sup> A última é composta por cinco ensaios, mas somente dois são utilizados: A mulher e Um passeio no Jardim de Luxemburgo.

A partir da análise das referidas obras, considerando o contexto histórico, é possível identificar as continuidades, as transformações e o aperfeiçoamento do projeto forjado por Nísia Floresta. É possível, também, conhecer as experiências da brasileira enquanto educadora e viajante. As obras foram selecionadas de acordo com as questões formuladas, uma vez que oferecem informações a respeito de sua vida, seu projeto, suas insatisfações e expectativas.

A característica semelhante a todas as obras escolhidas é a constante afirmação de que somente uma mulher devidamente educada dentro dos padrões morais e religiosos poderia desenvolver suas virtudes e, assim, colaborar com a regeneração moral da sociedade e, conseqüentemente, conduzir o progresso da humanidade tão desejado nos oitocentos. Nísia Floresta ressaltou constantemente que a principal função social feminina, fosse como filha, esposa ou mãe, era promover a moralização da sociedade. Diante de tão importante missão, a escritora reivindica a valorização da mulher, bem como denuncia o abandono em que se encontrava a educação a ela oferecida.

Para que a análise das fontes fosse satisfatória foi considerado o lugar social e institucional<sup>39</sup> ocupado por seus produtores. Assim, reconhecemos que todas elas foram produzidas partindo de condições possíveis, bem como com algum interesse particular. Como exemplo, podemos destacar as críticas ferrenhas de Nísia Floresta às escolas públicas e particulares, especialmente aquelas dirigidas por estrangeiros. Nesse caso, é imprescindível considerar que a escritora é também proprietária de uma instituição de ensino na Corte e de modo algum emite opiniões desinteressadas a respeito dos concorrentes.

Assim também são observados os discursos masculinos que visavam desqualificar a escrita feminina como um todo ou a atividade de diretora exercida por Nísia Floresta. Aqueles que se posicionaram contrários à educação e escrita feminina certamente o fizeram motivados por interesses particulares e/ou pelo receio da desordem social causada por tais práticas. O

---

<sup>36</sup> AUGUSTA, Brasileira. Um apelo à caridade feminil. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro. Ano XII, n. 264, 24 de set. 1855, p. 2.

<sup>37</sup> FLORESTA, Nísia. Máximas e pensamentos para minha filha. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRRN, 2009, p. 23-29.

<sup>38</sup> FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

<sup>39</sup> CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 56-104.

domínio da escrita constituía instrumento de poder, silenciando ou dando voz àqueles que se ergueram pela igualdade intelectual entre os sexos.

É nesse sentido que Roger Chartier<sup>40</sup> oferece reflexões relevantes para a construção do presente trabalho. Compreendemos que os referidos discursos são representações do mundo social, pautadas em interesses particulares. Nísia Floresta escreve com objetivos aparentemente claros, para leitores específicos. Através de sua escrita ela, nos informa a respeito de uma representação possível da situação da mulher nos oitocentos, elaborando interlocuções com a realidade observada e construindo uma interpretação baseada em suas experiências, leituras.

As mulheres nos oitocentos eram, na maioria dos casos, produzidas pelos discursos masculinos. Há uma distância entre a palavra escrita e a experiência vivida; o modelo de mulher propagado através dos respectivos discursos em romances, tratados e jornais nem sempre eram condizentes com a existência feminina.

Tratando de textos políticos ou administrativos, Chartier faz uma observação relevante para este estudo: “Todos eles supõem um destinatário, uma leitura, uma eficácia. Seria necessário relê-los sob esta perspectiva, detectando o modo como têm em conta as capacidades supostas de seus destinatários imaginados.”<sup>41</sup> Adaptando aos nossos objetivos, é essencial considerar para quem Nísia Floresta escreve, além das razões que motivam sua escrita.

Outro conceito discutido por Chartier é útil para pensar a relação intelectual entre Nísia Floresta e Augusto Comte: o de apropriação. A brasileira é, antes de tudo, leitora das obras do filósofo e transforma aquilo que leu e ouviu numa maneira particular de compreender a realidade observada.

A pesquisa é apresentada em quatro capítulos. O primeiro, *Nísia Floresta e a escrita feminina no século XIX*, discute a inserção de mulheres nesse espaço predominantemente masculino, os desafios impostos àquelas que ousaram escrever, bem como a trajetória de Nísia Floresta enquanto escritora, para compreender os possíveis significados sociais da escrita feminina e sua repercussão nas diferenças entre os sexos. Destaca, também, a participação de mulheres em periódicos daquele período. A participação de mulheres no universo da palavra escrita não ocorreu sem resistências, o que também é objeto de análise.

---

<sup>40</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

<sup>41</sup> CHARTIER, 1990, p. 223-224.

O segundo capítulo intitula-se *A educação feminina no século XIX* e se destina a analisar as ideias defendidas por Nísia Floresta quanto à educação feminina. A escritora é a principal fonte para que conheçamos a educadora; a partir da análise de suas obras, podemos identificar seu projeto educacional, defendido durante toda sua trajetória. Nísia Floresta apontou costumes que seriam perniciosos para a educação de meninas e que corrompiam a infância e propõe a reforma do sistema educacional observado por ela. A fundação do Colégio Augusto evidencia que o seu projeto ultrapassou as linhas escritas. Na realidade, a experiência como diretora moldou a escrita de Nísia Floresta, que diversas vezes coloca seu colégio e sua experiência como diretora como exemplos a serem seguidos.

No terceiro capítulo, *Filha, esposa e mãe: papéis femininos nos oitocentos*, se discutem os papéis sociais desempenhados pela mulher nos oitocentos no interior da família e como Nísia Floresta prescreve modelos ideais para filha, esposa e mãe. Outros assuntos discutidos são casamento e maternidade, que são apontados como destino natural de toda mulher. A escritora e educadora reivindica a valorização social da mulher, reconhecendo a família como unidade formadora da sociedade. Atuando no interior da família, estariam exercendo influência no espaço público como consequência.

Por fim, o quarto capítulo, *Quando projetos se cruzam: os encontros intelectuais de Nísia Floresta*, analisa as aproximações e distanciamentos entre o projeto elaborado por Nísia Floresta e as ideias defendidas por Mary Wollstonecraft e Augusto Comte, para compreender a possível repercussão das obras da escritora inglesa e do filósofo francês sobre a escrita da brasileira. Reconhecendo a autonomia da escrita de Nísia Floresta, observam-se as leituras realizadas pela escritora para elucidar o contexto de elaboração do projeto que foi defendido no decorrer de sua trajetória; a educação feminina como regeneradora da humanidade.

## 2 NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX

A principal fonte que permite o estudo da trajetória feminina nos oitocentos é a escrita de mulheres que conseguiram ir além dos limites sociais impostos. Mulheres que questionaram a ordem vigente ao assumirem o controle da narrativa de si. A escrita, nesses casos, tornou-se contestadora pelo simples existir: lugar de predominância masculina, causou desconforto nas mãos de mulheres, reorganizando o conhecimento a respeito das diferenças sexuais.

Faz-se necessário analisar como a escrita feminina foi percebida pelos companheiros do sexo oposto no contexto social do século XIX, percepção atravessada pela concepção de mulher que se discutia naquele período. Momento de intensos debates a respeito da diferença sexual, o referido século é marcado pela forte polarização entre os sexos e a reafirmação da superioridade masculina.

Nesse sentido é imperativo discutir, também, a escrita feminina e seus objetos. Fosse por distração ou para reivindicar a valorização de seu sexo, é forçoso analisar o seu impacto naquela sociedade, os espaços que foram gradativamente ocupados por mulheres escritoras, os aspectos limitantes dessa prática, bem como aqueles que impulsionaram e permitiram sua existência.

O século XIX foi um momento de contestações: a condição da mulher submissa ao homem, propagada pelo discurso filosófico, médico e pela Igreja Católica e naturalizada pela sociedade, foi um dos aspectos questionados por homens e mulheres da época, uns desejosos de manter a ordem vigente, outros de reorganizar a relação entre os sexos.<sup>42</sup>

A mulher se encontrava marginalizada socialmente, excluída dos assuntos políticos, muitas impedidas de exercer função fora do lar. Tal situação foi aceita pela grande maioria delas e internalizada como natural. Percebida como um ser desprovido de inteligência e até de alma, a figura feminina estava presa aos preconceitos que envolviam o seu sexo. Restritas ao ambiente doméstico, quando ultrapassavam os limites do privado despertavam assombro e escândalo.

Às mulheres cabia a função de servir exclusivamente aos desejos e às necessidades masculinas ou familiares. Quando solteiras, deviam obediência irrestrita ao pai, aprendendo

---

<sup>42</sup> FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino: história filosófica da diferença entre os sexos. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

no lar as atividades que desenvolveriam como esposas, quando então passariam a dever obediência aos maridos, além da devoção à família. Sua obrigação era cuidar da casa, atender aos mandos do marido e cuidar dos filhos.

Homem e mulher eram seres totalmente distantes e distintos. Um nasceu para dominar, o outro para obedecer. Gilberto Freyre<sup>43</sup> afirma que era característica do sistema patriarcal brasileiro o homem fazer da mulher tão diferente de si quanto fosse possível, utilizando discursos médicos e científicos se necessário.

Freyre ressalta que essas atitudes masculinas estavam ligadas à tentativa de afastar a mulher de tudo que fosse considerado território de homens, seja a economia, seja a política. A extrema diferenciação que se buscava partia do interesse em garantir a dominação do sexo frágil. Destaca a existência de mulheres que viviam enclausuradas no lar, que tinham na Igreja a única distração, situação favorecida pelo modo de ocupação portuguesa e o costume mourisco de trancafiar suas mulheres.

A educação constituía importante instrumento de controle contra os avanços femininos. Monopólio masculino, as mulheres aprendiam aquilo que lhes era permitido aprender; música, dança, costura e a cozinhar, atividades relacionadas às tarefas domésticas. O acesso à educação e à escrita significou o primeiro passo para a sua emancipação intelectual. Aos poucos, as mulheres iam escrevendo artigos em jornais, romances, tratados, fazendo ecoar sua voz, causando assombro aos homens temerosos da fluidez dos papéis sexuais.

## 2.1 A escrita feminina e a conquista de novos espaços

Teresinha Queiroz ressalta o deslumbramento e horror que acompanhavam a escrita feminina no século XIX. As mulheres que ousavam caminhar por esse novo espaço que representava a escrita provocavam deslocamentos sociais, que nem sempre foram aceitos passivamente por todos, uma vez que repercutia na configuração dos papéis atribuídos a cada sexo.<sup>44</sup>

À medida que essa prática se difundia, levantavam-se por toda parte os que se mostravam contrários a ela, seja por acreditar que diminuía a qualidade da escrita, seja porque

---

<sup>43</sup> FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

<sup>44</sup> QUEIROZ, 2011, p. 204.

causava um reordenamento do gosto e do comportamento dos consumidores. A autora afirma ainda que “a escrita feminina tornou-se um vetor de transformações ou de indicações para mudanças sociais almeçadas por mulheres e constitui-se em reforço aos modelos da família burguesa em ascensão”.<sup>45</sup>

Outro movimento comum daqueles contrários à escrita feminina era a insistência na polarização sexual. Peter Gay afirma que a polarização entre os sexos é reafirmada desde tempos antigos, mas no século XIX ela foi intensificada:

O medo que o homem sente da mulher é tão antigo quanto a história, mas foi só no século burguês que ele se transformou num tema proeminente nos romances populares e tratados médicos. [...] Para a maioria dos homens que se regalavam com a dominação, uma mulher que abandonasse sua própria esfera constituía não apenas uma anomalia, uma mulher-macho; mais do que isso, levantava incômodas questões quanto ao papel masculino, um papel que não se definia mais isoladamente, mas numa constrangedora confrontação com o sexo oposto.<sup>46</sup>

Naquele momento o reconhecimento do talento de mulheres para escrita era comprometido pela concepção que se tinha das capacidades do sexo feminino. As funções de cada sexo eram fixadas pelo discurso. Ao homem cabia o pensar e o agir prudentemente, à mulher cabia o sentir, a inconsequência. O homem pertencia à esfera pública, e a mulher, à esfera privada, como esclarece Michelle Perrot:

A distinção entre público e privado é, ao mesmo tempo, uma forma de governabilidade e de racionalização da sociedade no século XIX. Em linhas gerais, as ‘esferas’ são pensadas como equivalentes dos sexos e jamais a divisão sexual dos papéis, das tarefas e dos espaços foi levada tão longe. Aos homens, o público, cujo centro é a política. Às mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa.<sup>47</sup>

No entanto é importante ressaltar que havia variáveis que exerciam influência na fixidez das esferas pública e privada. Por exemplo, mulheres negras e/ou pobres podiam circular pelas ruas com mais frequência que mulheres brancas de elite. A educação estava mais próxima do segundo grupo que do primeiro, permitindo a conquista de novos espaços públicos através da instrução.

As mulheres que conseguiram o domínio da escrita, publicar artigos em jornais e livros, tiveram alcance a elementos que favoreceram sua educação e que permitiram sua

---

<sup>45</sup> QUEIROZ, 2011, p. 211.

<sup>46</sup> GAY, 1988, p. 128.

<sup>47</sup> PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2005. p. 459.

circulação entre as referidas esferas, tal como pertencer a famílias abastadas e acompanhar aulas particulares ministradas aos irmãos mais velhos por uma preceptora.

A historiografia recente tem questionado a afirmação de que as mulheres, em especial as brasileiras, estavam presas às suas casas, vivendo no ócio, visão difundida, por exemplo, por Gilberto Freyre. June Hahner<sup>48</sup> faz ressalvas à visão da mulher enclausurada na sociedade patriarcal, afirmando que há variações no comportamento feminino de acordo com a classe social.

A fragilidade da afirmação quanto à reclusão das mulheres no ambiente doméstico nos oitocentos é constatada pelo aparecimento de mulheres nas mais diversas regiões do país que participaram ativamente de questões intelectuais e políticas do Império, especialmente através da escrita. Aliás, a escrita foi ingrediente importante na inserção das mulheres na esfera pública da sociedade.

A respeito do acesso de mulheres brasileiras à educação e, conseqüentemente, ao mundo letrado, Norma Telles destaca que a situação feminina na sociedade patriarcal do século XIX no Brasil dificultava o sucesso de mulheres na escrita. A literatura do período revela a marca da exclusão da participação feminina no espaço público. As mulheres, de acordo com ela, estavam excluídas do processo de criação cultural. Afirma:

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso a educação superior, as mulheres do século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher do século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que as gera.<sup>49</sup>

Diante do exposto, é possível identificar alguns dos percalços encontrados pelas mulheres para garantir o domínio da escrita. A busca pela extrema polarização entre os sexos resultava na exclusão da grande maioria de mulheres da vida pública; excluídas das instituições de ensino, ficavam também excluídas das atividades intelectuais, impedidas de produzirem conhecimento sobre si, estavam presas a círculo vicioso que reforçava sua submissão ao sexo masculino.

---

<sup>48</sup> HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

<sup>49</sup> TELLES, 2004, p. 408.

Antes de tornarem-se escritoras, foram leitoras, e leitoras da produção masculina. Mônica Yumi Jinzenji,<sup>50</sup> ao analisar jornais brasileiros da primeira metade do século XIX, ressalta a dificuldade de precisar o público leitor naquele momento, uma vez que a educação era precária e restrita a uma parcela pequena da sociedade e que ler não significava necessariamente o domínio da escrita.

Ainda que soubessem ler, havia aquelas leituras proibidas para moças honradas, capazes de corromper suas virtudes, especialmente romances. Norma Telles justifica:

Em geral o romance era considerado pernicioso e perigoso para mocinhas. A mulher que lê em silêncio conclui com o livro uma aliança que foge ao controle da sociedade de seu meio imediato. Ela conquista assim um espaço de liberdade ao qual somente ela tem acesso. Por isso, o que as jovens e as esposas podiam e deveriam ler era bem policiado por pais, médicos e clérigos. A ela era permitida somente uma literatura amena e que reforçasse os preceitos dominantes.<sup>51</sup>

Mas o perigo maior residia em saber escrever, pois isso lhes conferia a capacidade de estabelecer comunicação secretamente, certa autonomia e independência, além de possibilitar que mulheres se tornassem produtoras de um texto e não mais apenas consumidoras.

Na literatura, apareciam como personagens criadas à imagem e semelhança da vontade masculina. Ora eram mulheres doces, virtuosas, altruístas, capazes de sacrificar a si próprias em prol da família; ora se transformavam em verdadeira ameaça, capazes de dissimular, manipular, perverter a ordem. Telles destaca:

Porém, o anjo tem um lado deveras sombrio, pois em um instante ele poderia se transformar em potência do mal quando não se comportava com propriedade, saía da esfera da família ou usurpava atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas. Tornava-se então um monstro, malvada ou decaída. E sempre aparece quando uma mulher tenta criar ou amar para lhe chamar a atenção.<sup>52</sup>

Essa metamorfose acontecia de forma acentuada no caso de mulheres escritoras. Ser escritora no século XIX era desafiar os padrões sexuais; ao escrever, mulheres eram transformadas de anjos em demônios, masculinizadas, fosse para provar que só seriam capazes de trabalhos assim se fossem homens, fosse de forma pejorativa, tal como uma anomalia.

---

<sup>50</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. *Cadernos Pagu*, jan./jun., 2012, p. 367-394.

<sup>51</sup> TELLES, Norma. Paisagens de letras e palavras. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, 2013. p. 57.

<sup>52</sup> TELLES, 2013, p. 51.

Stéphane Michaud lembra que a representação da imagem feminina pela literatura constituía um instrumento de poder, onde se buscava formatar a mulher ideal, forjando o imaginário social. Quando a mulher assumia a escrita, a sua inferioridade era desmentida, colocando em risco a harmonia desejada pelos homens, afirma que “o espelho que a literatura oferece fala assim de uma verdade não sabida ou que se teria desejado manter oculta. Ela esclarece a sociedade sobre si própria, mais fortemente do que em qualquer época anterior”.<sup>53</sup>

O medo pairava sobre o futuro da família; a dúvida era quem substituiria a mulher no ambiente doméstico caso ela se tornasse escritora por profissão. Annelise Maugue<sup>54</sup> destaca que o receio masculino diante da possibilidade do abandono das funções domésticas pelas mulheres fez brotar cada vez mais enredos com lares devastados, maridos adúlteros, crianças malcuidadas e doentes. Ainda que a mulher optasse pela dualidade de funções, o lar permaneceria prejudicado, independente da profissão que exercessem ou até mesmo pelo gosto da leitura.

A autora ressalta que a escrita causava um deslocamento social que colocava obstáculos para as mulheres, inexistentes para os homens. A transgressão estava no ato de escrever e não necessariamente numa escrita que reivindicasse direitos. A maioria não contestava a função social que lhes era imposta e se enxergavam divididas entre as obrigações domésticas e o desejo de escrever. Destaca:

As mulheres escritoras não ignoravam que não é fácil ser um indivíduo de corpo inteiro apenas durante uma parte do tempo. Elas vivem constantemente as dificuldades e contradições desse modo de viver. ‘Por vezes, quando ensino ou costuro, queria estar a ler ou a escrever’, confessava Charlotte Bronte. Mas não só o tempo entra em jogo. As mil preocupações determinadas pelas necessidades dos outros, ‘essa série de tarefas domésticas’, queixava-se Eugénie de Guérin, ‘que ocupam todos os meus momentos e todo o meu próprio eu’, dispersaram e diluem um eu que, no ímpeto criador, aspira com uma intensidade particular a concentrar-se para desenvolver sua singularidade.<sup>55</sup>

Telles destaca a dificuldade feminina em romper com padrões impostos pelos homens. Afirma que “antes de atingir autonomia como escritora era preciso repassar e rever essas

---

<sup>53</sup> MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle [Dir.]. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 250.

<sup>54</sup> MAUGUE, Annelise. A nova Eva e o velho Adão. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle [Dir.]. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 582-601.

<sup>55</sup> MAUGUE, 1991, p. 585.

máscaras serenas que lhe haviam sido colocadas, dissecar as imagens do ‘feminino ideal’ que de tão ubíquas também aparecem nos textos das escritoras”.<sup>56</sup>

A escrita atraiu as mulheres, a princípio, pelo ganho financeiro que poderia proporcionar. Assim, Peter Gay afirma que a escrita constituía uma alternativa viável para aquele momento. Afinal, a mulher não precisaria sair do espaço doméstico para escrever, poderia fazê-lo entre os intervalos de uma atividade e outra e tinham tempo disponível, uma vez que outras profissões lhes eram vetadas. Gay destaca:

As razões pelas quais as mulheres entraram nesse modo de ganhar a vida eram bastante óbvias, na época. As obstruções enfrentadas por uma poeta ou uma romancista eram menores, se comparadas às que bloqueavam seu acesso às profissões liberais, para não falar da política. Ela podia escrever em casa, recolhidamente, nos intervalos dos serviços domésticos; não exigia capital, treinamento ou instrução avançada – apenas uma mesa, a parafernália para escrever e algum tempo roubado.<sup>57</sup>

É o caso, por exemplo, de George Sand que estava entre o dinheiro e a paixão, de acordo com Gay. A escritora em alguns momentos afirmou que seu interesse pela escrita era financeiro, mas em outros declarou paixão, prazer em escrever, sentimento compartilhado também por outras mulheres, ainda que lhes fosse recomendado evitar a prática.

Pseudônimo de Aurore Dupin, Sand, de origem aristocrática, nasceu em julho de 1804 em Paris. Sua produção é contínua entre os anos de 1830 e 1876 e engloba romances, contos, peças de teatro, artigos e ensaios políticos. Sand é conhecida pela vida amorosa conturbada, inclusive a origem do seu pseudônimo seria fruto do relacionamento com Jules Sandeau.<sup>58</sup>

Acusada diversas vezes de levar vida promíscua, com uma variedade enorme de amantes, usa a escrita como meio de sobrevivência após fugir de um casamento infeliz, duas características condenáveis por seus contemporâneos. A respeito da reputação de Sand, Gay afirma que:

Sem dúvida, a notoriedade que ela gozou e suportou até a década de 1830 estava ligada à sua juvenil militância política e sexual. Jamais desapareceu totalmente a espantosa descrição que faziam dela, de escandalosa conquistadora do mundo literário, zombando dos padrões morais dominantes, com seus amantes, seus charutos, suas calças. Mas os companheiros de ofício de Sand, os escritores, descontavam a maledicência e celebravam a profissional honesta e trabalhadora.<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> TELLES, 2012, p. 53.

<sup>57</sup> GAY, Peter. O poderoso sexo frágil. In: GAY, Peter. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 332.

<sup>58</sup> COSTA, Patrícia Rodrigues; SOUSA, Germana Henriques Pereira de. George Sand no Brasil. *Belas infieis*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 257-288, 2015.

<sup>59</sup> GAY, 2001, p. 354.

Sand chegou a frequentar assembleias e outros espaços públicos travestida de homem. Maugue destaca que o sucesso da escritora fez com que os homens a incluíssem dentro do seu próprio grupo. Andrógina Sand? – indaga Maugue – talvez; mas porque tem gênio, homem em primeiro lugar, homem essencialmente.<sup>60</sup> Não havia como negar o sucesso de suas obras, logo, só restava uma explicação: Sand era um homem. Ainda de acordo com Maugue:

Depressa ela deixa de ser comparada aos homens, mais incluída entre eles, e esta mutação não se cumpre apenas à distância, mas por meio de artigos elogiosos: Sand torna-se um homem para os homens até na proximidade da amizade. ‘Conversei com um camarada’, garante Balzac depois de uma estadia na casa dela, enquanto Flaubert lhe chama de ‘caro mestre’ em toda a sua correspondência. E quando Sand morre, Flaubert declarou: ‘Era preciso conhecê-la como eu conheci para saber tudo o que havia de feminino neste grande homem (...)’.<sup>61</sup>

A intelectualidade de Sand e de outras mulheres escritoras de seu tempo desafiava o poder que o saber significava naquele momento. Quando mulheres conquistavam o sucesso no mundo da escrita, passavam a ser vistas essencialmente como homens, uma vez que “a partilha do saber é impossível, porque é impossível a partilha do poder que ele confere”.<sup>62</sup>

Para se consolidarem no universo da escrita, as mulheres não encontraram somente a resistência masculina em assumir sua capacidade para a produção intelectual, mas em si próprias e nas suas iguais. Como afirmou Telles, o primeiro exercício era desvencilhar-se das imagens de si construídas pelo discurso masculino e internalizadas pelas mulheres.

Cientes dos seus limites e das dificuldades que surgiriam, muitas mulheres escritoras assumiram uma postura conformista diante das críticas, não somente aceitando os comentários negativos a respeito de sua capacidade criativa, mas também se antecipando aos críticos e reconhecendo a fragilidade de sua escrita e assumindo uma inferioridade que sua escrita contestava.

Roger Chartier oferece uma explicação para o hábito comum entre as mulheres escritoras de desqualificar sua produção, quando destaca que “a construção da identidade feminina se enraíza na interiorização pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos”.<sup>63</sup> Assim, “as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros”.<sup>64</sup>

---

<sup>60</sup> MAUGUE, 1991, p. 595.

<sup>61</sup> MAUGUE, 1991, p. 595.

<sup>62</sup> MAUGUE, 1991, p. 594.

<sup>63</sup> CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, 1995, p. 40.

<sup>64</sup> CHARTIER, 1995, p. 40.

Telles destaca que tais atitudes constituíram, em alguns casos, estratégias para permanecerem no universo da escrita e que mesmo em fins do século XIX o receio da escrita permanecia entre as mulheres. Afirma que era necessário recorrer à táticas de apagamento, “máscaras de humildade, desmerecimento, amesquinamento. A escritora que não se desculpasse por escrever podia contar com crítica feroz”.<sup>65</sup>

Mesmo quando se posicionavam politicamente ou reivindicavam maior participação na sociedade, era comum a tentativa de abrandamento na escrita, a fim de evitar fortes opositores. Maria Lígia Prado e Stella Scatena Franco, a esse respeito, destacam:

Assim, é muito comum encontrarmos nos escritos femininos dessa época a convivência de propostas de mudanças bastante radicais com relação ao comportamento feminino ao lado de afirmações extremamente convencionais. As escritoras faziam isso porque se preocupavam com as repercussões de seus escritos entre o público leitor e com as represálias que podiam sofrer por pensarem muito diferente do esperado.<sup>66</sup>

A adequação das personagens de seus livros ao discurso masculino é outra marca da escrita feminina do período, ou seja, são criadas de acordo com aquilo que os leitores esperam que elas sejam, ainda que suas criadoras não estejam exatamente seguindo o padrão de mulher ideal na sua vida íntima. Em muitos casos se tratava de uma estratégia, a fim de facilitar sua inserção no cenário literário.

No entanto o distanciamento entre a vida cotidiana das escritoras e a sua escrita não diminui o mérito dessas mulheres, como destaca Claude Dulong ao afirmar que o ato de escrever já representava uma atitude ousada:

Ao imaginarem apenas heroínas virtuosas, não teriam essas romancistas deliberadamente escolhido reprimir a sua sexualidade em proveito de sua intelectualidade? Por outras palavras, o ato libertador, o ato emancipador era escrever, independentemente do que se escrevia.<sup>67</sup>

Outro artifício utilizado por mulheres escritoras era o uso de pseudônimos, visando à preservação de sua reputação e visto como facilitador da recepção de suas obras, já que a maioria assumia um pseudônimo masculino. Maugue analisa o uso de pseudônimos por outro ângulo, indo além da explicação do desejo de fugir às críticas e perseguições; as mulheres

---

<sup>65</sup> TELLES, 2013, p. 51.

<sup>66</sup> PRADO, Maria Lígia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 207.

<sup>67</sup> DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 488-489.

recorriam a esse instrumento não apenas como proteção, mas para legitimarem para si mesmas sua capacidade teórica.<sup>68</sup>

Não há como negar que houvesse alguma intencionalidade no uso de pseudônimos por parte dessas mulheres, ainda que não se possa precisar qual. É constatado o interesse em forjar uma nova identidade, onde, em alguns casos, o pseudônimo se torna a principal forma de reconhecimento social dessas personagens.

Tais estratégias deixam evidente a insegurança feminina ao adentrar em espaços masculinos. Em muitas, não havia realmente o desejo de romper com a ordem social vigente ou reorganizar os papéis sexuais; mas, ao adentrar numa atividade feita predominantemente por homens, tornavam incerto o que se conhecia de cada sexo naquele momento. Criar personagens femininas conforme o modelo ideal era, também, a forma encontrada para diminuir o impacto de sua escrita, demonstrar sua adequação às expectativas masculinas.

O assombro não era exclusividade dos homens, as mulheres também defendiam a manutenção da ordem social. Mesmo entre as escritoras, havia aquelas que se posicionavam de modo mais conservador diante dos avanços das companheiras, também temerosas do abandono do lar, escandalizadas com as possibilidades antes desconhecidas e criadas com o aparecimento da escrita feminina.

Que um homem tivesse conhecimento ou mesmo imaginação para escrever romances era bem mais compreensível que aceitar que uma mulher tivesse entendimento sobre assuntos tão íntimos, revelando seu caráter. As que escreviam enfrentavam, de acordo com Gay, o conflito entre autonomia e domesticidade, a arte e o amor.<sup>69</sup>

Dentre mulheres escritoras que ofereceram resistência à abertura de espaço na literatura para romances de autoria feminina, Gay destaca George Eliot, ressaltando que ela não foi capaz de compreender os impasses da escrita feminina e suas limitações. Afirma:

George Eliot não se opunha em princípio às ‘senhoras romancistas’; o que a aborrecia era que as mulheres contemporâneas estavam turvando a pura corrente da literatura com uma lamacenta avalanche de ficção popularesca. Os romances que George Eliot achava mais censuráveis apresentavam heroínas sobre-humanas, belas, instruídas e sagazes, religiosas. Nas histórias em que elas viviam suas graças tudo ia bem – ou melhor, tudo deveria ir bem – no melhor dos impossíveis mundos. Tais ficções eram espúrias, ao seu ver, devido simplesmente à falta de exposição ao mundo por parte de suas autoras. Eram escritas em perfumados *boudoirs* por senhoras sem cérebro. George Eliot nem sequer concedia às tolas senhoras romancistas o alibi de que ‘a sociedade impedia-lhes outras esferas de ocupação.’<sup>70</sup>

<sup>68</sup> MAUGUE, 1991, p. 598.

<sup>69</sup> GAY, 2001, p. 331.

<sup>70</sup> GAY, 2001, p. 336.

George Eliot se chamava na realidade Mary Ann Evans e recorreu ao pseudônimo para esconder-se das críticas e perseguições que pudesse sofrer no início da profissão. Nasceu em 1819 em Chilvers Coton e faleceu em 1880. Seu primeiro trabalho foi em 1844 ao traduzir a obra de David Strauss, mas sua produção reúne inúmeros romances e poesias.<sup>71</sup>

Sua produção é extensa e marcada por histórias que retratam o cotidiano e as relações interpessoais. A sua escrita é, também, exemplo entre aquelas que constroem heroínas com caráter ambíguo: as atitudes questionam a realidade observada, mas acabam por se adequar ao comportamento hegemônico. A esse respeito, Janaína Gomes Fontes afirma:

Eliot transmite uma certa ambiguidade ao escrever a história das heroínas de seus romances [...]. Ao ler suas reflexões e conflitos, percebe-se que seus desejos e vontades se contrapõem a diversos valores da sociedade vitoriana, principalmente os que oprimem as mulheres. No entanto, por mais que se esforcem no sentido de fugir dessa opressão, elas acabam tendo que se submeter a ela. É como se Eliot tentasse denunciar, por meio do comportamento de suas heroínas, os malefícios de um sistema que subjuga as mulheres, mas seja por medo de não conseguir aceitação, seja por um certo conservadorismo próprio, acabasse por castigá-las para que aprendessem suas lições.<sup>72</sup>

Eliot é exemplo dentre as escritoras que atingiram o reconhecimento e prestígio social, mesmo após revelar sua identidade feminina, além de exemplificar a escrita que transgredir por existir, ainda que não possuísse a clara intenção de revolucionar os papéis sexuais estabelecidos. Apesar de manter na escrita traços conservadores, sua vida íntima também levantava suspeita. Na realidade, qualquer mulher que tomasse a pena já estava suscetível a questionamentos sobre sua dignidade.

O início do século XIX assistiu ao aparecimento de outra escritora, lida até os dias atuais, Jane Austen. Nascida em dezembro de 1775, faleceu em 1817 deixando obras a publicar postumamente. Dentre as obras mais conhecidas podemos citar *Razão e sensibilidade*, *Orgulho e preconceito* e *Emma*, publicados com certa dificuldade em função dos obstáculos editoriais colocados diante de mulheres escritoras. Claude Dulong informa as dificuldades encontradas por Austen:

Estava este século a chegar ao fim quando Jane Austen escrevia seus romances, o que significa que as mulheres escritoras eram então um pouco menos reprimidas que antes. Mas, na província inglesa onde vivia, Jane estava tão condicionada pelos preceitos então vigentes que só escrevia às

<sup>71</sup> FONTES, Janaína Gomes. *George Eliot: a maternidade ressignificada*. 2014. 268 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, Brasília, 2014, p. 10-11.

<sup>72</sup> SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA, 14., 2011, Brasília. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*, Brasília, 2011, v. 1, n. 1. Disponível em: < <http://www.mulhereliteratura.com.br/anais/>>. Acesso em 1 de abril de 2016, p. 2.

escondidas, em pequenas folhas soltas de formato suficientemente reduzido para, em caso de entrar alguém, poderem ser escondidas debaixo de um livro.<sup>73</sup>

No caso de Austen, é possível verificar elementos que favoreceram sua educação e permitiram sua escrita, tal como o gosto da família pela literatura romanesca, a indicação de que seu pai teria uma biblioteca em casa e a instrução que recebera nos primeiros anos. A possibilidade que tais mulheres tinham de escrever é evidência das transformações nos papéis sexuais da sociedade nos oitocentos.

É importante ressaltar que é comum entre mulheres escritoras o acesso à instrução, o apoio de algum personagem masculino, marido, pai ou irmãos, além da discriminação sofrida, os temores de adentrar nesse espaço em que a produção literária era predominantemente feita por homens.

A escrita de Austen e Eliot confrontou a realidade observada ao elaborar personagens representativos do cotidiano, inclusive a primeira tem a ironia como marca reconhecida de sua produção. Mesmo sem contestar o lugar reservado à mulher em sociedade, as escritoras enfrentaram resistências para se estabelecer no universo das letras. Diferindo delas, Maria Firmina dos Reis, já na segunda metade do século XIX, publicou obras que questionavam diretamente o cenário brasileiro.

Maria Firmina nasceu em 1825 e faleceu em 1917. Autodidata, foi professora em escola pública no Maranhão, compositora e participou da vida intelectual maranhense ao escrever em jornais. A sua obra de maior destaque é *Úrsula*, escrita em 1859, considerado um dos primeiros romances a ser publicado por uma mulher no Brasil. Além deste, publicou *Gupeva* em 1861 com temática indianista e o conto “A escrava” em 1887, em meio a forte campanha abolicionista.<sup>74</sup>

A partir do que se conhece a respeito da configuração social do século XIX, podemos verificar que Maria Firmina estava ainda mais marginalizada que as autoras supracitadas, uma vez que era filha ilegítima, mulata e não pertencia a família abastada, além de ter se aventurado do mundo das letras.

*Úrsula* retrata o olhar do escravo. “A autora não fala do escravo em geral, figura abstrata, mas o individualiza através de suas personagens em histórias, sentimentos e ideais

<sup>73</sup> DULONG, 1991, p. 486.

<sup>74</sup> ANDRETA, Bárbara Loureiro; ALÓS, Anselmo Peres. A voz e a memória dos escravos: *Úrsula* de Maria Firmina dos Reis. *Identidade!*, São Leopoldo, v.18, n 2. jul./dez. 2013, p.194-200.

próprios”.<sup>75</sup> Através do seu romance, demonstrou os conflitos da sociedade, conflitos entre homens livres e escravizados, entre homens e mulheres.

Ao analisar o que escreveu a autora no prólogo de *Úrsula*, se verifica que compartilha das características de muitas outras mulheres escritoras:

Não é vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida; o seu cabedal intelectual é quase nulo.<sup>76</sup>

Maria Firmina nega que sua escrita carregue o desejo íntimo de reconhecimento, nega que tenha capacidade para escrever um romance de qualidade comparável ao escrito por homens, assumindo desta maneira postura humilde e conformista. Na primeira edição da obra, a autora optou por fazer uso de pseudônimo, provavelmente consciente da ousadia de escrever e dos perigos que a prática implicava.

A sociedade do século XIX foi gradativamente abrindo espaço para a escrita feminina, ainda que com resistência. O discurso a respeito da inferioridade intelectual das mulheres persistia, em contrapartida, ficava cada vez mais difícil ignorar o aumento das publicações em jornais e romances produzidos por elas.

## 2.2 A conquista feminina no universo da imprensa

Os jornais foram um dos primeiros espaços conquistados pela escrita feminina. Sem terem que enfrentar a resistência de editores, enviando artigos livres, assinando com pseudônimos e tendo periódicos específicos para seu sexo, a imprensa se tornou espaço de manifestação das vozes femininas.

Em princípios do século XIX, a presença de mulheres em publicações de jornais era mínima. Existiam aqueles dedicados a elas, tratando em sua maioria de literaturas, modas e ditando um modelo de educação considerado adequado. Zahidé Lupinacci Muzart ressalta que a presença feminina em periódicos foi constante, apesar do aparente esquecimento:

Mas, curiosamente, embora à margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX, tanto nos dirigidos por homens quanto nos inúmeros criados e mantidos por elas próprias. Aliás, é quase

---

<sup>75</sup> TELLES, 2013, p. 59.

<sup>76</sup> REIS apud ANDRETA; ALÓS, 2013, p. 195.

impossível estudar a literatura feita por mulheres no século XIX sem nos debruçarmos no estudo e levantamento do que foi publicado nos periódicos dessa época.<sup>77</sup>

Dentre os periódicos dedicados às mulheres, estavam o *Espelho Diamantino*<sup>78</sup> no Rio de Janeiro, *O Espelho das Brasileiras*<sup>79</sup> em Recife, *A Fluminense Exaltada*<sup>80</sup> no Rio de Janeiro, *O Mentor das Brasileiras* em São João Del-Rei. A participação feminina nos periódicos envolvia, em sua maioria, comentários a respeito das edições anteriores, de seções favoritas ou solicitações de publicações.

*O Mentor das Brasileiras* foi publicado entre os anos de 1829 e 1832, criado e dirigido por homens, mas direcionado para o público feminino. José Alcebíades Carneiro, professor de latim, era o redator do jornal. Entre os assuntos abordados, encontramos artigos dedicados à defesa da instrução feminina, o que deixa evidente que, já nas primeiras décadas do século XIX, a discussão se instalara no Brasil e, por ser lido por mulheres brancas, livres, de elite, esclarece para qual grupo se recomendava o acesso à educação.

A participação de mulheres no referido jornal não se limitou apenas a leitoras, muitas participavam enviando artigos que eram publicados. Jinzenji destaca que, ao analisar o jornal, é possível identificar que mulheres do período tinham o hábito de escrever ensaios, poesias, mas preservando sua identidade. A respeito da colaboração feminina, afirma:

Em *O Mentor das Brasileiras*, cujo conteúdo veiculado possibilita classificá-lo como noticioso e de variedades, escritas atribuídas à autoria feminina totalizam 56 das 1.024 páginas, o que representa 5,4% do volume total do conteúdo impresso. Nessas páginas se encontram principalmente hinos, sonetos e poesias (21), correspondências de leitoras (31) e transcrições de discursos de professoras de escolas públicas de meninas (12) quando da realização dos exames públicos semestrais.<sup>81</sup>

Ainda que pequena, constata-se a presença de mulheres no mundo da escrita em jornais em princípios do século, tendo como leitor imediato o redator a quem primeiro chegavam os textos de sua autoria e que, conseqüentemente, eram seus primeiros censores.

<sup>77</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos feministas*, Florianópolis, jan.-jun. 2003. p. 225-226.

<sup>78</sup> Criado pelo jornalista Pierre Plancher, circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1827 e 1828, com periodicidade quinzenal. Em seus quatorze números, publicou contos, poesias, comentários sobre arte, notícias sobre política e artigos de moda e culinária. Cf.: DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 28.

<sup>79</sup> Circulou em Recife, impresso pela Tipografia Fidedigna. São conhecidos 30 números, de fevereiro a julho de 1831. Cf.: DUARTE, 1995, p. 180.

<sup>80</sup> Circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1832 e 1846. Defendia a monarquia e revelava interesse pela condição feminina. Cf.: DUARTE, 2016, p. 60.

<sup>81</sup> JINZENJI, 2012, p. 377.

Apesar de publicarem opiniões negativas a respeito de artigos anteriores, é indiscutível que as produções femininas aceitas eram concordantes com a ideologia veiculada pelo periódico, geralmente ressaltando papéis sociais de mãe e esposa virtuosa.

O diferencial de jornais dedicados à mulher e abertos para suas contribuições poderia estar em reconhecer a importância feminina na construção e manutenção da sociedade, ainda que não existisse qualquer interesse em modificar a posição social da mulher. Ao contrário, quando se reivindicava sua educação era visando reforçar as diferenças entre os sexos, baseadas na função que cada um deveria desempenhar para o bom funcionamento da sociedade.

Nesse período, ainda não é possível afirmar a existência de uma imprensa dita feminina. Mesmo os jornais pensados para elas, não foram pensados por elas, não representavam suas vozes, mas aquilo que os homens esperavam delas e o que lhes permitiam dizer. Jinzenji conclui:

A participação na imprensa através da escrita, como mais uma possibilidade de expressão das mulheres, era ainda incipiente nas primeiras décadas do século XIX brasileiro. É a partir da segunda metade do século XIX que os jornais redigidos e dirigidos por mulheres começam a surgir no Brasil, dando origem à chamada *Imprensa feminina*.<sup>82</sup> (grifo do autor)

A participação de mulheres no mundo da escrita através de jornais se intensificou na segunda metade dos oitocentos. Hahner destaca que o aumento no número de mulheres letradas no Brasil nesse período contribuiu para o quadro. De posse da escrita, um dos principais temas abordados pelas mulheres era a instrução feminina, enfatizando a importância da educação.<sup>83</sup>

Muzart ressalta que a historiografia tem subestimado a participação feminina na imprensa, reduzindo sua multiplicidade de ação:

Pois o número de mulheres no século XIX que escreveram, tanto em periódicos como em livros, é enorme e seu campo de atuação, também muito amplo: habitaram diversas regiões no Brasil, pertenceram a mais de uma classe social, da mais alta à mais bem pobre, foram brancas arianas ou negras africanas...<sup>84</sup>

A autora afirma, também, que, mesmo estando à margem, a literatura feminina esteve presente nos mais diversos periódicos do período e que a fundação de jornais por mulheres

---

<sup>82</sup> JINZENJI, 2012, p. 390.

<sup>83</sup> HAHNER, 2012, p. 61.

<sup>84</sup> MUZART, 2003, p. 225.

estava fundamentada na necessidade de conquistarem direitos. Reivindicavam principalmente direito à educação e ao trabalho e, posteriormente, o direito ao voto.<sup>85</sup>

O esquecimento dessas mulheres é, de acordo com Muzart, um esquecimento político, uma vez que as atuantes mais ávidas foram constantemente ignoradas, silenciadas, enquanto aquelas que assumiram postura conformista eram louvadas e até agraciadas pelos leitores masculinos.<sup>86</sup>

Comumente se atribui o primeiro periódico feito por mulheres e dedicado a elas ao *Jornal das Senhoras*, publicado pela primeira vez no dia 1º de janeiro de 1852, dirigido por Joana Paula Manso de Noronha, “uma argentina que, separada de seu marido, um compositor e violinista português, viveu no Rio, onde lecionou, colaborou para jornais e publicou vários trabalhos literários”.<sup>87</sup>

No entanto, Muzart destaca outra personagem feminina: Maria Josefa Barreto Pereira Pinto. Nascida em 1775, no Rio Grande Sul, seria a primeira mulher a fundar um periódico no Brasil, *Belona Irada contra os Sectários de Momo*, e, posteriormente, fundou outro jornal com Manuel dos Passos em 1833, chamado *Idade d’Ouro*. A autora afirma que:

Esse teria sido o primeiro jornal fundado por mulher no Brasil, 19 anos antes daquele de Joana Paulo Manso, que é considerado por todos como o fundador do periodismo feminino. O jornal, como o nome indica, polêmico, era um jornal político, muito diferente dos objetivos do *Jornal das Senhoras*. O *Belona* não fez escola, e o que se tornou modelo inicial para os periódicos feministas do século XIX foi o *Jornal das Senhoras*. Maria Josefa não era lady, era uma trabalhadora e uma mulher de ‘faca da bota’...<sup>88</sup>

Maria Josefa Barreto é um exemplo dentre mulheres que se posicionaram politicamente através da escrita e foram hostilizadas pelos seus contemporâneos. Poucas foram as mulheres, que ainda no início do século, conseguiram se posicionar de forma tão marcante.

No caso do *Jornal das Senhoras* se identifica uma postura menos rígida, com leituras voltadas para a moda, a recomendação de livros, músicas e outros elementos que compunham o mundo das mulheres de elite, mas que não deixa de ser uma proposta desafiadora para a época. O jornal questionou a educação que até então era destinada às mulheres e o lugar que ela ocupava na sociedade.

---

<sup>85</sup> MUZART, 2003, p. 226.

<sup>86</sup> MUZART, 2003, p. 227.

<sup>87</sup> HAHNER, 1981, p. 34.

<sup>88</sup> MUZART, 2003, p. 229.

É interessante analisar o artigo feito pela redatora no primeiro número do jornal, dedicado às assinantes, abaixo transcrito em parte:

Redigir um jornal é para muitos literatos o apogeu da suprema felicidade, já sou Redator, esta frasezinha dita com seus botões faz crescer os palmos a qualquer indivíduo. No circuito ilustrado o Redator é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pode dizer muita coisa, propícia ou fatal a alguém. [...] Ora, pois, uma Senhora a testa da redação de um jornal! Que bicho de sete cabeças será?<sup>89</sup>

Neste primeiro momento, é visível que a redatora tem conhecimento do estranhamento que a sua escrita vai causar e, principalmente, o fato de ser ela redatora de um jornal, lugar de prestígio ocupado por homens. É o exemplo dos deslocamentos sociais decorrentes dos avanços na escrita feminina e, também, da postura humilde adotada por mulheres que ousaram ultrapassar esses limites tão instáveis, como é possível observar no trecho a seguir:

Ora! Não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do Império, Metrópole do sul d'América, acolherá de certo com satisfação e simpatia O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem vontade e o desejo de propagar a ilustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para emancipação moral da mulher.<sup>90</sup>

Portanto, fica evidente que o objetivo de sua redatora era promover a emancipação moral da mulher, ou seja, possuía um objetivo claro e convida as iguais de seu sexo a fazerem parte desse audacioso projeto: “Eis-nos, pois em campanha; o estandarte da ilustração ondula gracioso à brisa perfumada dos Trópicos: acolhei-vos a ele todas as que possuem uma faísca de inteligência, vinde.”<sup>91</sup>

O jornal era destinado à mulher de elite, aquela com acesso à instrução é chamada para repensar sua existência e sua função naquela sociedade, além de acompanhar as inovações da moda, no teatro, na música e outras seções de interesse feminino. Nos artigos de números seguintes, encontramos a defesa da inteligência feminina, a negação de sua inferioridade e a contestação das injustiças a que as mulheres estavam submetidas.

Quanto à recepção do jornal pela sociedade, Hahner afirma que é difícil avaliar de forma precisa a reação do público. Mas destaca que *O Jornal das Senhoras* parece incluir

<sup>89</sup> NORONHA, Joana Paula Manso de. Às nossas assinantes. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1852, p.1.

<sup>90</sup> NORONHA, Joana Paula Manso de. Às nossas assinantes. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1852, p.1.

<sup>91</sup> NORONHA, Joana Paula Manso de. Às nossas assinantes. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1852, p.1

tanto a hostilidade masculina quanto a timidez e indiferença femininas. Ele enfrentou ambos num grau maior do que o fariam seus sucessores”.<sup>92</sup>

As mulheres instruídas que tinham acesso ao jornal, e não o ignoraram, parecem ter se interessado em enviar suas contribuições a pedido da redatora. E ela tinha consciência das dificuldades da publicação de textos femininos e assegurava que a identidade de suas colaboradoras permaneceria em anonimato caso assim desejassem. Mas Joana Paula Manso de Noronha permaneceu pouco tempo à frente da redação; seis meses após a inauguração do jornal, a função foi repassada para Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco.

O motivo, de acordo com Hahner, seria as dificuldades financeiras enfrentadas pelo jornal. Dessa forma, é possível concluir que o empreendimento não angariava ganho financeiro satisfatório. A respeito da nova redatora, a autora destaca que: “Como editora, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco acentuou a superioridade emocional da mulher e suas qualidades espirituais pelas quais deveria ser venerada”.<sup>93</sup>

O jornal funcionou até 1855. Menos de uma década depois, em 1862, surgiu outro periódico, intitulado *O Belo Sexo* no Rio de Janeiro, o que demonstrava que Joana Paula Noronha contribuiu para a formação de mulheres leitoras e escritoras. “Embora as colaboradoras de *O Jornal das Senhoras* demonstrassem uma grande timidez, deram um pequeno passo na estrada em direção a superar seus medos e a se tornarem mais conscientes dos problemas que enfrentavam”,<sup>94</sup> conclui Hahner.

Norma Telles destaca que a fundação de jornais por mulheres com o objetivo de esclarecer as leitoras se intensifica no final do referido século. Pertencentes a mulheres de classe média, muitas investiam todos os recursos para manutenção do jornal.<sup>95</sup> Dessa maneira, é verificável que, ao escreverem em jornais e, posteriormente, ao assumirem a redação de periódicos, essas mulheres assumiram uma missão em comum, resgatar o seu sexo da ignorância, arriscando sua reputação e investindo dinheiro nos projetos empreendidos.

Em sua maioria, essas mulheres reivindicavam educação e o reconhecimento da sua inteligência. A sua escrita contestava a afirmativa masculina de que suas capacidades eram limitadas ao ambiente doméstico e não poderiam existir racionalmente fora dele. Outros elementos comuns a muitos periódicos femininos do período é a negação da beleza enquanto virtude, da futilidade e a contestação da afirmativa masculina de que seriam as mulheres desprovidas de intelecto.

---

<sup>92</sup> HAHNER, 1981, p. 39

<sup>93</sup> HAHNER, 1981, p. 41.

<sup>94</sup> HAHNER, 1981, p. 42.

<sup>95</sup> TELLES, 2004, p. 428.

Verifica-se que gradativamente a mulher foi ocupando novos espaços e fazendo ecoar sua voz através de poesias, livros ou artigos em jornais. A escrita feminina reivindicava a valorização social da mulher, questionando o lugar que os homens tinham lhe reservado através de argumentos ou, em todos os casos, através do simples ato de escrever e colocar em prática uma atividade que o discurso masculino reforçava constantemente não pertencer a elas.

### 2.3 De Dionísia Gonçalves Pinto à Nísia Floresta: vida e obra

Dionísia Gonçalves Pinto nasceu no dia 12 de outubro de 1810 no sítio Floresta em Papari, Rio Grande do Norte. Filha do advogado português Dionísio Gonçalves Pinto e da brasileira Antônia Clara Freire, Dionísia tinha três irmãos: Clara, Joaquim, e outra irmã, filha do casamento anterior de sua mãe, do qual ficou viúva. Sua família era detentora de grande quantidade de terras, e foi perseguida durante as revoltas antilusitanas que se iniciaram em 1817 no Nordeste,<sup>96</sup> que resultou em constantes fugas do local.

Casou-se aos treze anos com Manuel Alexandre Seabra de Melo, descrito como homem rude, de pouca instrução e possuidor de terras, mas poucos meses depois voltou a residir com os pais. Não se tem notícia de documentos que comprovem a anulação do seu primeiro casamento. Constância Lima Duarte ressalta as perseguições do primeiro marido, inconformado com o fim do casamento e também a fama de adúltera que carregou.<sup>97</sup> Norma Telles destaca que “por ter largado o marido, foi repudiada por toda sua família com exceção da mãe que, enquanto viveu, sempre lhe deu apoio”.<sup>98</sup>

Naquele período, o casamento sem o consentimento prévio dos nubentes era a norma. Como destaca Eni de Mesquita Samara, os pais escolhiam o marido de suas filhas sem necessariamente consultar o sua vontade.<sup>99</sup> Já “aqueles realizados à revelia dos pais, em geral,

---

<sup>96</sup> Em princípios de 1817, vários levantes tiveram início na região de Recife, motivados pelos abusos da metrópole e conseqüente insatisfação popular, se alastrando por várias províncias do Norte, tendo como característica principal a propagação do sentimento antilusitano. Os populares atacavam propriedades de portugueses, e a família de Nísia Floresta era constantemente alvo de ameaças por parte dos nativistas. As revoltas foram logo reprimidas pelo governo português. Outra tentativa de separatismo ocorreu em 1824 e ficou conhecida como Confederação do Equador, conflito entre as forças reacionárias e as de tendência democrática e nacionalista. Cf.: DUARTE, 1995, p. 18.

<sup>97</sup> DUARTE, 1995, p. 22.

<sup>98</sup> TELLES, 2004, p. 405.

<sup>99</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família*: São Paulo, século XIX. São Paulo: Editora Marco Zero, 1989, p. 88-89.

resultavam em punições de diversos tipos e significavam, em muitos casos, a exclusão dos filhos na participação do patrimônio da família”.<sup>100</sup>

Sendo assim, é compreensível que o retorno de Dionísia tenha sido malvisto socialmente e, também, repreendido no interior de sua família. Além disso, o abandono ao marido diante de sua pouca idade evidencia a ousadia de Dionísia ao contrariar os padrões sociais vigentes.

As separações eram possíveis legalmente de acordo com algumas condições específicas, como, por exemplo, a não consumação, que levaria à anulação do casamento, motivos religiosos, adultério, sevícias, abandono do lar, injúria grave e doenças infecciosas.<sup>101</sup> No entanto não é possível afirmar se algum desses motivos embasou legalmente o abandono do primeiro marido de Dionísia.

No ano seguinte, em 1824, Dionísia parte com a família para Pernambuco, onde residiram em Goiana, Olinda e Recife. Foi em Goiana que provavelmente Dionísia encontrou aquele que ela afirma ser seu grande amor, o estudante de direito Manoel Augusto de Faria Rocha.

Em 1828, após retornos e partidas decorrentes dos constantes levantes antilusitanos que levavam a depredações e agressões contra a família, Dionísio Gonçalves foi assassinado exercendo a profissão de advogado, ao defender interesses contrários aos dos poderosos dessa localidade. Aduato da Câmara, no livro *A história de Nísia Floresta*, traz a informação de que a rivalidade que culminou na morte de Dionísio era antiga, tendo início quando a família residiu em Goiana. Norma Telles afirma que, após o assassinato de seu pai, Dionísia assumiu o sustento da família, provavelmente como preceptora.<sup>102</sup>

A formação de Nísia Floresta é pouco conhecida. Câmara sugere que os seus primeiros estudos tenham se dado em Goiana, tendo em vista a ausência de estabelecimentos de ensino em Papari. Sugere também que o pai, Dionísio Pinto, tenha encaminhado a filha nos estudos rudimentares, pois era um homem culto.<sup>103</sup>

Outro apontamento do autor diz respeito a sua estada em Recife e em Olinda, onde provavelmente tenha tido contato com a leitura de autores clássicos portugueses. Dionísia falava o idioma francês e conhecia o inglês. Aos 28 anos de idade, anunciou no jornal ser professora particular de latim, francês e italiano.<sup>104</sup>

---

<sup>100</sup> SAMARA, 1989, p. 89.

<sup>101</sup> SAMARA, 1989, p. 119.

<sup>102</sup> TELLES, 2004, p. 405.

<sup>103</sup> CÂMARA, 1941, p. 45.

<sup>104</sup> CÂMARA, 1941, p. 46.

É verdade que as constantes viagens da família permitiram que Dionísia tivesse contato com uma diversidade de ideias, livros e debates. Após a chegada da Família Real em 1808 e a proclamação da Independência em 1822, o cenário político, econômico e cultural foi sendo constantemente modificado. As tensões sociais se intensificaram, eclodindo em várias disputas entre portugueses recém-chegados e a população local.

Ainda em 1828, é certo que Dionísia tenha ido morar junto a Manoel Augusto, com quem formou uma família e a quem chamava carinhosamente de Augusto. Em 1830, nasceu a primeira filha do casal, Lívia Augusta de Faria Rocha, a sua principal companheira em viagens e tradutora de sua obra em diversos idiomas.

Manoel Augusto era aluno da Faculdade de Direito no Mosteiro de São Bento, em Olinda, tendo concluído em 1832.<sup>105</sup> Inaugurada no dia 11 de agosto de 1827, teve papel fundamental na formação política da região. Tratava-se de atender à demanda por juristas e funcionários do Estado, além de ter sido responsável pela circulação de ideias e o combate ao radicalismo republicano, que vinha causando embates na região.

No ano de 1831, nasceu o segundo filho do casal, mas faleceu pouco depois. Este ano marca, também, a estreia de Dionísia no mundo das letras, ao participar com artigos que tratavam da posição social feminina em diversas culturas em trinta números do jornal *Espelho das Brasileiras*, periódico do tipógrafo francês Adolphe Émile de Bois Garin, destinado às senhoras pernambucanas.

O ano de 1832 é marcante na história dessa personagem brasileira: é o ano da publicação de seu primeiro livro, *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, e, também, quando começou a utilizar o pseudônimo pelo qual ficou conhecida em seu país e no exterior, Nísia Floresta Brasileira Augusta. As informações quanto ao seu nome verídico e seu ano de nascimento são controversas. Dionísia Pinto Lisboa, Dionísia Freire Pinto, Dionísia Gonçalves Pinto Freyre, com nascimento em 1809, são comumente usados por alguns biógrafos.<sup>106</sup>

Quanto ao pseudônimo escolhido, Gilberto Freyre sugere que Nísia se refere ao diminutivo de Dionísia; Floresta é referência ao local em que viveu; Brasileira revela o forte traço de seu nacionalismo; e Augusta é em homenagem ao seu segundo companheiro.<sup>107</sup>

<sup>105</sup> CÂMARA, 1941, p. 31.

<sup>106</sup> DUARTE, 1995, p. 16.

<sup>107</sup> Gilberto Freyre interpreta o significado do pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta, em sua obra *Sobrados e mucambos* de 1937, sendo comumente citado por outros biógrafos, tais como Constância Lima Duarte e Peggy Sharpe-Valadares.

Norma Telles tem outra interpretação a esse respeito: sugere que Nísia seja uma homenagem ao pai.<sup>108</sup>

É notório que o pseudônimo escolhido tenha se sobressaído de tal maneira que em documentação oficial Dionísia seja identificada através dele e não pelo nome verídico. Como é o caso da certidão de batismo do filho de Nísia Floresta com Manuel Augusto, apresentada na tese de doutoramento de Graziela Rinaldi da Rosa,<sup>109</sup> que segue abaixo transcrita:

AUGUSTO. Aos quatro dias do mez de Agosto de mil oitocentos trinta e trez anos no Oratorio das cazas da residencia do Doutor Manoel Antonio Rocha Faria baptizou solemnemente o Reverendo Manoel Jose Soares Pina, e poz os Sanctos Oleos a Augusto, nascido a doze de Janeiro de mil oitocentos trinta e trez, filho legítimo do Doutor Manoel Augusto de Faria Rocha e de Dona Nizia Floresta Brasileira Augusta, naturais de Pernambuco; neto paterno de Manuel Gonsalves de Faria, natural de Portugal e Joanna Sofia do Amaral, natural de Pernambuco; e materno de Dionizio Gonsalves Pinto Lisboa, natural de Portugal, e de Antonia Clara Freire, natural do Rio Grande do Norte: foram padrinhos o Doutor Manoel Antonio Rocha Faria e sua mulher Dona Luiza Justiniana de Freitas Rocha. E para constar fiz este Assento. Thomé Luiz de Souza. Parocho Encomendado. E nada mais consta.<sup>110</sup>

É possível verificar junto ao documento que o pseudônimo virou a principal identidade da escritora. Seu nome de batismo foi substituído, praticamente apagado. É por esse motivo que o presente trabalho se refere adiante à personagem Nísia Floresta e não mais a Dionísia Gonçalves.

Outros pseudônimos foram utilizados no decorrer de sua escrita, tal como Tellezilla, Telesila, B.A., Une Brésiliene, Quotidiana Fidedigna, mas nenhum deles tornou-se tão forte ao ponto de substituir sua identidade em documentos oficiais. Rinaldi afirma que a utilização de pseudônimos teve início especialmente após o abandono ao primeiro marido, com o objetivo de se proteger dos comentários que se seguiram.

O documento acima se refere à união de Nísia Floresta e Augusto como legítima. A mulher separada não poderia realizar novo matrimônio,<sup>111</sup> o que esclarece que os ambientes sociais vivenciados por Nísia Floresta desconheciam seu casamento anterior.

Em *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, Nísia Floresta iniciou sua carreira enquanto escritora e defensora da transformação da situação social feminina, projeto que foi

<sup>108</sup> TELLES, 2004, p. 405.

<sup>109</sup> ROSA, Graziela Rinaldi da. *Transgressão e moralidade na formação de uma 'matrona esclarecida'*: contradições na filosofia de educação nisiana. 2012. 350 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

<sup>110</sup> ROSA, 2012, p. 346.

<sup>111</sup> SAMARA, 1989, p. 113.

reforçado durante sua vida, com as devidas reformulações. O livro foi atribuído pela brasileira a uma tradução livre de *Vindication of the rights of woman* de autoria da inglesa Mary Wollstonecraft, com publicação em 1792.<sup>112</sup>

O livro foi oferecido pela escritora às brasileiras e aos acadêmicos, direcionando a obra para aqueles que poderiam modificar a sociedade com sua leitura. De acordo com Duarte, teve ainda mais duas reimpressões, uma em 1833 em Porto Alegre e outra em 1839, já no Rio de Janeiro. Nísia Floresta elenca argumentos masculinos que justificariam a inferioridade feminina para questionar a sua validade, ajusta o conteúdo da obra à realidade observada no seu país. A respeito da composição da obra, Duarte afirma que:

Nísia como que arma um jogo: mulher x homem (a partir mesmo do título: Direito das mulheres X Injustiça dos homens) e joga por nós. Lançando mão de verdadeiros passes de mágica, transforma cada ‘desvantagem’ em ‘vantagem’ para a mulher, e até a ‘delicadeza’ em ‘superioridade’. A mágica que utiliza tem nome: Retórica, que praticada com incomum habilidade, inverte e subverte tudo, desmontando aos poucos as argumentações e as acusações masculinas.<sup>113</sup>

Ainda em 1832, Nísia Floresta passou a residir em Porto Alegre junto com sua mãe, irmãs, a filha e o companheiro Augusto. A respeito da partida repentina para o sul, Lima Duarte afirma:

Esta mudança aparentemente repentina, de Olinda para Porto Alegre, deu motivos a muitas especulações por parte de alguns estudiosos de Nísia. Uns acreditam que ela foi obrigada a sair de Pernambuco devido às ameaças que havia recebido do primeiro marido, ainda não conformado com o abandono. Este – armado de razões jurídicas – estaria prestes a chegar à cidade e disposto a processá-la por abandono de lar e adultério. Outros já divulgam a versão de que Manoel Augusto foi para Porto Alegre atendendo o convite de um irmão que lá morava. Se foi este – ou aquele – o motivo da mudança, não há mais como saber; sabe-se apenas que, em Porto Alegre, nova vida a aguardava.<sup>114</sup>

De fato, sua vida mudou de forma inesperada. Em janeiro do ano seguinte, nasceu Augusto Américo de Faria Rocha, outro filho do casal, e em agosto Manoel Augusto faleceu

<sup>112</sup> A obra de Mary Wollstonecraft (1759-1797) foi dedicada a Charles M. Talleyrand-Périgord. Wollstonecraft estava insatisfeita com as colocações de Talleyrand-Périgord expressas em seu Relatório sobre o ensino público à Assembleia Nacional da França em 1791. A inglesa denunciou que a fonte dos problemas das mulheres era a negligência da educação oferecida a elas, que eram vistas como fracas e vãs. Assim, Wollstonecraft defendeu a capacidade intelectual feminina, ainda que reconhecesse a superioridade física masculina. Cf.: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

<sup>113</sup> DUARTE, Constância Lima. Posfácio: nos primórdios do feminismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo, Cortez: 1989. p. 118.

<sup>114</sup> DUARTE, 1995, p. 25.

de uma constipação. Durante sua vida, Nísia Floresta chorou a perda do seu companheiro, lamentando em letras a saudade da partida precoce.

A partir de então, Nísia Floresta passa a se reconhecer e ser reconhecida como viúva, o que confere novos valores à sua posição social. Jaqueline Pandovani da Silva ressalta que “a ‘classe’ das viúvas, comparada à posição que as demais mulheres ocupavam, costumava assumir um *status* diferenciado, em termos de vantagens econômicas e sociais”.<sup>115</sup> Acrescenta que: “essa distinção que cabia à viúva conferia-lhe maiores oportunidades de administrar sua própria rotina, sem se prender com excessos à rigidez do esquema paternalista, cujo expoente mais comum se associava à figura do pai ou do marido”.<sup>116</sup>

Observando a trajetória de Nísia Floresta, ela não parece se encaixar no estereótipo de mulher submissa à autoridade masculina. No entanto ser reconhecida como viúva lhe confere mais respeito que ser identificada como mulher separada, com o agravante de ter tido filhos de uma união ilegítima. Assim, ela se tornou uma mulher digna de respeito e, também, a cabeça da família.<sup>117</sup>

Quanto a sua estadia em Porto Alegre, ainda há muitas lacunas. Poucos anos após a sua chegada, iniciou-se o movimento que ficou conhecido como a Revolução Farroupilha (1835-1845)<sup>118</sup> que provavelmente motivou sua ida com a família para o Rio de Janeiro em 1837. Nos anos em que permaneceu ali há indícios de que exerceu o magistério, além da hipótese de que teria fundado seu primeiro colégio para meninas.

A esse respeito, a pesquisa não encontrou indícios de sua existência. Duarte lembra que na obra *Nos tempos da Velha Escola* de Kraemer Neto, o autor afirma que Nísia Floresta foi diretora de uma escola em 1833 no Rio Grande do Sul e que, de acordo com Roberto Seidl, o nome do estabelecimento seria Colégio Brasil.<sup>119</sup>

No entanto não foi localizada documentação, artigos em jornais ou qualquer outra fonte que comprove que Nísia Floresta chegou a abrir uma instituição de ensino nos anos que passou em Porto Alegre. Rinaldi, apesar de acreditar na existência da escola, também não

---

<sup>115</sup> SILVA, Jaqueline Padovani da. De esposa a viúva, de viúva a esposa. In: SILVA, Jaqueline Padovani da. “*Desta para a melhor*”: a presença das viúvas machadianas no Jornal das Famílias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 116.

<sup>116</sup> SILVA, 2015, p. 116.

<sup>117</sup> SILVA, 2015, p. 117.

<sup>118</sup> Revolta armada com forte apelo popular ocorrida no Rio Grande do Sul entre os anos de 1835 e 1845. Dentre as principais motivações para o conflito, é possível citar o descontentamento com os governantes, altos impostos, inclusive sobre o charque, principal produto econômico da região naquele momento, e a dificuldade ou inexistência de transportes terrestres, dentre outros. Cf.: HARTMANN, Ivan. *Aspetos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

<sup>119</sup> DUARTE, 1995, p. 27.

oferece comprovação documental. Destaca que Nísia Floresta foi preceptora de José Antônio Câmara, de acordo com a biografia<sup>120</sup> empreendida por Rinaldo Pereira da Câmara:

[...] quando nosso biografado atingiu idade escolar, sua instrução primária foi orientada por uma professora particular – D. Dionísia Gonçalves Pinto, que lecionava, também à sua mana Rita de Assis, um ano mais velha que ele. Foi uma ótima iniciação essa, pois D. Dionísia era uma autêntica vocação pedagógica [...].<sup>121</sup>

De acordo com essa afirmação, fica evidente que, nos anos que passou em Porto Alegre, Nísia Floresta exerceu o magistério. Foi buscando indícios de sua trajetória e da escola possivelmente fundada que Rinaldi encontrou um processo judicial envolvendo Nísia Floresta. Afirma:

De maneira geral, todos os documentos giram em torno de um empréstimo feito por Francisco de Paula Coelho a Dona Nísia Floresta Brasileira Augusta. Passado algum tempo, essa dívida não foi acertada, acabou exigindo que Coelho tomasse as medidas legais. Com o decorrer do processo ela acabou saldando a dívida com valores adicionais. Não compareceu a Audiência Pública, mas foi realizada a quitação da dívida, averbada em 31/10/1836. Pagando uma quantia total de quatrocentos e seis mil quinhentos e oitenta réis.<sup>122</sup>

De acordo com essa informação, podemos fazer três observações. Primeiramente, é possível sugerir que Nísia Floresta desfrutava de certa credibilidade naquela sociedade, uma vez que, mesmo sendo mulher e viúva, conseguiu o empréstimo. Apesar da aparente ausência de fontes que nos permitam conhecer melhor sua passagem por Porto Alegre, esse processo judicial pode indicar que lá estabeleceu importantes redes de relacionamento com a elite local, possuindo prestígio junto a ela. Sem dúvida, a profissão do falecido companheiro muito deve ter contribuído para isso. Mas a data do processo, sendo três anos após sua morte, deixa claro que a escritora permaneceu prestigiada, respeitada.

Ainda que não seja possível determinar a finalidade do empréstimo, é provável que Nísia Floresta estivesse passando por dificuldades financeiras naquele momento, o que pode indicar, também, que a escola hipoteticamente fundada em Porto Alegre não obteve o resultado esperado ou até mesmo nunca tenha existido.

Caso estivesse passando por problemas financeiros que justifiquem o empréstimo, torna-se questionável a afirmação de que através do magistério ela era a única provedora de

<sup>120</sup> CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *O marechal Câmara: reflexões introdutórias à sua biografia*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1964.

<sup>121</sup> CÂMARA apud ROSA, 2012, p. 196.

<sup>122</sup> ROSA, 2012, p. 47.

sua família. Por fim, podemos ter nesse processo outra motivação para a mudança empreendida para o Rio de Janeiro no ano seguinte.

Em 1837, Nísia Floresta mudou-se com os filhos e a mãe para o Rio de Janeiro, onde, através das fontes, foi possível constatar que fundou uma escola dedicada à educação de meninas. Foi em 1838 que a brasileira fundou o Colégio Augusto, nome escolhido em provável homenagem ao seu companheiro.

A instituição foi presidida diretamente por ela nos anos em que permaneceu no Brasil. Elogiada por uns e duramente criticada por outros, Nísia Floresta manteve o colégio em funcionamento durante 17 anos, o que pode significar que se tornou uma instituição bem conceituada na Corte.

Em 1842, é publicado pela Tipografia de J. E. S. Cabral, no Rio de Janeiro, *Conselhos à minha filha*,<sup>123</sup> que foi escrito como presente de aniversário de 12 anos de Lívia, sendo o texto de Nísia Floresta mais reeditado. Foi editada novamente no Brasil em 1845,<sup>124</sup> na Itália em 1858<sup>125</sup> e na França em 1859.<sup>126</sup> Em seu conteúdo, trazia recomendações para a filha, neste caso representando todas as jovens e mulheres, para que desenvolvesse as devidas virtudes e se afastasse dos possíveis desvios da vida. Adauto da Câmara ressalta que esse mesmo texto foi escolhido pelo bispo de Mondovi para ser usado em escolas, na França.<sup>127</sup> Três anos depois, foi publicada uma segunda edição acrescida de 40 pensamentos em versos, no Rio de Janeiro.

Nos *Conselhos*, Nísia também dirige sua fala às mães, com um discurso carregado de traços higienistas, buscando reforçar outros discursos da época para que a maternidade fosse devidamente valorizada. A respeito do sucesso da obra, Constância Lima Duarte afirma no livro *Nísia Floresta* que:

Tal sucesso pode ser atribuído ao fato de aí estar representado não só o paradigma ideal da adolescente e o incentivo à prática de deveres e virtudes que se esperava de uma menina, mas também o comportamento dedicado e amoroso que se esperava que uma mãe tivesse para com sua filha.<sup>128</sup>

<sup>123</sup> FLORESTA, Nísia. *Conselhos a minha filha*. Rio de Janeiro: Tipografia de J. S. Cabral, 1842.

<sup>124</sup> FLORESTA, Nísia. *Conselhos à minha filha, com 40 pensamentos em versos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1845.

<sup>125</sup> FLORESTA, Nísia. *Consigli a mia figlia*. Firenze: Stamperia Sulle Logge del Grano, 1858.

<sup>126</sup> FLORESTA, Nísia. *Conseils a ma fille*. Traduit de l'Italien par B.D.B. Florence: Le Monnier, 1859. Há ainda uma segunda edição da obra nesse ano na Itália: FLORESTA, Nísia. *Consigli a mia figlia*. 2. ed. Mandovi: [s. n.], 1859.

<sup>127</sup> Mondovi teria solicitado que Nísia Floresta modificasse algumas passagens no texto para que fosse adaptado aos fins episcopais, mas a escritora não cedeu. Cf.: CÂMARA, 1941, p. 116.

<sup>128</sup> DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta*. Recife: Editora Massangana, 2010. p. 42.

Duarte destaca a resenha feita por Dídimo Nepote a respeito dos *Conselhos* para o jornal veneziano *L'Etá Presente* em 1958, que segue:

Ora, estes conselhos foram ditados por uma nobre alma, a uma juvenzinha: e às juvenzinhas dirigem-se. A elas resultarão mais caros porque não saem do círculo daquelas virtudes mais frequentes e menos rumorosas que são necessárias na reclusa vida de uma mulher e porque de toda página sopra um sentido de convicção na fé religiosa e na atividade moral que convence e consola.<sup>129</sup>

A escrita de caráter moralista e reformadora é a grande característica de Nísia Floresta. Através das palavras, a escritora busca formatar um modelo específico de mulher. Assim, ainda que os *Conselhos* fossem dirigidos para a sua filha, o objetivo era atingir mulheres de diferentes idades.

Em 1847, Nísia Floresta publica três obras. A primeira, *Daciz ou a jovem completa*, é desconhecida dos biógrafos. De acordo com Duarte, foi oferecida às educandas do Colégio Augusto.<sup>130</sup> Aduato da Câmara traz, a esse respeito, o seguinte:

Pensamos que o único exemplar que existe é o que pertence a Henrique Castriciano, e que ele teve a gentileza de nos ceder para uma rápida leitura. Nísia foi preceptora de Daciz (Amélia Miranda), de quem diz que era descendente de ilustres avós, que se notabilizaram na guerra do Sul contra o estrangeiro (Cisplatina). É a encarnação das virtudes de uma 'jovem perfeita'. Recusa casar com o marechal B. M. Casou com o seu eleito, teve três filhos, que Nísia julgou necessário dizer que eram amamentados pela própria mãe. É uma historieta ao gosto do tempo.<sup>131</sup>

A escritora, falando diretamente à juventude, ressalta os valores que considera relevante: o casamento como uma união desejada, fruto da escolha dos nubentes e a amamentação dos filhos feita exclusivamente pelas mães. Em obras seguintes, Nísia Floresta critica o hábito de delegar a terceiros a amamentação dos filhos, o que ela acredita ser a natureza de vícios morais.<sup>132</sup>

Foi localizado o anúncio de venda da obra em alguns jornais em anos posteriores, tais como no *Jornal do Comércio* de 5 de abril de 1849 e no *Periódico dos Pobres* de 22 e 29 de maio de 1850, abaixo transcritos, respectivamente:

História moral, por uma Brasileira; acha-se à venda na Rua da Quitanda n. 70.<sup>133</sup>

<sup>129</sup> NEPOTE apud DUARTE, 2010, p. 42.

<sup>130</sup> DUARTE, 1995, p. 35.

<sup>131</sup> CÂMARA, 1941, p. 118 – 119.

<sup>132</sup> As referidas críticas se encontram, de forma mais consistente, no ensaio *A mulher*, que também é fonte deste trabalho. Cf.: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

<sup>133</sup> HISTÓRIA moral... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 5 abr. 1849.

História oferecida às educandas do Colégio Augusto, pela sua diretora, Nísia Floresta Brasileira Augusta; acha-se à venda na Rua do Ouvidor n. 158, a sair ao largo de S. Francisco de Paula.<sup>134</sup>

Os anúncios evidenciam que a venda de exemplares durou anos após a publicação, mesmo quando a autora estava em sua viagem pela Europa, e que visava, em princípio, às alunas de seu colégio, sendo vendida em diferentes locais pelo Rio de Janeiro, demonstrando a circulação das ideias de Nísia Floresta e a aceitação deste tipo de formação através da leitura.

A segunda obra foi *Fany ou o modelo das donzelas*,<sup>135</sup> publicado pelo Colégio Augusto. O espaço da obra é Porto Alegre, e o momento é a Revolução Farroupilha, ambos vivenciados pela autora na sua passagem pelo Rio Grande do Sul. A protagonista, Fany, aparece como adolescente, primogênita numa família de nove filhos. Seu pai se envolve na guerra, e sua mãe o acompanha, oferecendo-lhe apoio.

Fany, no entanto, se mantém passiva, reza pelos pais revolucionários e cuida dos irmãos e do lar. Quando a guerra tem fim, seu pai sai vitorioso, porém é assassinado pouco depois. Com uma atitude altruísta, Fany decide não casar, dedicando-se somente e integralmente aos irmãos e a mãe.<sup>136</sup>

Temos aí mais um exemplo da escrita moralista de Nísia, que não escreve sem a clara intenção de atingir consciências, de forjar um caráter feminino, diferente daquele observado por ela, pautado pela vaidade. Nísia apresenta outro *modelo* de mulher, capaz de sacrificar-se pelo bem da instituição familiar, mulher virtuosa, tranquila mesmo diante da guerra e da dor.

A terceira publicação, em 1847, foi *Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta*, publicada no Rio de Janeiro pela Tipografia Imparcial de Paula e Brito. O discurso foi proferido na conclusão do ano letivo e, apesar de curto, não abandona o caráter reformador da moral feminina, salientando as virtudes que as alunas deveriam desenvolver e praticar ainda que longe do colégio.

Em 1849, Nísia Floresta publicou a obra *A lágrima de um Caeté* pela Tipografia de L. A. F. de Meneses, sob o pseudônimo Telesilla. Inserida no contexto romântico indianista, é um poema de 712 versos, que tratam da condição do índio brasileiro. O livro teve ainda mais

<sup>134</sup> HISTÓRIA oferecida... *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, 22 maio 1850.

<sup>135</sup> FLORESTA, Nísia. *Fany ou O modelo das donzelas*. Rio de Janeiro: Edição do Colégio Augusto, 1847.

<sup>136</sup> CÂMARA, 1941, p. 119-120.

duas publicações,<sup>137</sup> sucesso que para Constância Lima Duarte poderia ser explicado por tratar da Revolução Praieira,<sup>138</sup> tendo sido escrito em meio aos acontecimentos.

Duarte<sup>139</sup> destaca que o prefácio da tradução feita por Ettore Marcucci é dirigido a Augusto Américo, filho da brasileira e evidencia o prestígio da escritora no exterior:

A respeito do modo que eu encontrei para testemunhar-vos meu ânimo, e cativar o vosso, não poderia ter escolhido coisa melhor para vos apresentar do que minha traduçãozinha do português para uma das mais melodiosas línguas vivas, por vós predileta e muitíssimo bem dominada, mas que agradar-vos-á sobretudo porque obra brasileira, da própria mão daquela vossa mãe que tanto adorais, e entre suas composições aquela por vós mais prezada. Tornando italiano este poemeto, sorriu-me, ademais, a esperança de oferecer aos meus nacionais uma leitura saudável repasto para os livros magnânimos sentimentos que respondem bem àqueles professados hoje na Itália.<sup>140</sup>

Duarte aponta que a obra é dividida em dois momentos históricos, o primeiro correspondente à Colônia, e o segundo, ao Império. No primeiro, Nísia retrata o índio oprimido pelo branco, representado na figura de Caeté e, no segundo momento, retrata os liberais como protagonistas, e os homens do imperador como antagonistas. A autora destaca que:

Na trajetória do tempo passado para o presente perpassa o drama do índio brasileiro: de protagonista da história a espectador da derrota liberal e da sua própria enquanto civilização. Assim, *A lágrima de um Caeté* se configura num lamento tanto pela derrota do indígena, quanto pela dos revoltosos de Pernambuco. A perspectiva é a mesma: é sempre a do vencido e oprimido pela força dos dominantes.<sup>141</sup>

Nessa obra, Nísia Floresta aborda o índio vencido como herói e revela a injustiça dos brancos e sua truculência com os povos nativos. Mais uma vez, desafia os padrões conservadores, enfrentando a censura em alguns versos e até mesmo na publicação da obra. Adauto da Câmara mostra a esse respeito:

<sup>137</sup> FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tipografia de L.A.F Menezes, 1849. A outra publicação foi na Itália: FLORESTA, Nísia. *Le lagrime d'um caeté*. Tradução de Ettore Marcucci. Firenze: Le Monnier, 1860.

<sup>138</sup> Ocorrida entre os anos de 1848 e 1850 em Pernambuco, teve forte caráter federalista e liberal e se pôs contra Dom Pedro II. Defendiam a liberdade de imprensa, extinção do poder moderador, mudanças socioeconômicas. O governo português conseguiu reprimir o movimento efetivamente somente em 1851. Cf.: CARVALHO, Marcus J.M. de. Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 209-238, 2003.

<sup>139</sup> DUARTE, Constância Lima. *A lágrima de um Caeté: uma nova página do indianismo brasileiro*. In: FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

<sup>140</sup> MARCUCCI apud DUARTE, 1997, p. 9.

<sup>141</sup> DUARTE, 1995, p. 112.

O gesto de Nísia, estampando seus versos candentes, em que glorifica os vencidos, e vitupera os agentes da legalidade, concitando ao assassinato do presidente Vieira Tosta, a quem chama de Nero, mostra bem como era corajosa a índole daquela mulher, capaz de ação política, indiferente às consequências que de sua atitude lhe pudessem advir.<sup>142</sup>

A suspeita de que Nísia Floresta enfrentou a censura da época para publicar a respectiva obra, já apontada por Duarte, parte da colocação feita pela escritora antes de dar início ao poema. Afirma:

O infeliz Caeté, apesar de ter chegado a esta corte no mês de fevereiro logo depois da revolta dos Rebeldes em Pernambuco, é somente agora que lhe permitiram aparecer, e isto depois de o terem feito passar por mil torturas inquisitoriais!... Graças à benfazeja mão, que o fez renascer, qual Fênix, das cinzas a que haviam ou queiram reduzir!<sup>143</sup>

Nísia Floresta denuncia que o atraso na publicação, uma vez que a obra estava pronta em fevereiro, mas só foi publicada em maio, ocorreu devido às “torturas inquisitoriais” pelas quais teve que passar, além da afirmação de que antes não lhe foi permitido aparecer, deixando evidente a censura e, conseqüentemente, a amplitude da obra ao ponto de causar preocupação nos possíveis censores. A esse respeito, Duarte afirma:

Quando lemos e percebemos a paixão com que o poema foi escrito, podemos imaginar como devem ter incomodado as ideias aí contidas, das quais cito, por exemplo, as acusações que faz aos desmandos autoritários dos governantes. O passado histórico pernambucano é tomado como pretexto para tratar do momento presente, para criticar a dominação colonial no país e revelar o extermínio dos primeiros habitantes do Estado. Além de violentas críticas aos portugueses, identificados sempre com os opressores, o texto exalta os movimentos revolucionários que surgiram durante o Império, incitando a novas rebeliões, o que por si só já ‘justificaria’ a censura.<sup>144</sup>

*A lágrima de um Caeté* é rica em traços que nos permitem compreender o momento histórico em que foi escrita, sendo uma obra relevante seja nos estudos sobre Revolução Praieira, seja no que se refere à figura do índio e sua condição na sociedade em questão. Na tese de doutoramento de Stélio Torquato Lima, intitulada *O indianismo e o problema da identidade nacional em ‘A lágrima de um Caeté’, de Nísia Floresta*,<sup>145</sup> vemos ainda outro tratamento dado à obra: a abordagem da construção da nacionalidade e a participação da autora nessa construção.

<sup>142</sup> CÂMARA, 1941, p. 122.

<sup>143</sup> FLORESTA, 1997, p. 35.

<sup>144</sup> DUARTE, Constância Lima. *Avant-Propos*, censura Imperial e a Revolta Praieira. In: FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Natal: Fundação José Augusto, 1997, p. 11.

<sup>145</sup> LIMA, Stélio Torquato. *O indianismo e o problema da identidade nacional em ‘A lágrima de um caeté’, de Nísia Floresta*. 2008. 185 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

Segundo Lima, Nísia Floresta objetivava mostrar a distância entre o modelo de nação que se buscava instituir e a realidade. Defende que, ao correlacionar o índio e o praieiro Nunes Machado, principal líder da revolução, Nísia Floresta questionava o projeto de nação dos primeiros românticos. Destaca ainda o lugar de fala da autora que, pertencente à classe dominante, estava distante da realidade do índio, mas fugiu da interpretação romântica comumente dada ao índio, evidenciando as agressões dos brancos para com os índios e o desejo de vingança que estes sentem.

A obra também evidencia o envolvimento da brasileira nos assuntos políticos do país, que ultrapassaram a preocupação com a educação. Ela demonstra conhecimento na história do Brasil, no conflito que se desenhava, nas reivindicações dos revoltosos, ela não estava de maneira alguma alheia aos aspectos políticos daquela sociedade e mesmo residindo no Rio de Janeiro estava inteirada dos acontecimentos em Pernambuco, escrevendo paralelamente a eles.

Em novembro de 1849, a escritora viaja para a Europa com os filhos, com a justificativa de melhorar a saúde de sua filha Lívia, que havia sofrido um acidente recentemente. Essa viagem, que teve inicialmente a intenção de ser breve, durou até 1852, quando finalmente retornam ao Brasil.<sup>146</sup> Sua partida foi registrada no *Diário do Rio de Janeiro* do dia 30 de outubro de 1849: “Itália. – D. Nizia Floresta Brasileira Augusta, levando em sua companhia dois filhos menores, Brasileiros”.<sup>147</sup>

June E. Hahner destaca que “o Brasil de meados do século XIX que Nísia Floresta abandonou era uma nação atrasada em muitos aspectos, com uma sociedade altamente estratificada e uma economia dependente do sistema de trabalho escravo”.<sup>148</sup> Nesse espaço de tempo Nísia, conheceu nomes importantes, manteve contato com intelectuais do cenário mundial e presenciou, em 1851, as conferências do Curso de História Geral da Humanidade, ministradas por Auguste Comte.<sup>149</sup>

Em 1850, ainda residindo fora do país, surge uma nova publicação de Nísia Floresta, *Dedicação de uma amiga*.<sup>150</sup> Considerado pela comunidade historiográfica como o primeiro romance escrito por um norte-rio-grandense, foi publicado originalmente pela Tipografia

<sup>146</sup> CÂMARA, 1941, p. 101.

<sup>147</sup> PESSOAS despachadas no dia 29 de outubro. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 2840, 30 out. 1849, p. 2.

<sup>148</sup> HAHNER, 1981, p. 30.

<sup>149</sup> DUARTE, 2002, p. 18.

<sup>150</sup> FLORESTA, Nísia. *Dedicação de uma amiga*. Niterói: Tipografia Fluminense de Lopes & Cia, 1850.

Fluminense de Lopes & Cia em quatro volumes que não foram localizados pelos biógrafos da autora.

O cenário encontrado quando retornou estava em constante modificação. Hahner destaca o peso das transformações na segunda metade do século XIX na vida das mulheres de classe superior urbana, inclusive na vida de “mulheres menos excepcionais que Nísia Floresta”. Destaca:

Os avanços tecnológicos europeus eram exportados para o Brasil, assim como para muitos outros países. O advento da estrada de ferro, do barco a vapor, do telégrafo estimulou o rápido crescimento de muitos centros urbanos, tanto em área física quanto em população. [...] Rio de Janeiro e, em seguida, São Paulo serviram como centros de exportação de café e se beneficiaram financeira e politicamente do desenvolvimento da economia cafeeira. Sede do poder nacional e de longe a maior cidade do Brasil, o Rio de Janeiro manteve-se como líder intelectual, cultural e econômico do país.<sup>151</sup>

Sua chegada ao Brasil foi celebrada pelo *Jornal das Senhoras*, em texto escrito por Joana Paula Manso de Noronha, o que denota o prestígio já alcançado pela educadora, em contraste com as críticas negativas que também circulavam em periódicos da época, bem como trouxe ao conhecimento parte da experiência vivenciada por Nísia Floresta na Europa:

Sentimos vivo prazer em anunciar às nossas assinantes a chegada da sra. Dona Nísia Augusta Floresta, brasileira, tão conhecida entre nós pela sua inteligência e ilustração; tão respeitada pelo seu longo magistério, há 16 anos empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvável digna de nossa admiração por sua dedicada e constância ao amor e à sabedoria e ao engrandecimento de sua pátria. A Sra. D. Nísia estava ausente de nós há dois anos e meio, viajando nesse intervalo à França e à Inglaterra, onde visitou os melhores colégios de instrução, os mais abalizados literatos, donde voltou a nossos braços, admirando os Herculanos, Garrets, Castilhos e outros varões respeitáveis na ciência. Está pois entre nós a Sra. D. Nísia, demos-lhes um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo.<sup>152</sup>

Um ano após o retorno para o Brasil, em 1853, Nísia Floresta publicou a obra que condensa o projeto educacional defendido em toda sua carreira; *Opúsculo humanitário*, no Rio de Janeiro, livro composto por 62 artigos, sendo 20 publicados no jornal *Diário do Rio de Janeiro* anonimamente no ano anterior.

O livro foi dedicado a Joaquim Pinto Brasil,<sup>153</sup> irmão de Nísia. Nesse livro, a autora defende a educação feminina como elemento transformador da sociedade, regenerador dos

<sup>151</sup> HAHNER, 1981, p. 31.

<sup>152</sup> NORONHA, Joana Paula Manso de. Sentimos vivo... *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 22 fev.de 1852, p. 63.

<sup>153</sup> Joaquim Pinto Brasil (1819-1875) ingressou na Faculdade de Direito em Olinda com apenas 14 anos. Foi professor de geometria e filosofia do curso jurídico de Olinda e passou grande parte de sua

valores morais e como instrumento do progresso da humanidade. A autora deixa evidente na escrita o crescimento intelectual proporcionado pela curta viagem empreendida para o continente europeu. Registra o acolhimento encontrado na França e a saudade que sentia do Brasil:

A França, essa fagueira região dos belos espíritos, onde todas as fisionomias sorriem ao estrangeiro e a afabilidade da mais acessível civilização o acolhe e o consola das saudades da pátria, esse viveiro moderno de grandes notabilidades, em todas as ciências e artes [...].<sup>154</sup>

Ao longo do livro, Nísia Floresta apresenta o lugar que as sociedades desde a antiguidade deram à educação de suas mulheres e relaciona esse fator com o grau de desenvolvimento das respectivas sociedades, chegando até a situação atual de seu próprio país. Para ela: “É uma verdade incontestável que a educação da mulher muita influência teve sempre sobre a moralidade dos povos e que o lugar que ela ocupa entre eles é o barômetro que indica os progressos de sua civilização”.<sup>155</sup>

A autora reivindica instrução para as mulheres brasileiras, como podemos observar logo no primeiro parágrafo da obra: “Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado – emancipação da mulher –, nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres!”.<sup>156</sup> A autora trata ainda temas como a escravidão e os danos causados à colonização portuguesa, a atuação de educadores estrangeiros, o índio, assuntos que ela vincula à educação feminina.

A respeito dessa obra, Adauto da Câmara destaca:

Eis uma das suas melhores obras, a da escritora social, planetária e polemista, que colocou sua pena a serviço da reabilitação moral e intelectual da mulher. Trata da educação doméstica, religiosa, física e intelectual. Defende, mais uma vez, a mulher indígena, que a pieguice dos românticos idealizava como encarnação da honra, intrepidez e lealdade.<sup>157</sup>

Percebemos uma autora mais madura em comparação com *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. A explicação parece lógica: Nísia viaja pela Europa, entra em contato com diversos intelectuais e correntes filosóficas, de pensamentos ditos modernos, recebendo forte influência da Filosofia Positiva de Augusto Comte.

---

vida exercendo a profissão de professor. Teve colégios em Rezende, Cabo Frio, São Fidelis. Faleceu aos 55 anos em decorrência de uma pleura-pneumonia. Cf.: CÂMARA, 1941, p. 26-30

<sup>154</sup> FLORESTA, 1989, p. 29.

<sup>155</sup> FLORESTA, 1989, p. 12.

<sup>156</sup> FLORESTA, 1989, p. 2.

<sup>157</sup> CÂMARA, 1941, p. 124.

Nas duas obras, *Direito das mulheres e injustiça dos homens* e *Opúsculo humanitário*, a escritora defende a soberania moral das mulheres. No entanto é preciso ressaltar que a autora não propõe uma ruptura com o sistema em que estava inserida, mas sim uma ressignificação do feminino, a valorização social da figura da mulher.

A educação é apresentada em seu *Opúsculo* como instrumento através do qual a mulher se apropriaria da função a que fora destinada: de promover o progresso da humanidade. A partir da educação, a mulher poderia desempenhar melhor os papéis que lhe cabiam: filha, mãe e esposa. Como filha, devia obediência aos pais, tal como *Fany*; como mãe, deveria servir de exemplo, despertar virtudes nos filhos e cuidar de sua educação de perto, evitando desvios de conduta; como esposa, seria sua função cuidar do lar, apoiar o marido, edificar sua família, despertar sentimentos virtuosos no seu companheiro.

O seu *Opúsculo* está repleto de discursos e filosofias da época, tais como o discurso higienista e o positivismo. A autora defende que as mães assumam a criação de seus filhos, que não os abandonem nas mãos de uma ama de leite, que amamentem nos primeiros meses os seus filhos. Outro discurso que Nísia assume é culpar a escravidão pelos vícios da sociedade brasileira, não o negro. A autora estava sempre participante das novidades intelectuais, no Brasil ou na Europa.

As ideias defendidas por Nísia Floresta na respectiva obra estavam, também, em consonância com as discussões verificadas nos jornais contemporâneos, como é verificado no *Jornal das Senhoras* do dia 24 de outubro de 1852, onde Joana Paula Manso de Noronha, que outrora saudou o retorno de Nísia Floresta para o Brasil, e foi diretora do periódico, escreveu o artigo “Emancipação moral da mulher”, defendendo o direito à educação e ao trabalho e questionando as afirmações de que a emancipação feminina causaria desordem familiar. Ela conclui:

Dizei o que quiserdes, sempre repetirei que a Emancipação moral ou intelectual da Mulher no Brasil, não é uma utopia, nem paradoxo, e sim é uma verdade dominadora que marcha ao seu total desenvolvimento, envolta nas fitas, nos chapéus e nas cassas francesas que nos chegam todos os meses nos paquetes ingleses.<sup>158</sup>

O jornal *O Liberal* publica, a partir do dia 7 de julho de 1853, os artigos que compõem o *Opúsculo*, finalizando em 21 de maio de 1854. A justificativa para a publicação, dada na apresentação inicial feita pelo jornal, nos proporciona conhecer, também, parte da repercussão positiva das ideias defendidas por Nísia Floresta:

---

<sup>158</sup> NORONHA, Joana Paula Manso de. Emancipação moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 24 out. 1852, p. 130-132.

Lemos em poucos números do *Diário do Rio* alguns artigos sobre a educação do belo sexo: agradou-nos não só o seu estilo como os pensamentos que encerravam, e desejando reproduzi-los, não o fizemos por já terem sido estampados em outra folha. Deixam, porém, de aparecer em suas colunas, privados nos vemos da sua leitura, sentíamos sua falta; e quando nos não restava esperança alguma de continuar a apreciá-los, eis que se nos proporciona uma ocasião de possuímos os próprios originais desse opúsculo, o qual principiamos publicar hoje [...] um escrito útil e de merecimento, tanto mais por sair da pena de uma das nossas patrícias, que por sua ilustração faz honra ao nosso país.<sup>159</sup>

No dia 30 de abril 1855, Nísia Floresta publica, no jornal *O Brasil Ilustrado*, o poema Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho. Uma homenagem em forma de poesia oferecida ao português que passava pelo país:

Por sobre as vagas do janeiro undoso  
Lá se vai deslizando o lenho altivo,  
Que a seu bordo conduz o bardo exímio  
O cantor português dos dias nossos  
A quem mor gratidão deve o Brasil.<sup>160</sup>

Outra publicação do mesmo ano é Páginas de uma vida obscura,<sup>161</sup> crônica publicada entre março e junho e versa sobre a escravidão. Na primeira metade do século XIX, a presença do negro no cotidiano carioca era uma constante. Quando se tornou capital do Império, a população branca do Rio de Janeiro aumentou consideravelmente e, conseqüentemente, o uso da mão de obra escrava também. Os jornais da época estão repletos de anúncios de venda ou empréstimo de escravos.

Nísia Floresta se posicionou contrária à escravidão, especialmente em seu *Opúsculo*, pois acreditava que era um dos fatores que contribuíam para atraso na educação das mulheres. Na crônica Páginas de uma vida obscura, verificamos a oposição que a escritora oferece ao sistema escravista, apresentando o sofrimento do negro e a rebeldia enquanto consequência da crueldade dos senhores brancos.

Conta a história do escravo negro cristão chamado Domingos e o coloca como exemplo de virtude para todos os homens: “Homens de todas as classes, de todas as crenças

<sup>159</sup> UM ESCRITO brasileiro. *O Liberal*, Rio de Janeiro, n. 310, v. VI, 7 jul. 1853, p. 2.

<sup>160</sup> FLORESTA, Nísia. Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009, p. 15-16.

<sup>161</sup> FLORESTA, Nísia. Páginas de uma vida obscura. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009, p. 45-83.

que tendes coração, vinde conosco ajoelhar sobre a sepultura de um escravo para ouvir sua história! Vinde dela aprender virtudes que honram a humanidade”.<sup>162</sup>

Domingos foi vendido como escravo aos dez anos de idade e mesmo privado de sua liberdade foi um cristão exemplar, sendo comparado pela autora a Jesus Cristo. Domingos tem durante a vida quatro senhores. O primeiro era gentil, mas morreu antes de lhe conferir a liberdade. O segundo, avarento que não reconhecia as qualidades do escravo que “se esforçava de dia em dia por acalmar-lhe a natural ferocidade, antepondo-lhe uma obediência cega e seus preceitos, dando-lhe constante provas de fidelidade e adesão”.<sup>163</sup>

Com seu terceiro dono, permaneceu sendo o escravo virtuoso, cuidando do filho do seu senhor, até que ele decidiu retornar para a Europa e vender Domingos para quem ele escolhesse independente do valor que fosse oferecido. Em seu quarto senhor, encontrou “uma alma apreciadora de seu zelo, um coração benfazejo”.<sup>164</sup> É nesse momento que Nísia Floresta evidencia como deveria ser o bom senhor:

Um bom senhor é a imagem de Deus sobre a terra, onde as leis permitem o triste tráfico de nossa espécie. Podendo castigar-nos quando faltamos ao cumprimento de nossos deveres, ele nos admoesta paternalmente; sendo-lhe permitido pôr-nos ao nível dos brutos, ele nos governa com brandura, e trata-nos quando doentes como seus próprios filhos. É pena que todos assim não sejam! Mas confessemos que são ordinariamente os mesmos escravos a causa do mau tratamento que recebem.<sup>165</sup>

O texto está integrado ao que parece ser o projeto de toda sua produção: reformar a consciência dos leitores, nesse caso os senhores escravocratas. Juntamente com a história de Domingos, Nísia Floresta deu visibilidade ao sofrimento negro, certamente buscando empatia dos leitores. Na crônica, ela questiona a crença cristã dos senhores e inverte a lógica da repressão contra os negros: primeiro há a ação agressiva por parte dos senhores e a rebeldia dos escravos nada mais seria do que a reação.

Em julho de 1855, é publicada outra crônica, Passeio ao Aqueduto da Carioca.<sup>166</sup> A escritora é a acompanhante do estrangeiro que por ali passa, uma acompanhante crítica, pois evidencia a beleza e o atraso do espaço observado, resultante da colonização portuguesa, além da presença do sofrimento do escravo, integrada à paisagem. Sobre isso, ela escreve uma canção:

---

<sup>162</sup> FLORESTA, 2009, p. 45.

<sup>163</sup> FLORESTA, 2009, p. 53.

<sup>164</sup> FLORESTA, 2009, p. 61.

<sup>165</sup> FLORESTA, 2009, p. 61.

<sup>166</sup> FLORESTA, Nísia. Passeio ao Aqueduto da Carioca. In: DUARTE, Constância Lima. *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009, p. 33-44.

Feliz na minha cabana,  
Sombreada de palmeiras,  
Eu vivia em terras d'África  
Minhas terras são fagueiras.

Lá deixei mulher e filhos,  
Meu trabalho, o meu porvir;  
A esses bens me arrancaram  
Para um mau senhor seguir!

Desde então só estas vozes  
Escuto de humanidade:  
Trabalha, trabalha, negro;  
O chicote, e a Eternidade!

Já curvado sob os anos  
Oh! Meu Deus forças me dá!  
Trabalha, trabalha, negro;  
A morte te espera lá!<sup>167</sup>

Nísia Floresta destaca as belezas do lugar e suas deficiências, permitindo ao leitor conhecer o espaço físico desenhado pelas suas palavras. Salienta a ausência de monumentos, o interesse da população pelos espetáculos de cantoras e bailes, tão comuns naquela época, o desinteresse do poder público em investir em obras higienistas, que não fazia esforços para “expurgar as nossas ruas dos tigres que as infestam”, referindo-se aos escravos que durante a noite carregavam tonéis das excreções das residências para o mar, em frente ao Largo do Paço.

Eduardo César Marques destaca que naquele momento as intervenções visando ao melhoramento das condições sanitárias no Rio de Janeiro eram praticamente inexistentes, concentrando-se em locais pontuais, uma atuação descontínua, ausência de políticas estatais voltadas para a higiene. Nísia Floresta destaca o desinteresse das autoridades na referida crônica e convida o estrangeiro a apressar-se “em deixar o recinto onde está assentada a orgulhosa rainha da América meridional trajando pomposas galas, mas tão profundamente descuidosa do seu estado sanitário”.<sup>168</sup>

Em 25 de agosto de 1855, a mãe da escritora faleceu no Rio de Janeiro. No *Correio Mercantil*, consta uma nota a respeito:

Nizia Floresta Brasileira Augusta, o Dr. José Henrique de Medeiros e Augusto Américo de Faria Rocha, confessam sua mais profunda gratidão a todas as pessoas que se dignaram acompanhar, ao cemitério de S. João Baptista, o corpo de sua muito prezada mãe, sogra e avó, D. Antônia Clara Freire: e lhes participam que, no dia 31 do corrente, às 9 horas da manhã,

<sup>167</sup> FLORESTA, 2009, p. 39.

<sup>168</sup> FLORESTA, 2009, p.33.

será celebrada uma missa, em sufrágio da alma da falecida, na capelinha do mesmo cemitério.<sup>169</sup>

Em março de 1856, Nísia Floresta publicou no jornal *O Brasil Ilustrado* O pranto filial, onde lamenta a recente partida de sua mãe, no mês que outrora já havia sido marcado pela partida do pai e do esposo, como assim ela se refere a Augusto. Na crônica, a escritora fornece informações importantes sobre o pai, quando fala dos motivos de seu assassinato:

Haviam decorrido vinte e sete anos depois que a mão de um vil assassino assalariado pelo atroz despotismo de um Cavalcante caiu sobre a cabeça de um advogado reto e enérgico, cuja pena fizera triunfar a causa da inocência oprimida!...<sup>170</sup>

Outra informação importante prestada pela autora na referida crônica é a de que com seu trabalho sustentou a mãe após sua viuvez. Afirma:

Foi a ti que devi as primeiras felizes inspirações de utilizar por mim só a família, de bastar-me a mim mesma. A tua viuvez prematura abriu-me aquela mais importante página da vida que selei com minha solicitude e ternura filial, feliz no meio de meus próprios pesares, quando pude dizer no silêncio do meu coração: ‘O resultado do meu trabalho é suficiente para satisfazer todas as suas precisões’.<sup>171</sup>

Ainda no ano de 1855, Nísia Floresta prestou serviços como enfermeira no Rio de Janeiro. No dia 23 de setembro, publicou o seguinte artigo no *Correio Mercantil*, intitulado Um apelo à caridade feminina, sob a assinatura de Brasileira Augusta:<sup>172</sup>

Fluminenses! Brasileiras! Quando o grito de dor, arrancado pelo mais terrível dos flagelos que tem oprimido tantas populações diversas, retumba do norte ao sul do nosso caro Brasil, consenti que invoque os sentimentos generosos que Deus gravou em vossos corações em prol da humanidade sofredora!

Nos tempos de calamidade, mais do que nos de bonança, a mulher deve satisfazer a grande missão de caridade que lhe foi transmitida pela mãe do Homem de Deus.

Reunamo-nos pois comum acordo para socorrer os indígenas desvalidos, levando-lhes palavras de consolação, e recursos às suas casas, e até mesmo nos hospitais se mister for; formemos um núcleo de obras pias, concorrendo com o nosso óbulo, e mais ainda com os nossos serviços pessoais para reanimar a pobreza e a dor que propagam seus lamentos por esta grande cidade do Rio de Janeiro; e dest’arte teremos pago o melhor tributo à humanidade, que nos bem dirá perante Deus. A que vos fala, está há um mês mergulhada na dor da mais irreparável das perdas – a de uma boa e adorada mãe; mas quando a humanidade geme, as dores individuais devem calar-se.

<sup>169</sup> NÍZIA Floresta... *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 240, 30 ago. 1855.

<sup>170</sup> FLORESTA, 2009, p. 87.

<sup>171</sup> FLORESTA, 2009, p. 88-89.

<sup>172</sup> A atribuição da autoria do referido artigo a Nísia Floresta está baseada no conhecimento de que o pseudônimo “Brasileira Augusta” foi utilizado pela escritora em outras publicações, tal como seu *Opúsculo* (1853), que foi assinado com as iniciais B.A.

Eia, sigamos o exemplo que nos dão tantas caridosas mulheres de outras nações, e a nossa obra será mais meritória, porque mais do que elas temos que vencer os prejuízos da nossa terra, os hábitos de três séculos e meio! Reassumamos enfim por uma primeira prática de caridade pública, nesta tremenda quadra, o lugar a que mais direito temos na sociedade – o de suavizar quanto ao nosso alcance estiver os sofrimentos do nosso semelhante.<sup>173</sup> (grifo do autor)

Nísia Floresta referia-se, provavelmente, à epidemia de febre amarela que assolava o Rio de Janeiro desde o início da década de 1850. Diante da situação, convocou as mulheres para o que ela acreditava fazer parte de suas funções naturais, a caridade. E a escritora deu o exemplo: consta no *Jornal do Comércio* de 7 de outubro de 1855 que Nísia Floresta juntou-se ao grupo que compunha a enfermaria de Nossa Senhora da Conceição, que “se apresentou espontaneamente nesta enfermaria, e se propôs a velar junto aos leitos dos nossos pobres enfermos”.<sup>174</sup>

Não é possível precisar até quando prestou serviços na enfermaria. Mas foram localizados três anúncios<sup>175</sup> de agradecimento pelo socorro prestado, onde consta o nome da escritora, o último do dia 30 de novembro de 1855, feito por José de Castro.<sup>176</sup>

Em 1856, Nísia Floresta retorna para Europa com a filha. Nesse ano inicia a troca de cartas com Augusto Comte e uma relação fraterna entre ambos pode ser verificada através delas. A preservação das cartas ficou a cargo de positivistas brasileiros e franceses. A troca de correspondências durou até o falecimento do filósofo em 1857.

Ainda em 1857, Nísia Floresta publica mais um livro, desta vez em Paris, *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*.<sup>177</sup> Em formato de cartas para o filho e os irmãos, a autora relata sua experiência da viagem que durou cinco semanas, passando por Bruxelas, Frankfurt, Stuttgart, Estrasburgo, dentre outras cidades. A autora registra os pormenores da viagem, como o café da manhã ou o cansaço durante o dia, e também a saudade dos parentes e de seu país de origem, resgatando eventos históricos dos lugares por onde passava, interessada em buscar ensinamentos de onde visitava.

<sup>173</sup> AUGUSTA, Brasileira. Um apelo à caridade feminil. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 264, 23 set. 1855, p. 2.

<sup>174</sup> CARVALHO, Maximiano Marques de. Enfermaria de Nossa Senhora da Conceição... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 276, 7 out. 1855.

<sup>175</sup> MELLO, José da Silva. Agradecimento, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 out. 1855.; GUIMARÃES, Antônio de Freitas. Agradecimento, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1885.

<sup>176</sup> CASTRO, José de. Gratidão e louvores, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1885.

<sup>177</sup> FLORESTA, Nísia. *Itinéraire d'un voyage en Allemagne*. Paris: A. Chérié Editeur, 1857. Há também a edição brasileira (póstuma): FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Natal: Editora Universitária, 1982.

No ano de 1859, Nísia Floresta publicou em Florença *Scintille d' un' anima brasiliana*,<sup>178</sup> reunindo cinco ensaios; *Il Brasile; L' abisso sotto i fiori della civiltà; La donna; Viaggio magnético; Una passeggiata al giardino di Lussemburgo*. Os ensaios foram traduzidos para outros idiomas por Lívia.

E mais uma vez Nísia Floresta demonstra características que permearam toda a sua produção intelectual. Em *O Brasil*, texto que não foi, curiosamente, traduzido no Brasil, aborda as belezas de sua pátria, descrevendo a natureza, as lutas liberais que aqui ocorreram e critica a colonização portuguesa. Duarte afirma que a principal motivação para a escrita do texto foi a constatação da autora da ignorância estrangeira diante de sua pátria: “Esta experiência levou-a a produzir um texto que contivesse informações das riquezas, das potencialidades e da história nacional, com o claro objetivo de alterar o conceito que os europeus tinham de sua pátria”.<sup>179</sup>

Em *A mulher*, critica fortemente a prática até então comum na França de as mães delegarem a criação de seus filhos à amas de leite. A autora traça o que na sua concepção seria o verdadeiro papel de filha, de mãe e de esposa, mantendo o tom moralista em conselhos que encontramos em outros textos seus.

Em 1864, a autora publicou o primeiro volume de *Trois ans en Italie, suivis d' un voyage en Grèce*.<sup>180</sup> Nesse livro, a autora tece novamente críticas à escravidão, denuncia o preconceito racial e reforça a ideia de que os negros eram inferiores devido ao sistema de escravidão ao qual estavam submetidos e não por natureza própria. A autora se mostrou novamente participante de debates políticos de sua época, não somente no Brasil como na Europa, onde essa obra foi difundida.<sup>181</sup>

No artigo *As viagens e o discurso autobiográfico de Nísia Floresta*,<sup>182</sup> Constância Lima Duarte ressalta que a escritora oscila entre escrever detalhes de sua viagem como um diário e escrever cartas para os parentes dos quais sentia saudades. A autora não deixa de colocar suas impressões e sentimentos em sua narrativa, pondo em relevo o caráter subjetivo da obra.

<sup>178</sup> FLORESTA, Nísia. *Scintille d'un' anima brasiliana*. Firenze: Tipografia Barbera. Bianchi & C., 1859.

<sup>179</sup> DUARTE, Constância Lima. Apresentação. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. xii –xxix. ii –xxix.

<sup>180</sup> FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: Librairie E. Dentu, 1864.

<sup>181</sup> DUARTE, 1995, p. 162-163.

<sup>182</sup> DUARTE, Constância Lima Duarte. *As viagens e o discurso autobiográfico de Nísia Floresta*. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 25, p. 73 – 87, jul./dez. 2009.

A respeito dessa obra, Duarte ressalta ainda que a autora inova em alguns aspectos, tal como vemos no trecho a seguir do artigo supracitado:

Nísia Floresta, portanto, não realizará apenas *mais um* relato de viagem à Itália, nem fará eco às descrições de ‘terra de sonhos e fantasia’, que vivia de glórias passadas, dos mitos e reminiscências históricas. A inovação de Nísia consistirá, principalmente, na abordagem sensível que faz do tempo presente italiano. O passado é importante sim, mas enquanto referência para se compreender e valorizar o momento presente.<sup>183</sup> (grifos do autor)

A última obra de Nísia Floresta publicada em vida foi *Fragments d’un ouvrage inédit: notes biographiques*,<sup>184</sup> em 1878, em Paris. O livro consiste em uma coletânea de memórias da autora, a maior parte relativa a seu irmão, Joaquim Pinto, falecido em 1875. É uma biografia, onde a autora depositou suas perdas, permitindo aos biógrafos conhecer um pouco mais da alma dessa escritora. A tradução brasileira veio em 2001, feita por Nathalie Bernardo da Câmara.<sup>185</sup>

Em 1885, Nísia Floresta faleceu em Rouen, na França. Adauto da Câmara afirma que nessa época a figura da escritora já andava meio esquecida. Ainda assim, é possível encontrar notas sobre sua morte em jornais do período, tal como o *Mercantil*, *Diário Português* e *Gazeta da Tarde*. Este último trazia junto à notícia:

Autora de não pequeno número de trabalhos literários aqui publicados em diversas revistas como romances e poesias, D. Nísia Floresta retirou-se para a Europa já mais de 30 anos e aí escreveu, entre outras obras, ‘Trois ans em Italie’ e ‘Voyage em Allemagne’.

Em França como no Rio de Janeiro a emérita escritora gozou, pelo seu talento, da consideração de todos, e não poucas vezes frequentou os grandes salões das maiores celebridades do velho mundo nas letras, ciências e artes. Com Victor Hugo e Lamartine conversou sobre a poesia; com Augusto Comte estudou o positivismo.

Possuidora de um talento admirável sem que, talvez por sua longa ausência, enchesse a sua pátria com o ruído de seu nome, Nísia Floresta, já avançada em anos, expirou em Rouen, nos braços de uma sua filha.

Do seu espólio literário restam ainda muitos trabalhos inéditos, que seus filhos pretendem dar à publicidade.<sup>186</sup>

Ainda que o autor do artigo tivesse a intenção de valorizar sua vida e produção, oferece informações importantes. Aparentemente, mesmo vivendo tantos anos longe do seu país, Nísia Floresta permaneceu sendo reconhecida pelas publicações feitas no Brasil e

<sup>183</sup> DUARTE, 2009, p. 80.

<sup>184</sup> FLORESTA, Nísia. *Fragments d’un ouvrage inédit: notes biographiques*. Paris: A. Chérié Editeur, 1878.

<sup>185</sup> FLORESTA, Nísia. *Fragments de uma obra inédita: notas biográficas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

<sup>186</sup> AUTORA DE um não... *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 25 maio 1885.

também no exterior, evidenciando a existência de constante diálogo da brasileira com sua pátria, apesar de o artigo lamentar “a longa ausência” da escritora.

A notícia de sua participação em salões europeus contribui para entendermos as relações intelectuais que Nísia Floresta estabeleceu na Europa, onde esteve presente em cenários importantes para a produção de conhecimento científico e artístico, além do contato estabelecido com figuras notáveis da época, como os mencionados acima. A respeito dos salões europeus, Claude Dulong ressalta que foram cruciais para o fortalecimento e divulgação das produções femininas, permitindo que as palavras ditas pudessem se transformar em palavra escrita.<sup>187</sup>

A escrita de Nísia Floresta é, antes de tudo, essa transformação: a brasileira traduz em palavras a realidade observada e criticada por ela. Ela incorpora à sua escrita a sua experiência como educadora, como observadora dos costumes e do atraso a que estava condenada a mulher brasileira. Incorpora, ainda, as viagens feitas ao exterior, o contato com outra cultura, outra educação, outros educadores e filósofos. Sua produção, em parte autobiográfica, retrata sua experiência com a educação de meninas, as frustrações e as expectativas para o futuro. Permite, ainda, conhecer o cotidiano, os costumes e as relações entre os sexos no Brasil de oitocentos.

### 3 A EDUCAÇÃO FEMININA NO SÉCULO XIX

---

<sup>187</sup> DULONG, 1991, p. 484.

A principal bandeira defendida por Nísia Floresta em seus escritos foi a da educação feminina, consonante com a reivindicação da grande maioria de mulheres que se levantaram através da escrita no século XIX. Através da educação, ela acreditava que a mulher poderia ser valorizada socialmente e exercer as funções de filha, esposa e mãe e, dessa maneira, contribuir para a transformação moral da sociedade oitocentista.

Porém Nísia Floresta não ficou somente no discurso. Fundou em 1838, no Rio de Janeiro, o Colégio Augusto, provável homenagem ao companheiro. A instituição de ensino dedicou-se a educar meninas, ministrando disciplinas que não eram costumeiramente ensinadas em outras instituições. Sem dúvida, sua escrita era resultado de suas experiências em sala de aula e das dificuldades encontradas quando preceptora e, posteriormente, como diretora, enfrentando a resistência dos pais e dos críticos que se levantavam contra as suas ideias.

É necessário analisar a situação da educação feminina nos oitocentos para compreender as ideias defendidas por Nísia Floresta e a fundação do Colégio Augusto, ideias inseridas num contexto de reivindicações por melhorias no tratamento dedicado às mulheres pela sociedade patriarcal.

Ao fundar uma instituição de ensino, a escritora enriqueceu sua leitura e seu projeto de transformar a situação feminina observada por ela. Nas suas obras, podemos perceber gradativas transformações nos argumentos, sempre reforçando a natureza virtuosa da mulher e as contribuições que deixou de oferecer para o progresso da humanidade graças à educação precária que lhe era oferecida. A sua escrita é, também, repleta de discursos autobiográficos que permitem conhecer a sua compreensão da própria trajetória enquanto preceptora e diretora.

Neste sentido, é fundamental analisar as prescrições de Nísia Floresta quanto à educação de meninas e seu diálogo com o sistema de educação oferecido naquele momento, o enriquecimento dos argumentos com suas viagens ao exterior e o contato com a educação europeia. A brasileira defendeu a ampliação do acesso feminino à educação, o desenvolvimento intelectual de mulheres e que a participação feminina na sociedade era fundamental para o seu progresso.

### 3.1 A educação feminina segundo Nísia Floresta

A luta em favor da educação e instrução feminina encontrou forte oposição, especialmente masculina. Não havia o interesse de proporcionar para as mulheres poder maior que aquele que já possuíam dentro do ambiente doméstico. Novamente a busca pela diferenciação sexual se colocou como obstáculo para aquelas que almejavam o acesso à educação. Nísia Floresta evidencia que, ao negarem o direito da mulher à educação, os homens tinham interesse em mantê-la sob seu domínio:

Quanto mais ignorante é um povo, tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder. É partindo deste princípio, tão contrário à marcha progressiva da civilização, que a maior parte dos homens se opõe a que se facilite à mulher os meios de cultivar o seu espírito. Porém, é este um erro que foi e sempre será funesto à prosperidade das nações, como à ventura doméstica do homem.<sup>188</sup>

No artigo publicado na seção *Variedades* do jornal *Correio Mercantil*, em 1847, é possível identificar que o argumento do autor estava baseado na ideia de que a real intenção dos homens ao negarem a educação às mulheres era mantê-las sob sua dominação:

Sendo as mulheres pela disposição do seu corpo menos robustas do que os homens, é evidente que a natureza não as destinou para violentos trabalhos, e fadigas; mais quanto é repreensível a negligência, e o desleixamento em cultivar as faculdades da sua alma! Não há cousa mais extravagante do que darem os homens má educação às mulheres, e queixarem-se depois tendo-as por desassissadas, e ineptas para se instruírem ao conhecimento das artes? Parece que de propósito querem os homens conservá-las ignorantes, para poderem a seu salvo praticarem com elas um poder absoluto.<sup>189</sup>

O autor não coloca em dúvida a inferioridade física feminina, mas questiona que esse seja o motivo para condenar as mulheres à ignorância. Ao mesmo tempo em que é possível identificar uma ideia comum partilhada pelos opositores da educação feminina, a inferioridade física das mulheres, identifica-se a responsabilização dos homens pelas faltas atribuídas ao belo sexo. O autor concebe, ainda, a instrução como instrumento de poder.

A inteligência era característica do sexo masculino, logo a mulher era considerada intelectualmente incapaz. Os discursos dos mais diversos setores intelectuais reforçavam a inferioridade feminina, fosse física ou intelectual. Assim é observado na afirmação de Cesare Lombroso,<sup>190</sup> cientista italiano:

Falta às mulheres inclinação especial para uma arte, ciência, profissão; elas escrevem, cardam, bordam, fazem músicas; elas são sucessivamente

<sup>188</sup> FLORESTA, 1989, p. 60.

<sup>189</sup> SOBRE A educação das mulheres. *Correio Mercantil*, n. 19, Rio de Janeiro, 26 jan. 1847, p. 3.

<sup>190</sup> Cesare Lombroso nasceu em 1835 em Verona, Itália. Formado em medicina pela Universidade de Paiva em 1858. Dentre obras publicadas podemos destacar: *Gênero e loucura* (1874), *O homem delinquente* (1876), *O delito* (1891), *Os anarquistas* (1894). Morreu em 1909, em Turim, Itália. Cf.: LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. São Paulo: Ícone, 2007.

modistas, costureiras, floristas, boas para tudo e para nada; mas elas não portam, senão raramente a marca de sua própria originalidade. Se todas ou quase todas as mulheres cozinham, os grandes cozinheiros e os mestres desta arte são os homens. Isso provém de uma menor diferenciação nas funções de seu cérebro. Sua consciência é antijurídica, antifilosófica e é inferior moral, física e intelectualmente.<sup>191</sup>

Nísia Floresta questionou a afirmação recorrente a respeito da inferioridade física e intelectual da mulher. Para ela, se tratava apenas de uma tentativa de impedir o acesso da mulher à instrução e, portanto, limitar sua atuação naquela sociedade. Afirma:

A fraqueza física é um dos pretextos de que se prevalecem certos sofistas para subtraírem a mulher ao estudo, para o qual a julgam imprópria. Não é a natureza física, como pretende Helvécio, que faz a superioridade do homem, mas sim a inteligência. [...] E a inteligência, que não tem sexo, pode ser igualmente superior na mulher [...].<sup>192</sup>

Os discursos reforçavam constantemente a inferioridade feminina. Incapazes fisicamente, seres irracionais e mais suscetíveis a vícios, as mulheres eram vistas como eternas crianças. Nísia Floresta aponta a naturalização, por parte das mulheres, da subjugação imposta pelos homens em seus *Pensamentos* de 1845: “Os homens fizeram leis parciais/ Que a mulher julgar deve naturais”.<sup>193</sup> A esse respeito, Michèle Crampe-Casnabet esclarece:

A inferioridade da mulher, enraizada na sua diferença sexual, vai ser estendida a todo o seu ser e particularmente às suas faculdades intelectuais. Terá ela, verdadeiramente, um espírito, uma capacidade racional? De direito sim, na sua qualidade de ser humano. De fato, a declaração de princípio da igualdade intelectual entre os sexos é posta em causa por uma opinião masculina quase unânime.<sup>194</sup>

Muitos defendiam essa ideia, visando engessar a mulher na posição social que lhe haviam atribuído, negando-lhe o envolvimento na esfera pública e a obtenção de direitos básicos. Crampe-Casnabet acrescenta:

Admitir a igualdade dos sexos, a necessidade de uma educação comum, parece implicar que seja reconhecido às mulheres o direito de participar da vida política, o direito à cidadania. [...] A cidadania vem-lhes apenas do fato de serem esposas dos cidadãos, o que não lhes confere outro direito senão o de conservarem a castidade dos costumes e de velarem pelo bom entendimento das famílias. O mesmo é dizer

<sup>191</sup> LOMBROSO *apud* CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. *Outros Tempos*, Maranhão, v. 7, n. 10, dez. 2010, p. 242.

<sup>192</sup> FLORESTA, 1989, p. 62-63.

<sup>193</sup> FLORESTA, 2009, p. 26.

<sup>194</sup> CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 385.

que a cidadania feminina – reduzida à esfera privada – está excluída de qualquer realidade política.<sup>195</sup>

Arthur Schopenhauer é exemplo dos que defendiam a incapacidade intelectual das mulheres. Considerava, como tantos outros pensadores de seu tempo, que as mulheres não passavam de crianças grandes, incapazes de amadurecer o intelecto. Seria esta a única razão para justificar sua aptidão em cuidar dos filhos. Destaca:

Nem para a música, nem para a poesia, tampouco para as artes plásticas as mulheres têm, real e verdadeiramente, talento e sensibilidade; quando, porém, elas afetam ou simulam essas qualidades, de nada mais se trata senão de pura macaquice voltada a seu desejo de agradar.<sup>196</sup>[...]

Para amas e educadoras em nossa primeira infância, as mulheres se mostram particularmente adequadas, já que são infantis, tolas e têm visão curta. Em poucas palavras, são crianças grandes: uma espécie de estágio intermediário entre a criança e o homem, que é, este sim, uma pessoa de verdade.<sup>197</sup>

O autor também se posicionou a respeito da busca pela valorização do sexo feminino e o desejo de terem suas funções revistas pela sociedade oitocentista. Afirmou que o caos se instalaria sempre que se concedessem direitos ao sexo feminino, tal como na afirmação: “Concedendo à mulher direitos acima da natureza, impuseram-lhe igualmente deveres acima da natureza, daí decorre para ela uma infinidade de desgraças”.<sup>198</sup> Schopenhauer ilustra parte do pensamento masculino da época, desejoso de evitar o deslocamento feminino da esfera privada.

No Brasil, os homens tinham livre acesso à instrução, desde que pertencessem a família abastada, podendo viajar para o exterior para concluir os estudos e formar-se na Europa. Quando era permitido que moças aprendessem a ler, a escrever e noções básicas de cálculos e geografia, isso se dava geralmente no espaço doméstico, com professores particulares e comumente não passavam de lições simples. O relato oferecido por John Luccock,<sup>199</sup> em 1813, colabora para a compreensão desse aspecto. Afirma:

Seria absurdo pretendermos um relato igualmente detalhado das diferentes ordens de mulheres e de suas várias ocupações. Têm estas que ser, fatalmente, de natureza particular e é preciso que se lembre que as mulheres das classes altas e médias, e especialmente as mais moças, vivem muito mais reclusas que em nossa própria terra. O pouco contato que os costumes com

<sup>195</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 397-398.

<sup>196</sup> SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. Introdução e notas de Franco Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 25.

<sup>197</sup> SCHOPENHAUER, 2004, p. 27.

<sup>198</sup> SCHOPENHAUER, p. 6.

<sup>199</sup> John Luccock foi um comerciante inglês que durante os anos em que esteve no Brasil elaborou *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais*. Cf.: GAGLIARDO, Vinícius Craneck. A construção do Rio de Janeiro na literatura de viagem oitocentista. *Almanak Guarulhos*, n.12, p. 156-183.

elas permitem, dentro em breve, põem a nu a sua falta de educação e instrução. Isto, aliás, fazia parte do sistema declarado; estava assentado que o saber ler para elas não devia ir além do livro de rezas, pois isso lhes seria inútil, nem tampouco se desejava que escrevessem a fim de não fizessem, como sabiamente se observava, um mau uso dessa arte.<sup>200</sup>

Os pais não queriam que as suas filhas soubessem mais que o necessário para gerirem um lar. Assim, não deveriam ter conhecimento suficiente para que fossem capazes de ler romances indecentes, ou de escrever bilhetes para paixões proibidas. Nísia Floresta, referindo-se à ignorância proposital reservada às mulheres na primeira metade dos oitocentos, afirma:

Dizia-se geralmente que ensinar-lhes a ler e escrever era proporcionar-lhes os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se, sempre, que costura e trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias da mulher. Este prejuízo estava de tal sorte arraigado no espírito de nossos antepassados, que qualquer pai que ousava vencê-lo e proporcionar às suas filhas lições que não as daqueles misteres, era para logo censurado querer arrancar o sexo ao estado de ignorância que lhe convinha.<sup>201</sup>

A instrução destinada livremente para o sexo masculino também constituía elemento de dominação. A respeito do lugar da educação na sociedade do século XIX, Vera Andrade ressalta que:

A educação durante a monarquia estava ligada ao desempenho dos papéis sociais. Enquanto a educação masculina era direcionada para o exercício da cidadania e das funções públicas, a educação feminina estava voltada para as funções familiares e para a maternidade. A sociedade era pensada a partir da célula familiar, e a vida social funcionava como uma ampliação da vida doméstica. No quadro das relações sociais patriarcais, aos homens cabia formar e dirigir os núcleos familiares através da procriação, sustentação e proteção; o lugar do homem era o de administrador dos espaços privados e públicos, do micro ao macro espaço sócio-político-econômico. Às mulheres cabia o papel de reprodutoras da linhagem das famílias e zeladoras do lar; o lugar da mulher era o de esposa e mãe no âmbito doméstico e familiar, e, de forma complementar, de dama da sociedade.<sup>202</sup>

É possível identificar que a educação constituía importante instrumento de subjugação feminina, reforçando o lugar que ocupavam e dificultando seu acesso a outras esferas sociais. Aos homens estava reservado o ensino da filosofia, das ciências naturais, operações matemáticas mais complexas, enquanto que para as mulheres era fundamental o estudo da costura, da cozinha, contas rudimentares para a contabilidade doméstica.

Diante do papel de zeladoras do lar, cabia às mulheres, fosse através da educação, fosse através de brincadeiras, aprender a realizar as tarefas que lhes seriam exigidas quando

<sup>200</sup> LUCOCK apud LEITE, Míriam Moreira (Org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1984, p. 68.

<sup>201</sup> FLORESTA, 1989, p. 66.

<sup>202</sup> ANDRADE apud CASTRO, 2010, p.239.

casassem. Deveriam desenvolver suas virtudes ainda quando crianças para que pudessem realizar um casamento satisfatório e manter a honra da família. Assim, as mulheres de elite eram ensinadas a reproduzirem e, posteriormente, transmitirem, o modelo feminino construído pelo discurso patriarcal brasileiro.

A instrução para meninas era ministrada na maioria dos casos no ambiente familiar, uma vez que escolas primárias para meninas no início do século eram raras, considerando a extensão territorial do Brasil e a ausência de políticas e incentivos voltados para a educação feminina. Maria José Garcia Werebe esclarece que essa situação perdurou durante todo o século XIX:

O pouco ensino que havia no país era reservado aos meninos, pois as meninas não recebiam praticamente nenhuma instrução. Embora esta questão tivesse sido levantada na Assembleia, pouco de efetivo foi feito em favor da educação feminina. Salvo nas famílias abastadas, onde a cultura dos jovens se limitava à alfabetização e ao cultivo de ‘algumas prendas’, o resto da população feminina permanecia completamente analfabeta. Os progressos, registrados neste terreno, foram muito lentos em nosso país, mesmo depois da proclamação da República.<sup>203</sup>

Maria Celi Chaves Vasconcelos<sup>204</sup> destaca três personagens da educação doméstica: os professores, chamados de mestres particulares, ensinavam as primeiras letras, gramática, línguas, música, piano, artes e outros conhecimentos nas casas ou fazendas, para membros da família e/ou agregados; os preceptores moravam na casa da família que os contratavam e eram, em alguns casos, estrangeiros; por fim, havia membros da família que se encarregavam do ensino dos mais jovens, tais como a mãe, pai, irmãos mais velhos.<sup>205</sup>

Nísia Floresta ministrou, antes de fundar o próprio colégio, aulas particulares, como no Rio Grande do Sul. Sua filha também exerceu a profissão na Europa. É provável que essa tenha sido a principal renda que financiou as viagens de ambas pelo exterior. Foi através dessa experiência que a brasileira pôde observar as deficiências na educação ministrada às meninas que, de acordo com ela, era a principal forma de transmitir vícios morais.

No seu *Opúsculo*, já como diretora do Colégio Augusto, Nísia Floresta defendeu que a principal preceptora dos filhos deveria ser a mãe, uma vez que ela seria a primeira influência imediata recebida pelas crianças. Sua preocupação residia principalmente na educação precária que vinha sendo oferecida às mães que acabavam por transmitirem aos filhos

<sup>203</sup> WEREBE, Maria José Garcia. A educação. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico: declínio e queda do Império* (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 371.

<sup>204</sup> VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. *Educação em Questão*, Natal, v. 28, n. 14, p. 24-41, jan./jun. 2007.

<sup>205</sup> VASCONCELOS, 2007, p. 28.

conhecimentos e comportamentos inadequados. A escritora destaca que ninguém substituiria uma mãe devidamente instruída:

[...] estamos devidamente convencidos de que nenhuma diretora poderá fazer de nossa filha aquilo que nós poderíamos conseguir fazer, decidimo-nos pela educação feita sob o teto paternal, pelas mães, em condições apropriadas: para o que, desejaríamos proporcionar a todas conhecimento, aptidão e gosto a fim de preencherem elas mesmas, como deviam, a honrosa e sublime missão de preceptoras de suas filhas.<sup>206</sup>

Assim, Nísia Floresta evidencia a necessidade de oferecer às meninas uma educação que atenda a sua função futura de mãe. Criticando a realidade observada, a diretora conclui que: “Enquanto, pois ela [a mãe] não atingir a esse estado em que esperamos vê-la um dia colocada, é de rigorosa necessidade para os pais recorrerem aos colégios cujas diretoras sejam reconhecidas por seu zelo e dedicação ao ensino”.<sup>207</sup>

Vasconcelos ressalta o prestígio da profissão de educadora nos oitocentos, uma das poucas profissões que a mulher poderia exercer. Mas, para isso, eram necessários alguns elementos que comprovassem seu merecimento, tais como referências pessoais, aparência física e condição social. Afirma:

Empregando-se para ‘educar’ meninas e meninos, dominando diversificados conhecimentos exigidos para tal e ocupando um cargo ambicionado por estrangeiros que vinham para o Brasil, os professores particulares e os preceptores não poderiam ser desprovidos de um lugar representado como privilegiado nas estruturas sociais existentes.<sup>208</sup>

Mesmo com a criação e crescimento do número de escolas públicas e privadas destinadas ao ensino de meninas, a educação doméstica permaneceu como opção desejável para famílias da elite brasileira. O decreto imperial de 15 de outubro 1827 mandou criar escolas de primeiras letras nos lugares mais populosos do Império e regulamentou o ensino de meninas. Com destaque em três artigos desse decreto, é possível analisar sua relevância para a educação feminina:

Art. 6º - Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações aritméticas, práticas de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos, preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.

Art. 11 – Haverão escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho, julgarem necessário este estabelecimento.

<sup>206</sup> FLORESTA, 1989, p. 91.

<sup>207</sup> FLORESTA, 1989, p. 92.

<sup>208</sup> VASCONCELOS, 2007, p. 29.

Art. 12 – As mestras, além do declarado no artigo 6º, com a exclusão das noções de geometria e limitado a instrução aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica [...].<sup>209</sup>

É possível perceber que, apesar de estabelecer o ensino para mulheres, a instrução feminina institucional estava estritamente ligada à sua função social. O decreto, ainda que não tenha sido colocado em prática de forma eficiente nem ter minimizado as distâncias entre o ensino para meninos e para meninas, constituiu o primeiro passo para a institucionalização e difusão do ensino feminino além do ambiente doméstico.

No ano de 1834, uma nova emenda transferiu a responsabilidade do ensino primário e secundário para o poder local, resultando em uma desorganização do sistema educacional do Brasil.<sup>210</sup> As principais instituições de ensino naquele momento eram os colégios religiosos e particulares, muitos dirigidos por estrangeiros.

É necessário considerar a distância existente entre a educação para moças de elite e para as pertencentes a famílias pobres. Washington Dener dos Santos Cunha e Rosemaria Vieira Silva destacam que no decorrer do século XIX, o número de escolas era muito pequeno, insuficiente em algumas localidades para atender a demanda da clientela, apesar de a procura ser mínima;

[...] Uma vez que parte da população mais pobre não acreditava e não via grande interesse pelo aprendizado da leitura e da escrita, enquanto nas classes mais abastadas este tipo de ensino era suprido pela prática de contratação de preceptores.<sup>211</sup>

É possível identificar a deficiência do ensino público para meninas nas informações trazidas por Nísia Floresta a partir dos dados contidos no Quadro demonstrativo do estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte, de 1852. A escritora denuncia a disparidade entre o número de meninos e meninas que frequentavam as aulas públicas; de 55.000, apenas 8.443 eram do sexo feminino. Apresenta, ainda, os seguintes dados: em Minas Gerais, que contava com 209 escolas de primeiras letras, somente 24 eram destinadas às meninas. A Bahia contava com 184 escolas primárias, sendo apenas 26 de instrução feminina. Pernambuco tinha 16 escolas de ensino para meninas de um total de 82. No caso do Rio de Janeiro, eram 36 destinadas ao sexo feminino de 116 no total.<sup>212</sup> Além

<sup>209</sup> *História da educação no Brasil no período imperial*. Disponível em <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb05a.htm>>. Acesso em 13 de setembro de 2013.

<sup>210</sup> WEREBE, 1995, p. 376.

<sup>211</sup> CUNHA, Washington Dener dos Santos SILVA; Rosemaria J. A educação feminina no século XIX: entre a escola e a literatura. *Gênero*, Niterói, v.11, n. 1, 2. sem. 2010. p. 98.

<sup>212</sup> FLORESTA, 1989, p. 82.

dessas informações que evidenciavam o atraso de investimentos na educação feminina, Nísia Floresta pontua outros elementos que contribuíam para a situação observada:

Acrescentamos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão de métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações, e teremos, reduzido à expressão mais simples o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe.<sup>213</sup>

A educação secundária, especialmente após 1834, ficou a cargo das instituições privadas. Cunha e Silva afirmam que foi a partir da década de 1850 que se intensificou a organização das escolas secundárias femininas, “tornando-se espaços notórios de sociabilidade, marcados pelas reuniões da elite local, empenhando-se mais na realização de festas do que na função a que se destinavam – o ensino”.<sup>214</sup>

Nísia Floresta critica o ensino primário no Brasil, público e particular, denunciando o descaso das autoridades durante a primeira metade do século XIX. A esse respeito ela afirma:

Nada, porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação de nossas mulheres, a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência, e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual, a que têm direito as mulheres de uma nação livre e civilizada.<sup>215</sup>

A escritora atribui a Portugal a responsabilidade pelo atraso na educação de mulheres, afirma que “é uma triste verdade ter o Brasil herdado de sua metrópole o desprezo em que teve ela sempre a educação do sexo”.<sup>216</sup> Para ela, a educação fornecida às mulheres desde a colonização era não somente ineficiente como pernicioso para a moralidade feminina. As escolas primárias também constituíram exemplos danosos para a educação de meninas. Nísia Floresta denuncia os castigos físicos constantemente aplicados:

As escolas de ensino primário tinham antes o aspecto de casas penitenciárias do que de casas de educação. O método da palmatória e da vara era geralmente adotado como o melhor incentivo para o desenvolvimento da inteligência. [...] Se as meninas que em muitos desses repugnantes estabelecimentos eram admitidas de comum com outro sexo ficavam isentas dessa sorte de barbaria, não deixavam entretanto, de presenciá-la por vezes e de receber uma impressão desfavorável que muito concorria para enervar-lhes a delicadeza e a modéstia, que, de outra sorte dirigidas, tanto realce dão às qualidades naturais da mulher.<sup>217</sup>

<sup>213</sup> FLORESTA, 1989, p. 83.

<sup>214</sup> CUNHA; SILVA, 2010, p. 100.

<sup>215</sup> FLORESTA, 1989, p. 44.

<sup>216</sup> FLORESTA, 1989, p. 47.

<sup>217</sup> FLORESTA, 1989, p. 57-58

Mas não eram somente os castigos físicos que prejudicavam o desenvolvimento moral das meninas. Nísia Floresta denuncia a presença de professoras que não estavam preparadas para desenvolver sua profissão adequadamente:

A palmatória era o castigo menos afrontoso reservado às meninas por mulheres, em grande parte, grosseiras, que faziam uso de palavras indecorosas, lançando-as ao rosto das discípulas onde ousavam imprimir alguma vez a mão, sem nenhum respeito para com a decência nem o menor acatamento ao importante magistério que, sem compreender, exerciam.<sup>218</sup>

O despreparo das professoras denunciado pela escritora era explicado pela ausência de medidas públicas e privadas efetivas para a formação dessas profissionais. Na ausência de instituições para sua instrução, professores e professoras ensinavam de acordo com o conhecimento que já possuíam. A esse respeito, Guacira Lopes Louro destaca que:

Quando os deputados regulamentaram com a primeira lei de instrução pública o ensino das ‘pedagogias’ – aliás, o único nível que as meninas teriam acesso – afirmaram que seriam nomeadas mestras dos estabelecimentos ‘aquelas senhoras que por sua honestidade, prudência e conhecimentos se mostrarem dignas de tal ensino, compreendendo também o de coser e bordar’.<sup>219</sup>

Assim, o saber destinado às meninas era limitado pelo saber permitido às suas educadoras e o foco deveria estar sobre as prendas domésticas. As críticas sobre a qualidade do ensino incidiam diretamente sobre a má formação das professoras. A reclamação por escolas de preparação de professoras e professoras tornou-se, assim, uma consequência.<sup>220</sup>

Em 1835, no Rio de Janeiro, foi criada a primeira escola normal brasileira, destinada principalmente para a formação de professores homens. Em sua administração, estaria um diretor, que acumulava a função de professor. Do currículo, faziam parte ler e escrever pelo método lancasteriano;<sup>221</sup> as quatro operações e proporções, a língua nacional; elementos de geografia e princípios da moral cristã.<sup>222</sup>

<sup>218</sup> FLORESTA, 1989, p. 58.

<sup>219</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 444.

<sup>220</sup> LOURO, 2004, p. 448.

<sup>221</sup> Introduzido no Brasil oficialmente pelo Decreto das Escolas de Primeiras Letras de 15 de outubro de 1827. Baseia-se no ensino dos alunos por eles mesmos. Todos os alunos da escola, algumas centenas sob a direção de um só mestre, estão reunidos num vasto local que é dominado pela mesa do professor. Na sala estão enfileiradas as classes, tendo em cada extremidade o púlpito do monitor e o quadro negro. Cf.: BASTOS, Maria Helena Câmara. O ensino monitorial/mútuo no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara (Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil – Século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 35-36.

<sup>222</sup> TANURI, Leonor Maria. História e formação dos professores. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 14, mai./ago. 2000, p. 64.

No entanto as iniciativas para solucionar o problema não atenderam às expectativas. A referida escola normal teve fim em 1849. Após quatro anos de funcionamento, apenas 14 alunos concluíram o curso. Leonor Maria Tanuri destaca que:

Na verdade, em todas as províncias as escolas normais tiveram uma trajetória incerta e atribulada, submetidas a um processo contínuo de criação e extinção, para só lograrem êxito a partir de 1870, quando se consolidam as ideias liberais de democratização e obrigatoriedade da instrução primária, bem como de liberdade de ensino. Antes disso, as escolas normais não foram mais que um projeto irrealizado, ou como as definiu o presidente da Província do Paraná em 1876: ‘plantas exóticas: nascem e morrem quase no mesmo dia’.<sup>223</sup>

Assim, a grande maioria de professoras permaneceu sem uma formação oficial para desenvolver suas funções. Mesmo com o passar dos anos, Nísia Floresta aponta que os encarregados da educação permaneciam incapazes de cumprir a missão que lhes cabia. Faltava o apoio dos pais e o incentivo das autoridades. Ainda que não fosse esse caso, a escritora destaca o despreparo dos diretores das casas de educação:

E quais são em geral essas pessoas encarregadas da difícil missão de corrigirem erros inteiramente negligenciados pelos pais e ampliados pelo contato de uma sociedade onde o respeito pela inocência é ainda tão pouco compreendido? Quais as casas de educação cujo regime e instituições, baseados na previdência esclarecida do governo e no bom senso dos pais, possam garantir a educação radical da juventude? Não se tem visto, mesmo nesta Corte, diretores dessas casas, transpondo todas as metas de seus deveres, profanarem o mais sagrado princípio do magistério, sem que de tão criminosa conduta lhes provenha nenhum prejuízo mais que o de verem eliminado o nome de um ou outro aluno do livro de sua receita?<sup>224</sup>

Através da Nísia Floresta escritora, podemos conhecer melhor a educadora, seus posicionamentos frente à realidade educacional verificada por ela. Ao criticar a educação feminina de então, ela prescreve um modelo que considera adequado para se educar as meninas, aquele que seria capaz de fazê-las desenvolver suas virtudes inatas. Neste sentido, a escritora nos fornece indícios da situação da educação naquele momento, mas devemos considerar que ela também foi diretora de um colégio para meninas, e sua análise pode ser comprometida por interesses pessoais.

A escritora tece críticas quanto à educação particular no Brasil, especialmente aquela dirigida por estrangeiros. Aponta a falta de fiscalização nos estabelecimentos de ensino privados, criados, de acordo com ela, baseados no interesse financeiro e não para contribuírem com a educação da mocidade. Denuncia, também, que:

---

<sup>223</sup> TANURI, 2000, p. 64.

<sup>224</sup> FLORESTA, 1989, p. 77-78.

Nenhuma lei geral tendente à investigação dos colégios particulares foi ainda promulgada pelo governo, nenhuma medida tomada para que o ensino da nossa mocidade seja convenientemente dirigido. [...] À parte as devidas exceções, as nossas casas de educação são dirigidas por pessoas sem a aptidão necessária ao desempenho do mais melindroso emprego entre os povos civilizados. Muitas dessas pessoas aportam às nossas praias com o fim de especularem no comércio. Vendo depois frustrados os seus planos de interesse nessa carreira, lançam mão do ensino, e ei-los metamorfoseados, de negociantes e até mesmo de artesãos, em preceptores da mocidade brasileira [...].<sup>225</sup>

Werebe colabora para a compreensão desse aspecto quando afirma que “efetivamente, o ensino privado jamais sofreu restrições em nosso país”.<sup>226</sup> Não havia uma fiscalização do Estado sobre tais estabelecimentos, nem uma legislação que controlasse suas atividades. Ainda de acordo com Werebe:

A liberdade de ensino foi admitida até com muitos abusos. Tanto assim que muitos parlamentares tentaram, sem sucesso, pôr fim dos desmandos dos particulares. Em 1843, o deputado Justiniano da Rocha chamou atenção da câmara para a ‘exploração deslavada do ensino particular’ e propôs um projeto que determinava: ‘todo indivíduo que quiser abrir qualquer estabelecimento de instrução primária ou secundária, no município do Rio de Janeiro, deverá previamente impetrar licença do governo, provando: 1º. – que tem a necessária capacidade para o ensino a que se dedica; 2º. – que tem a necessária moralidade e que ainda não sofreu pena alguma infamante’. [...] Nenhum deles chegou a ser sequer tomado em consideração.<sup>227</sup>

Como o governo não possuía meios de efetivar a educação primária e secundária, a atuação de diretores de instituições privadas era interpretada, muitas vezes, como um apoio à instrução no país. Além disso, eram as mais procuradas pela elite brasileira. De acordo com o depoimento de D. Pontopiddan:

No Rio vi confirmada de vários lados minha desconfiança dos diretores e diretoras de escolas que nomeiam a si mesmos, sem qualquer garantia por parte dos interessados. Pois o que sucede realmente é que cada um que se apresenta ao Bispo para solicitá-lo, sem mais nem menos obtém permissão para abrir uma escola, mais ainda, que tal é considerado obra meritória.<sup>228</sup>

Nísia Floresta olhava com desconfiança o crescimento de estabelecimentos de ensino dirigidos por estrangeiros, pois acreditava que não havia razões que justificassem a vinda de intelectuais para o país com a finalidade de educar a mocidade, uma vez que a Europa constituía espaço privilegiado para eles, enquanto que no Brasil o cenário encontrado era de

<sup>225</sup> FLORESTA, 1989, p. 78-79.

<sup>226</sup> WEREBE, 1995, p. 377.

<sup>227</sup> WEREBE, 1995, p. 377.

<sup>228</sup> PONTOPIDDAN apud LEITE, 1984, p. 126-127.

atraso, especialmente no campo educacional. “Para o Brasil, o interesse material, e somente ele, conduz em geral o estrangeiro”.<sup>229</sup>

A presença de preceptoras no cotidiano das famílias de elite ganha força principalmente após a chegada da Família Real ao Brasil, que intensificou a busca pelo modelo cultural europeu. A escolha por estrangeiras conferia certo prestígio para as famílias abastadas.

É possível que as afirmações de Nísia Floresta a esse respeito visem desqualificar as concorrentes de seu ofício, uma vez que oferece a generalização como resposta à sua insatisfação com a educação feminina naquele momento. A contribuição estrangeira para a educação de meninas é reduzida diante das colocações da brasileira.

Diante da falta de preparo dos mestres brasileiros, é compreensível a preferência pelos estrangeiros. Cunha e Silva ressaltam que a precariedade no ensino para meninas residia, também, na instrução que era oferecida àqueles que seriam os mestres nas escolas. Afirmam:

Nesse sentido a situação da educação feminina era mais grave do que a já precária educação primária, de modo que o preenchimento das vagas para professores seria por meio de concurso público e por pessoas do mesmo sexo que os alunos. O fato é que as mulheres tinham dificuldades de serem aprovadas nesses concursos, embora o nível de exigência para o professorado do ensino primário fosse somente leitura, escrita e das quatro operações de aritmética. Tal orientação gerava um círculo vicioso, no qual as mulheres não tinham espaço para a ampliação de suas classes justamente pela falta de professoras qualificadas.<sup>230</sup>

Para Nísia Floresta, a falta de qualificação de professores e diretores comprometia o desenvolvimento da educação feminina. Afirma:

Em todos os pontos do Brasil, qualquer homem ou mulher que saiba ler, embora não seja no português classicamente belo de A. Herculano, e tem meios de montar uma casa de educação, julga-se logo habilitado a arrogar o título de diretor de colégio, caricaturando o que na Europa ilustrada assim se denomina. Nenhum exame em regra se exige desses educadores da juventude que terá de fazer um dia a glória do nosso país: eles ensinam pelos compêndios que querem, instituem doutrinas à sua guisa. O pedante goza das mesmas garantias, e quase sempre de maiores vantagens, que as inteligências superiores.<sup>231</sup>

June Hahner acrescenta que poucas escolas públicas foram criadas ainda na primeira metade dos oitocentos e que os salários oferecidos às professoras eram pouco atraentes, além de significarem uma quantia muito inferior ao ganho pelos professores. Mesmo após a criação das Escolas Normais que visavam ao preparo de mulheres para o magistério, Hahner afirma

<sup>229</sup> FLORESTA, 1989, p. 80.

<sup>230</sup> CUNHA; SILVA, 2010, p. 99.

<sup>231</sup> FLORESTA, 1989, p. 80.

que “as escolas normais permaneceram em número pequeno, insignificantes em matrículas e em situação precária até os últimos anos do império”.<sup>232</sup>

Antes de transformar seu projeto em palavras, Nísia Floresta executou uma pesquisa a respeito da situação da educação no país que é verificada em seus escritos. Juntamente com as críticas, a brasileira oferece informações relevantes para quem deseja conhecer a educação no Brasil oitocentista. As críticas empreendidas por ela são voltadas para endossar a necessidade de fornecer uma educação adequada para as meninas.

Nísia Floresta se contrapõe aos que afirmam existir progressos satisfatórios na educação de mulheres na segunda metade do século XIX, especialmente nas regiões mais distantes da Corte. A escritora reconhece as desigualdades entre as regiões do Brasil e deixa evidente sua preocupação. Defende que não é o número de instituições de ensino que garante o aumento do número de mulheres instruídas, uma vez que a educação ministrada às alunas era inadequada.<sup>233</sup> Afirma, ainda:

Quando mesmo o governo confessa, à vista de provas autênticas, ser por toda parte do Brasil *pouco lisonjeiro o quadro que apresenta o estado da instrução pública*, devemos nós regozijar-nos da marcha progressiva de nossa civilização? Cometeríamos um grande ato de injustiça se, como aqueles seus apologistas, deslumbrados da perspectiva fosforicamente brilhante das reuniões de nossas capitais – entre as quais tanto sobressaem as desta Corte, foco da civilização brasileira – esquecêssemos das nossas meninas do interior das províncias, condenadas ainda à sorte de suas mães sob o regime colonial.<sup>234</sup> (grifos do autor)

Hahner destaca que na segunda metade dos oitocentos é possível assinalar alguns progressos na educação feminina, ainda que as oportunidades educacionais para elas permanecessem limitadas até mesmo nas cidades. Apesar do crescimento do número de escolas, as famílias mais ricas continuavam a educar seus filhos no ambiente doméstico. O acesso à educação estava ligado diretamente à condição financeira familiar.<sup>235</sup>

Em comparação com a educação recebida pelos meninos, o atraso da educação feminina era inegável. O aprendizado das moças estava relacionado com os anseios de seu sexo, o casamento. Hahner afirma:

Com o tempo, as meninas ricas não só aprendiam a fazer bolos e doces e a costurar, bordar, mas também podiam estudar francês e piano, de modo que proporcionassem companhia mais agradável e atraente em ocasiões sociais. Conquanto Kidder e Fletcher na metade do século XIX acreditassem que o número de escolas para meninas estivesse aumentando, sustentavam que,

<sup>232</sup> HAHNER, 1981, p. 33.

<sup>233</sup> FLORESTA, 1989, p. 84.

<sup>234</sup> FLORESTA, 1989, p. 85.

<sup>235</sup> HAHNER, 1981, p. 31.

‘em oito entre dez casos, o pai brasileiro julgava que cumpria seu dever quando enviava sua filha por uns poucos anos para uma escola da moda mantida por algum estrangeiro: na idade de 13 ou 14 anos, ele a tirava da escola, acreditando que sua educação estivesse concluída’.<sup>236</sup>

Nísia Floresta acredita que o cenário precário da educação presenciado e descrito por ela era o responsável pelo lugar ocupado pela mulher na sociedade brasileira dos oitocentos. Ao defender a reforma do sistema educacional, a escritora defende, também, uma reforma na sociedade capaz de incluir a mulher no caminho do progresso da humanidade. “Insistamos, portanto, em clamar energicamente contra a escassez de meios de educação, que assim expõe grande parte de nossas mulheres a merecer tão acre censura”.<sup>237</sup> Na afirmação que segue é possível identificar a amplitude de seu projeto, que não visava apenas ao bem das mulheres, mas dos homens, também:

Os homens que pretendem, egoístas,  
Das ciências vedar-nos os arcanos,  
Contra si pronunciam sem o crerem,  
Sentença, que lhes traz terrível dano.<sup>238</sup>

Dessa maneira, sua escrita não advoga em favor apenas da educação feminina. Nísia Floresta acreditava que as transformações sociais e o progresso tão desejado naquele momento estariam na ampliação do acesso à educação, uma educação voltada para o desenvolvimento intelectual e moral, capaz de fazer desenvolver as virtudes inatas às mulheres e romper com os vícios. Na sua concepção, os homens, quando impediam o desenvolvimento da educação feminina, estavam prejudicando a si mesmos.

Nísia Floresta apresenta, também, através dos seus escritos, o modelo ideal de educação capaz de transformar a condição da mulher na sociedade nos oitocentos e, conseqüentemente, modificar os rumos da história da humanidade. Sua escrita é repleta de discursos autobiográficos, que permitem o conhecimento de sua interpretação a respeito de sua própria atividade como educadora, bem como a educação que ela desejava ver difundida entre as mulheres.

### 3.2 O projeto de Nísia Floresta para uma educação feminina ideal

Durante o século XIX, a educação feminina estava vinculada diretamente às funções sociais que as meninas desempenhariam na fase adulta. O projeto de educação desenvolvido

<sup>236</sup> HAHNER, 1981, p. 32.

<sup>237</sup> FLORESTA, 1989, p. 86.

<sup>238</sup> FLORESTA, 2009, p. 25.

por Nísia Floresta não defendia o rompimento dessa ordem, mas o seu aperfeiçoamento, de modo que as mulheres seriam educadas para desenvolverem de forma adequada suas funções sociais de filha, esposa e mãe.

Sendo assim, é importante analisar o referido projeto defendido pela escritora e educadora, especialmente a partir de seus textos, através dos quais é possível identificar suas propostas e intenções, seus planos e preocupações para com a educação de mulheres.

Nísia Floresta ergueu seu projeto para beneficiar a mulher brasileira. Ela define a mulher brasileira como: “as mulheres não indígenas que nascem de famílias livres, ou aquelas que a bondade dos pais resgata, na pia batismal, do triste selo da escravidão”<sup>239</sup> e acrescenta que: “É, portanto, em favor de todas as mulheres que escrevemos, é a sua geral prosperidade o alvo de nossos anelos, quando os elementos dessa prosperidade se acham ainda tão confusamente marulhados no labirinto de inveterados costumes e arriscadas inovações”.<sup>240</sup>

Primeiramente, é necessário esclarecer que Nísia Floresta estabelece diferenças entre instrução e educação, valorizando a segunda em detrimento da primeira, se necessário fosse. Para ela, a educação ultrapassa os saberes escolares, trata de desenvolver o caráter, enquanto a instrução relaciona-se com os conhecimentos adquiridos.

Na época, acreditava-se que a instrução seria danosa para a educação das mulheres, dificultando até mesmo um possível casamento para elas, como é possível verificar em artigo publicado no jornal *Marmota Fluminense*, onde o autor analisa a realidade observada por ele na Corte, em 1852:

Entendo, que destinando a natureza a mulher para filha, esposa e mãe, sobre a direção e aperfeiçoamento desses estados é que deve versar o maior desvelo de sua educação. De mulheres doutoras não carece a sociedade; e de ordinário a que se atira a altos estudos ganha o desenvolvimento intelectual o que perde nos dotes do coração; não é bem homem, nem bem mulher. Todavia longe estou de pretender, que fique privada de toda e qualquer instrução.<sup>241</sup>

O referido trecho permite algumas observações: à primeira vista, a colocação do autor parece coincidir com o posicionamento de Nísia Floresta, ao afirmar que a mulher tem como função natural ser filha, esposa e mãe e que a educação feminina deveria ser direcionada ao cumprimento desses papéis. No entanto o autor ilustra o exemplo daqueles que acreditam que o desenvolvimento das virtudes femininas é prejudicado quando se atinge certo grau de instrução, argumento contestado por Nísia Floresta.

---

<sup>239</sup> FLORESTA, 1989, p. 47.

<sup>240</sup> FLORESTA, 1989, p. 130.

<sup>241</sup> O PHILOSOPHO provinciano na corte, a seu compadre na província. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n.291, 27 ago. 1852, p. 3.

Outra afirmação que ilustra o pensamento vigente da época é aquele que acredita que a mulher perde sua feminilidade quando é instruída. “Nem homem, nem mulher”; a instrução feminina causa reordenamento das diferenças sexuais. O autor segue destacando a educação que ele considera adequada às mulheres:

Uma menina, de certa ordem, além de ler, escrever e contar, deve aprender gramática da sua língua; a pronunciar e traduzir o italiano; porque se der para a cantoria, nunca poderá bem desempenhá-la se ignorar o sentido das arias. Aprenda a música, o desenho, e a geografia. Não ignora as noções de história universal, aplicando-se principalmente à do seu país. Não deve ignorar a história da Religião, e suas doutrinas, e preceitos. Estes estudos devem acompanhar o coser, o marcar, o bordar, prendas mui úteis a uma mãe de família. Creio, que a respeito de instrução é quanto basta.<sup>242</sup>

O autor defende, como observado, que educação e instrução são conceitos diferentes. Enquanto a primeira prepara a mulher para viver o destino de seu sexo, sendo filha, esposa e mãe, a segunda afasta a mulher desse propósito. Dentre aquilo que ele elege como necessário ao aprendizado feminino estão alguns conhecimentos básicos, mas a maior parte deveria estar concentrada no desenvolvimento das atividades domésticas requeridas a uma mulher. Novamente, a instrução parece perniciosa para o belo sexo.

No entanto Nísia Floresta contesta tal argumento, afirmando:

Era quase opinião geral, como dissemos, que a instrução intelectual era inútil, quando não prejudicial, às meninas. Mas é porque aqueles que propalavam tão absurdo princípio não faziam esta simples observação posta ao alcance da inteligência ainda a mais míope, e para a qual lhes não era preciso revolverem a história dos outros povos: as mulheres brasileiras, baldas de toda a sorte de instrução, eram elas citadas como as mais virtuosas e severas nos princípios morais? Subtraíam-se assim melhor à cilada das seduções armadas à inexperiência ou à credulidade do sexo?<sup>243</sup>

A autora argumenta que inexistiam estatísticas que comprovem que os erros cometidos pela deficiência moral são em maior número cometidos por mulheres instruídas. O que acontecia na prática, de acordo com ela, é que a educação doméstica e religiosa era carente de bons exemplos e deficiente por si própria. Nesse caso, a instrução feminina não seria devidamente satisfatória para a sociedade.

Nísia Floresta afirma que: “[...] jamais a instrução da mulher pode ser prejudicial quando tem por base uma bem dirigida educação [...]”,<sup>244</sup> uma vez que “[...] a educação

<sup>242</sup> O PHILOSOPHO provinciano na corte, a seu compadre na província. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n.291, 27 ago. 1852, p. 3.

<sup>243</sup> FLORESTA, 1989, p. 68.

<sup>244</sup> FLORESTA, 1989, p. 37.

moral é o guia mais seguro da mulher, a estrela polar que lhe indica o norte, no frágil batel em que ela tem de navegar por esse mar semeado de abrolhos, a que se chama vida”.<sup>245</sup>

Contrapondo instrução e educação, Nísia Floresta cita o exemplo de George Sand e Madame de Stael, que “[...] chegaram ao pináculo da glória literária”.<sup>246</sup> Ambas tiveram sucesso por sua instrução, mas possuíam educação diferenciada, pois Sand apresentava comportamentos considerados inadequados para seus contemporâneos. A autora faz a seguinte ponderação, deixando claro o efeito que ela atribui à instrução sem a educação devida:

Se, com tão transcendente talento, a educação de Mme. Stael tivesse sido ministrada a George Sand, ter-se-ia esta deslizado da conduta circumspecta que constitui o primeiro mérito da mulher? Não, por certo, e aquela cujos escritos atraem a admiração do mundo literato faria brilhar, por entre a coroa de imortalidade que lhe cinge já a fronte, a mais preciosa de todas as pérolas, que lhe falta, e que somente a educação religiosa pode oferecer à mulher.<sup>247</sup>

A brasileira recomenda que todas as mulheres sejam educadas, ainda que afirme que nem todas poderiam ser devidamente instruídas, como é possível identificar no trecho que segue:

[...] sabemos que todas as mulheres não podem ser igualmente instruídas, ainda mesmo quando a todas se proporcionasse os meios de cultivar o seu espírito. O que pretendemos é possível, justo e de rigorosa necessidade, isto é, que todas sejam bem educadas em suas respectivas situações.<sup>248</sup>

A educação moral e religiosa era o princípio básico defendido por Nísia Floresta. A instrução sem a devida educação não teria o mesmo valor. Era preciso educar os sentimentos femininos para que a mulher cumprisse sua missão junto à humanidade:

O coração da mulher precisa ser trabalhado com uma educação especial e convenientemente dirigida; o que acontecerá quando, submetendo a ele o espírito e a inteligência, achar-se-á capaz de operar plena e dignamente no destino dos homens, fazendo ressaltar e harmonizar o quanto há de grande, de belo, e de nobre na progênie humana.<sup>249</sup>

Ela continua:

Educai o coração da mulher, esclarecei seu intelecto com o estudo de coisas úteis e com a prática dos deveres, inspirando nela o deleite que se experimenta ao cumpri-los, purgai sua alma de tantas nocivas frivolidades pueris de que se acha rodeada mal abre os olhos à luz.<sup>250</sup>

<sup>245</sup> FLORESTA, 1989, p. 60.

<sup>246</sup> FLORESTA, 1989, p. 33.

<sup>247</sup> FLORESTA, 1989, p. 34.

<sup>248</sup> FLORESTA, 1989, p. 65.

<sup>249</sup> FLORESTA, 1997, p. 115.

<sup>250</sup> FLORESTA, 1997, p. 115.

Apontando os motivos que, de acordo com Nísia Floresta, configuravam em impedimento para os progressos da educação feminina, tais como a negligência do governo, inaptidão da maior parte dos encarregados da mocidade, a escritora denuncia o que ela considera exemplos perniciosos para o desenvolvimento moral da mulher dentro dos costumes observados na sociedade oitocentista.

A escritora reconhece a importância do período da infância na formação do homem e da mulher, questão relevante para aquele momento, onde se delimitavam as noções básicas sobre a criança e a infância. Ela afirma:

As crianças são de mais precoce entendimento do que acreditaríeis. Observai-as com atenção e vereis que são todas propensas por natureza a imitar aqueles que estão à sua volta. No início o fazem ser se aperceberem; mas com o desenvolvimento progressivo de sua razão, seguem o modelo que melhor condiz com sua índole e maneira de viver. Então começam a despontar nelas aquelas inclinações que chamais naturais, e que muitas vezes não são mais que o resultado dos gostos por vós instilados em seus tenros corações, e dos exemplos que imitaram quando não prestáveis atenção.<sup>251</sup>

Mary Del Priore destaca que a infância era tida como um momento em que o indivíduo não possuía personalidade e passava por uma transição. Durante o século XIX, houve uma especialização do conhecimento a respeito da criança, com o aperfeiçoamento do discurso médico para garantir a sobrevivência do recém-nascido.<sup>252</sup> Até então, a infância não possuía valor significativo para a sociedade, e a responsabilidade para com a criança era terceirizada, ficando sob os cuidados dos serviçais, no caso das famílias de elite.

Elizabeth Badinter ressalta que a valorização da mulher enquanto mãe se dá em períodos em que há previamente o interesse pela criança, sua sobrevivência e educação. A criança representa, nesse sentido, instrumento relevante de negociação na relação entre os sexos:

Quem a domina, e tem a seu lado, pode esperar levar a melhor quando isso convém à sociedade. [...] Segundo as épocas e as classes sociais, a mulher sofreu essa situação ou aproveitou-se dela para escapar às suas obrigações de mãe e emancipar-se do jugo do marido.<sup>253</sup>

Nísia Floresta enxergava a infância como momento decisivo na formação moral do indivíduo, daí a necessidade de afastar tudo o que pudesse corrompê-lo. Entre os elementos citados pela escritora, está o contato das crianças com os escravos desde o seu nascimento, especialmente no caso das amas de leite, comuns naquele período:

---

<sup>251</sup> FLORESTA, 1997, p. 117.

<sup>252</sup> PRIORE, Mary Del. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

<sup>253</sup> BADINTER, 1985, p. 25.

Um prejuízo muita vez fatal à infância, um crime, diremos nós altamente, introduziu-se no Brasil, porque não é ele de origem brasileira: é o que leva as mães a negarem, por miseráveis considerações mundanas, seu seio aos seus recém-nascidos. Nada nos parece tão revoltante como ver uma mãe sem causa justificada pela natureza, consentir que seu filho se alimente em seio estranho.<sup>254</sup>

A escritora afirma que o uso de amas de leite no Brasil difere do uso pelos europeus, uma vez que aqui se recorria geralmente a negras, enquanto na Europa as amas tinham certa educação. É possível perceber a amplitude desse fenômeno através dos jornais, repletos de anúncios oferecendo os serviços de amas negras e pardas, como o que segue na seção Amas de leite no *Diário do Rio de Janeiro* de 1850.

Aluga-se uma parda, escrava, para ama de leite; no Largo da Glória n. 21.  
Aluga-se uma ama de leite na Rua do Lavradio n. 91.  
A pessoa que quiser criar uma criança recém-nascida, escrava; procure na Rua Direita n. 125, que se dirá com que deve tratar.<sup>255</sup>

O escravo fazia parte do cotidiano das famílias brasileiras, fato que despertou a preocupação de Nísia Floresta. O contato com o leite de uma escrava contaminaria, de acordo com ela, não somente o físico como a moral da criança. A escritora destaca:

É um erro muito vulgarizado, principalmente entre nós, supor que as crianças nada perdem nessa primeira idade, vendo, ouvindo e imitando os maus exemplos praticados em torno delas. Não se advertindo que a educação, para ser perfeita, deve começar no berço, persiste-se em deixá-las em plena liberdade seguirem todas as suas fantasias sob o pretexto de não saberem elas ainda o que fazem.<sup>256</sup>

Sendo a infância momento de grande definição na vida do indivíduo, essa se torna uma preocupação de Nísia Floresta. Uma vez incutidos vícios ainda nessa fase de desenvolvimento, mais difícil seria para conseguir reverter tais danos através da educação moral e religiosa. O hábito de delegar aos escravos os cuidados com as crianças nos primeiros anos era tão comum que a brasileira afirma que “grande parte destes vê ainda sem repugnância seus filhos nos braços de desmoralizadas escravas ou, por elas acompanhadas, irem de uma a outra parte na habitação e fora dela”.<sup>257</sup>

Ainda quando criança, as meninas estariam habituadas com os castigos físicos impostos aos escravos, a ingratidão e a exigência de serem prontamente atendidas. Assim, afirma:

<sup>254</sup> FLORESTA, 1989, p. 93.

<sup>255</sup> AMAS DE leite. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 8293, 5 jan. 1850, p. 4.

<sup>256</sup> FLORESTA, 1989, p. 94.

<sup>257</sup> FLORESTA, 1989, p. 95.

Todo o serviço do interior das famílias sendo feito entre nós por escravos, a menina acha-se desde a primeira infância cercada de outras tantas perniciosas lições, quanto são as ocasiões em que observa os gestos, as palavras e os atos dessa infeliz raça, desmoralizada pelo cativo e condenada à educação do chicote.<sup>258</sup>

Nísia Floresta não condena o convívio com negros em si, mas o convívio com os escravos. A escravidão era a causa dos vícios denunciados por ela, uma vez que, na condição de escravos, a educação era negada aos negros, e o ensino da religião era limitado. A solução estava, de acordo com a escritora, na educação distante de tais exemplos, pois “só a educação para produzir salutareos efeitos deve acompanhar o indivíduo desde a infância”.<sup>259</sup>

A educação capaz de afastar a criança de qualquer vício deveria ser ministrada em princípio pelas mães. No entanto, no estado em que se encontrava a educação feminina, a presença materna poderia corromper a criança tanto quanto o exemplo dos escravos.

Argumenta:

Aquelas que, melhor que ninguém podiam inspirar-lhes sentimentos simples e benignos, são quase sempre as primeiras em dar-lhes, uma, o espetáculo de sua iracúndia, outra, o de desleixo, ou de um luxo ruinoso, que levam as famílias à miséria e à dissolução, esta, o de certas teorias levianas, tidas como inocentes, mas de tão graves consequências para a mulher que lá se está formando nesse pequeno ser compilador e atendo chamado menina.<sup>260</sup>

Ela, por fim, questiona: “Uma mãe é então o quadro mais eloquente para lhes servir de norma em sua conduta futura, o modelo que devem primeiro copiar: se esse modelo não é perfeito, como poderá a menina apresentar uma cópia perfeita?”.<sup>261</sup> Neste sentido, o mau exemplo materno constituiria, para a escritora, o principal elemento de atraso na educação feminina. A mulher estava presa à própria ignorância.

Nísia Floresta aponta outra causa do atraso da educação feminina no Brasil: “A falta de instrução e de exemplos edificantes dados pelo nosso clero à mocidade brasileira”.<sup>262</sup> A escritora considera o desenvolvimento do ensino religioso e moral fundamental para a formação da mulher que ela considera ideal.

Dessa maneira, denuncia os abusos do clero e sua negligência para com as mulheres. Afirma: “Podemos dizer, sem receio de que nos tenham por exagerados, que em nenhuma

<sup>258</sup> FLORESTA, 1989, p. 96.

<sup>259</sup> FLORESTA, 1989, p. 102.

<sup>260</sup> FLORESTA, 1989, p. 102.

<sup>261</sup> FLORESTA, 1989, p. 103.

<sup>262</sup> FLORESTA, 1989, p. 133.

paróquia do Brasil a nossa religião é devidamente ensinada à mocidade”.<sup>263</sup> Sem a instrução religiosa, qualquer educação ministrada às meninas seria incompleta. Ressalta:

Os fatais abusos cometidos por uma parte do nosso clero e o mau sistema de nossa educação doméstica principalmente tem sido, e continuarão a ser se uma regeneradora época não brilhar para nós, a causa primordial do atraso de nossa civilização, a fonte de todos esses vícios, que infestam nossa sociedade [...].<sup>264</sup>

Apontando os entraves que dificultavam o desenvolvimento da educação feminina, Nísia Floresta propõe levar o leitor, especialmente em seu *Opúsculo*, a uma reflexão sobre a realidade passada e presente da situação da mulher na sociedade com a finalidade de reforçar a necessidade de fornecer uma educação adequada às mulheres e as incluir na busca pelo progresso da humanidade. A escritora defendia que, sem a participação feminina, os homens jamais alcançariam o progresso desejado. Ela clama: “Educai, para isto, a mulher e com ela marchai avante, na imensa via do progresso, à glória que leva o renome dos povos à mais remota posteridade!”<sup>265</sup>

Reconhecendo a participação das mulheres nos bastidores de decisões importantes tomadas pelos homens, Nísia Floresta alerta para a necessidade de fornecer uma educação que permita que elas desempenhem esse papel adequadamente. Destaca:

Se, pois, apesar do quanto se tem dito e se continuará a dizer da fragilidade da mulher e da preeminência da razão do homem, este dobra quase sempre essa razão ao amor daquela, árbitro de suas ações, quem mais do que a mulher precisa de uma boa educação, correspondente às condições em que se acha colocada? Quem mais do que ela deve esclarecer o seu espírito, de sorte a não abusar do império que exerce sobre o homem e dirigir este à sua própria ventura e ao bem da humanidade?<sup>266</sup>

No artigo supracitado do jornal *Correio Mercantil*, o autor apontou a necessidade de educar as mulheres com esse mesmo fim, defendendo que a contribuição feminina seria mais benéfica com o auxílio da educação:

Se as mulheres pela brandura de sua conversação, pelas graças de seu espírito, e pelos encantos da sua natural modéstia governam, e vivem unidas aos homens, por isso mesmo era de muito interesse para eles serem governados, e viverem unidos a pessoas judiciosas e sábias. Privar pois o belo sexo da educação literária é uma barbaridade, e se as mulheres só pelo seu espírito, indicam um discernimento delicado, e conceituoso, que nos arrebatam, e nos cativa; quanto não se aumentariam os

---

<sup>263</sup> FLORESTA, 1989, p. 135.

<sup>264</sup> FLORESTA, 1989, p. 139.

<sup>265</sup> FLORESTA, 1989, p. 160.

<sup>266</sup> FLORESTA, 1989, p. 157-158.

seus merecimentos pessoais em proveito da humanidade se fossem ilustradas por meio dos estudos úteis das ciências e das artes.<sup>267</sup>

A educação defendida por Nísia Floresta visava ao aperfeiçoamento moral da humanidade; o fim dos costumes degradantes observados por ela eram passo importante para a conquista do progresso. A mulher era peça fundamental nesse cenário: educando as mulheres, estariam elas aptas a educar seus filhos, instruí-los através do conhecimento e de suas virtudes. Seria o exemplo para sua prole.

No jornal *A Pátria*, em 1856, encontra-se o artigo Educação feminina: duas vantagens para o Brasil,<sup>268</sup> onde se lê frase atribuída a Napoleão: “O futuro de um menino é obra de sua mãe”,<sup>269</sup> e outra, do próprio autor: “Sem bons cidadãos uma nação não pode ser grande: sem uma educação conveniente não pode haver bons cidadãos”.<sup>270</sup>

Observando essas colocações, é verificado que as ideias defendidas por Nísia Floresta se inserem num debate que permanece durante o século XIX. Nesse caso, também é defendido que a educação seria a responsável pelo crescimento do país e que as mães carregavam consigo essa tarefa. E o artigo segue defendendo a colaboração feminina na marcha rumo ao progresso:

Se não é muito filosófico excluir as mulheres de uma certa educação intelectual, é de necessidade para nós educá-las convenientemente, a fim de que elas se tornem um poderoso auxílio para nossa grandeza futura. De que meios dispomos para conseguir esse fim? Bem poucos e insuficientes, porque se a parte moral e religiosa de sua educação atual, não dá lugar a muitas reclamações, o mesmo não acontece com a parte intelectual. – Nem sequer adquirem noções, se não extensas, ao menos exatas sobre certos fatos, que somente como mulheres não devem ignorar em um século como o nosso, tão ilustrado e por isso mesmo tão exigente.<sup>271</sup>

A educação das mulheres é apresentada como uma necessidade, uma questão social relevante a ser observada. A crítica também é direcionada para a distância existente entre a situação dos homens para a situação feminina; enquanto os homens se julgavam ilustrados, as mulheres seguiam sendo condenadas à ignorância.

<sup>267</sup> SOBRE A educação das mulheres. *Correio Mercantil*, n. 19, Rio de Janeiro, 26 jan. 1847, p. 3.

<sup>268</sup> EDUCAÇÃO feminina: duas vantagens para o Brasil. *A Pátria*. Rio de Janeiro, ano V, n. 216, 24 e 25 nov. 1856, p. 1-2.

<sup>269</sup> EDUCAÇÃO feminina: duas vantagens para o Brasil. *A Pátria*. Rio de Janeiro, ano V, n. 216, 24 e 25 nov. 1856, p. 1.

<sup>270</sup> EDUCAÇÃO feminina: duas vantagens para o Brasil. *A Pátria*. Rio de Janeiro, ano V, n. 216, 24 e 25 nov. 1856, p. 1.

<sup>271</sup> EDUCAÇÃO feminina: duas vantagens para o Brasil. *A Pátria*. Rio de Janeiro, ano V, n. 216, 24 e 25 nov. 1856, p. 2.

Nísia Floresta define o que era então dar uma boa educação a uma menina no século XIX:

Mandá-la aprender a dançar, não pela utilidade que resulta aos membros de tal exercício, mas pelo gosto de a fazer brilhar nos salões; ler e escrever o português, que, apesar de ser o nosso idioma, não se tem grande empenho de conhecer cabalmente; falar um pouco o francês, o inglês, sem o menor conhecimento de sua literatura; cantar, tocar piano, muita vez sem gosto, sem estilo, e sem compreender devidamente a música; simples noções de desenho, geografia e história, cujo estudo abandona com os livros ao sair do colégio; alguns trabalhos de tapeçaria, bordados, croché etc., que possam figurar pelo meio dos objetos de luxo expostos nas salas dos pais a fim de granjear fúteis louvores a sua autora.<sup>272</sup>

Sendo assim, Nísia Floresta sugere a transformação da educação da mulher no Brasil, partindo também da mudança dos costumes que subvertiam a real natureza feminina, transformando-a em escrava dos desejos masculinos, presa a fúteis valores e longe das virtudes que deveria cultivar. Afirma:

A ignorância de nossas mulheres poderá ser um dia substituída por conhecimentos que a tornem dignas de renome. Mas o mesmo não acontecerá a respeito da viciada educação que, como incêndio, vai lavrando pelo centro das famílias e deixando-lhes consideráveis vestígios, que nenhuma instrução conseguirá apagar. O espírito pode enriquecer-se de belos e úteis conhecimentos em todas as idades antes da decrepitude. [...] Só a educação para produzir salutareos efeitos deve acompanhar o indivíduo desde a infância.<sup>273</sup>

A mulher encontrava-se desde a infância distante do ideal de mulher defendido por Nísia Floresta. A possibilidade de desempenhar papéis sociais que permitissem o desenvolvimento da humanidade era distante diante da negligência dos governantes em relação à educação feminina, a deficiência da educação pública e particular, o mau exemplo oferecido pelo clero, a presença de escravos no cotidiano da criança e, também, o desinteresse dos pais de família em educar suas meninas.

Para a escritora, os pais de família representavam uma possível “âncora de salvação, para subtrair as gerações nascentes ao naufrágio de que as ameaçam, apenas saídas do porto, os princípios subversivos e funestos inculcados à infância”.<sup>274</sup> Nesse sentido, Nísia Floresta confere papel decisivo aos pais, reconhecendo seu poder de atrasar ou promover a educação feminina.

<sup>272</sup> FLORESTA, 1989, p. 110.

<sup>273</sup> FLORESTA, 1989, p. 102.

<sup>274</sup> FLORESTA, 1989, p. 88.

Nísia Floresta acreditava que, com a colaboração dos pais, os avanços da educação feminina se tornariam uma realidade, uma vez que a ação do governo se mostrava ineficiente. Eles seriam capazes de impedir o contato da criança com elementos que contaminavam os costumes, como é possível verificar no trecho que segue:

Este princípio é incontestável, mas, se na insuficiência de enérgicas medidas do governo para a reforma de nossa educação, apelamos para os pais de família, é porque estamos convencidos de que, em um país onde a escravidão é permitida, deles dependem principalmente os meios de subtraírem seus filhos a grande parte dos inconvenientes que os prejudicam. Um desses inconvenientes é, por sem dúvida, a instrução superficial, isolada de uma educação severamente moral, que constitui de ordinário a superioridade das nossas meninas de hoje sobre as de outrora.<sup>275</sup>

Neste sentido, Nísia Floresta recomenda:

A vós, pais de família, a vós cumpre remediar os erros das gerações extintas! Educai vossas filhas nos sólidos princípios da moral, baseada no perfeito conhecimento de nossa santa religião, no exemplo de vossas virtudes, quer domésticas, quer cívicas. [...] Fazei-lhes compreender desde a infância que a mulher não foi criada para ser boneca dos salões, a mitológica-ridícula divindade a cujos pés queimam falso incenso os desvairados adeptos do cristianismo. Inspirai-lhes o sentimento de sua própria dignidade e a firme resolução de mantê-la intacta e vantajosamente, por ações dignas da mulher, dignas da cristã, dignas da humanidade. Bani de seu espírito os errôneos preconceitos que por aí vogam a respeito da fraqueza do sexo, fazendo-as penetrar-se desta verdade evangélica: a fraqueza escudada nas virtudes cristãs será sempre invencível.<sup>276</sup>

A educação feminina, para Nísia Floresta, deveria ser um empreendimento realizado em conjunto por todas as esferas da sociedade, uma vez que a educação e instrução de mulheres contribuiriam para modificar os espaços em que elas estavam inseridas. Ainda que seu projeto coincida com o interesse de muitos homens desejosos de manter a mulher no lugar que ela ocupava, Nísia Floresta apresenta argumentos que valorizam a presença feminina no espaço público e privado.

Sendo a mulher instruída e educada dentro do padrão moral e religioso estabelecido pela escritora, ela poderia exercer suas funções sociais de filha, esposa e mãe de forma a contribuir para o progresso da humanidade, preocupação compartilhada por intelectuais da época. Nísia Floresta demonstra conhecer a causa pela qual advoga: escreve a fim de reverter a realidade observada, ainda que não defenda o rompimento da ordem vigente, nem mesmo a emancipação total da mulher.

<sup>275</sup> FLORESTA, 1989, p. 109.

<sup>276</sup> FLORESTA, 1989, p. 158-159.

Ao reivindicar a valorização social da mulher e estabelecer a educação como instrumento para concretização desse projeto, Nísia Floresta questiona o conhecimento contemporâneo a respeito das diferenças entre os sexos. Ao afirmar que a mulher, sendo corretamente dirigida, cumpriria com êxito suas funções naturais de boa filha, mãe e esposa e, conseqüentemente, mereceria o reconhecimento daquela sociedade, a escritora responsabiliza os homens pelos erros cometidos pelas mulheres.

Descartando aqueles que acreditavam na inferioridade natural da mulher, afirma que tal inferioridade era resultado do descaso masculino para com a instrução feminina. Nísia Floresta era o exemplo de que, quando devidamente instruída, a mulher renderia frutos para a construção da sociedade que se almejava. E a escritora foi além das palavras. Seu projeto foi construído a partir de sua vivência como educadora, especialmente enquanto diretora do Colégio Augusto.

### 3.3 O projeto em ação: Nísia Floresta educadora

Nísia Floresta foi uma mulher privilegiada em seu tempo. Provavelmente pela nacionalidade portuguesa de seu pai foi mais fácil para ela adentrar no mundo das letras. As constantes fugas com a família decorrentes dos levantes antilusitanos das primeiras décadas do século XIX possibilitaram o contato da menina Nísia com culturas intelectuais diversificadas.

Acrescenta-se o acesso à instrução à necessidade de desenvolver uma atividade financeira diante da perda precoce do pai e, posteriormente, do companheiro, e é possível compreender a inclinação de Nísia Floresta pela educação, uma das poucas atividades disponíveis para mulheres respeitadas, além de relativamente lucrativa. A brasileira revela em seus escritos uma sensibilidade despertada no cotidiano como educadora, evidenciando seu conhecimento da situação em que se encontrava a educação feminina nos oitocentos e sua preocupação com a realidade observada.

As palavras não foram o primeiro e nem o único meio utilizado por Nísia Floresta para propor a valorização social feminina. A fundação do Colégio Augusto pela brasileira evidencia a concretização desse projeto. Fundado no Rio de Janeiro em 1838, um ano após a sua chegada com a família de Porto Alegre, o colégio dividiu opiniões e foi alvo de críticas.

As obras da escritora nos permitem conhecer melhor a educadora, uma vez que ela relata casos desenrolados durante sua profissão, suas expectativas e angústias. A sua escrita é

repleta de discursos autobiográficos que ilustram sua experiência enquanto diretora do Colégio Augusto. Os jornais da época permitem conhecer um fragmento da história dessa instituição, das inovações trazidas e do desconforto causado naqueles que se opunham à ideia de fornecer instrução para mulheres.

No *Jornal do Comércio* de 31 de janeiro de 1838, encontra-se o anúncio a respeito do início do funcionamento do Colégio Augusto:

D. Nísia Floresta Brasileira Augusta tem a honra de participar ao respeitável público, que ela pretende abrir no dia 15 de fevereiro, na rua Direita, 163, um colégio de educação para meninas, no qual além de ler, escrever, contar, coser, bordar, marcar e tudo mais que toca a educação de uma menina, ensinar-se-á a gramática da língua nacional por um método fácil, o francês, o italiano, e os princípios gerais da geografia. Haverão igualmente neste colégio mestres de música e dança. Recebem-se alunas internas e externas. A diretora, que há quatro anos se emprega nesta ocupação, dispensa-se de entreter o respeitável público com promessas de zelo, assiduidade, e aplicação no desempenho dos seus deveres, aguardando a ocasião em que possa praticamente mostrar aos pais de família que a honrarem com a sua confiança, pelos prontos progressos de suas filhas, que ela não é indigna da árdua tarefa que sobre si toma. Todavia não pode deixar de advertir que, sendo a cadeira de francês imediatamente dirigida por ela, muito se devem aproveitar as educandas da vantagem que tem de poderem no trato escolar exprimirem-se nesse idioma, o que certamente muito concorrerá para o seu adiantamento.<sup>277</sup>

Assim, Nísia Floresta estava inserida no cenário educacional da Corte, permanecendo por volta de 17 anos. Algumas informações a respeito da instituição constam em jornais da época e permitem o conhecimento a respeito do seu funcionamento e atividades desenvolvidas.

No Colégio Augusto, o número de alunas era limitado por classe, o que o diferenciava da maioria das escolas para meninas da época. Nísia Floresta denuncia a ilusão dos pais de família ao creditarem o sucesso de um colégio ao número de alunas, como é possível observar:

O geral dos pais avalia quase sempre da excelência do estabelecimento onde manda educar suas filhas, pelo grande número de alunas que contém. Ouvimos por vezes dizer-se: ‘o colégio em que está minha filha é excelente, tem muitas meninas’, sem importar saber se essa afluência é devida às condições materiais do estabelecimento e ao atrativo sempre poderoso de ostensivas promessas, ou ao mérito real da pessoa que o dirige.<sup>278</sup>

<sup>277</sup> D. NÍSIA Floresta... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 24, 31 jan. 1838, p. 4.

<sup>278</sup> FLORESTA, 1989, p. 88.

E a autora faz provável referência a si quando, no seu *Opúsculo*, defende que o resultado da educação física e moral das alunas seria mais satisfatório se o número de alunas estivesse de acordo com a disponibilidade daquela que a ensina. Afirma:

Conhecemos outrora uma diretora que, não querendo fazer conhecido por fúteis exteriores o seu gosto pelo magistério, grandes dificuldades teve a superar para colocar-se, como depois se achou, à frente de um dos mais frequentados estabelecimentos dessa Corte. Impelida então pelo desejo de acelerar os progressos de suas alunas, ela fixou um certo número, não admitindo outras sem vagar algum dos lugares preenchidos. Este procedimento admirava em extremo a todos de quem era conhecido, pois não se compreende que no magistério deve haver algum interesse mais nobre que o do miserável ganho pecuniário, interesse colocado pelos verdadeiros amigos da educação da mocidade à frente de todas e quaisquer outras considerações.<sup>279</sup>

Observando a afirmação acima, fica evidente que a escritora falava de sua própria experiência, das dificuldades encontradas para estabelecer o seu colégio e a crítica àqueles que se dedicavam ao magistério apenas pelo interesse financeiro, o que, de acordo com ela, não seria o seu caso.

As línguas estrangeiras eram ensinadas pelo método até então pouco utilizado de conversação somente na língua em questão. Nísia Floresta favorecia a instrução feminina em disciplinas pouco exploradas por outras instituições, acreditando na utilidade de ensinar ciência para meninas e não somente aquilo que lhe seria útil no ambiente doméstico. No *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro* de 1850, encontram-se as disciplinas que eram ministradas no Colégio Augusto:

Neste estabelecimento continua-se a ensinar as seguintes matérias: Leitura, Caligrafia, Religião Cristã, Aritmética, História, Geografia, línguas e gramáticas portuguesa, francesa, italiana e inglesa; Música, Dança, Piano, Desenho e toda sorte de trabalhos de agulha. As educandas seguirão gradualmente estes estudos, conforme a vontade de seus pais. No Colégio se distribuem os Estatutos, que explicam as condições e circunstâncias de admissão.<sup>280</sup>

É possível que as críticas endereçadas ao colégio e, especialmente, à diretora estivessem relacionadas com o exagero das disciplinas ministradas. Analisemos uma crítica encontrada no jornal *O Mercantil*:

Vamos à rua D. Manuel e lancemos uma vista d' olhos sobre o *Colégio Augusto*, dirigido por D. Nísia Floresta Augusta. Há casas de educação, que tem o mau gosto de ensinar as meninas a fazer vestidos ou camisas. Mas parece que D. Augusta acha isso muito prosaico. Ensina-lhes latim. E porque

<sup>279</sup> FLORESTA, 1989, p. 89.

<sup>280</sup> *Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte do Rio de Janeiro para o ano de 1850*. Organizado e redigido por Eduardo Laemmert. Rio de Janeiro, em casa dos editores proprietários, Eduardo e Henrique Laemmert, Rua da Quitanda n. 77. 1850, p. 244.

não grego ou hebraico? Pobre diretora! Está tão satisfeita de si mesma e de seu colégio; está tão intimamente persuadida que é o primeiro estabelecimento de instrução do império, que, em verdade causa dó arrancar-lhe tão suave ilusão! Disse Calderão em uma de suas peças: ‘Escarnecereis por ventura a quem nunca viu o sol o pensar que a lua é o mais brilhante dos astros? Escarnecereis de quem nunca visse o sol nem a lua, e vos gabasse o deslumbrante e incomparável esplendor de Vênus?’ – Não. É pois natural que D. Lisia (sic) que nunca viu senão o próprio colégio o ponha acima dos mais. Há nesta opinião mais ingenuidade do que vaidade. Notaremos apenas a D. Floresta que se esquece um tanto do verdadeiro fim da educação, que é adquirir conhecimentos úteis, e não vencer dificuldades, sem nenhuma utilidade real.<sup>281</sup>

O comentário é marcado pela ironia e percebe-se que, enquanto deveria analisar a instituição de ensino, na realidade se dirigiu à diretora do estabelecimento. O autor do artigo ironiza o ensino de latim, considerando-o desnecessário para a educação de meninas, propondo o ensino de outras línguas que na prática também não fariam diferença se ensinadas às meninas.

O autor também erra o nome da diretora, propositadamente ou não, não é possível esclarecer. Mas, observando o conteúdo do comentário, é evidente sua intenção de desqualificar o trabalho de Nísia Floresta, após praticamente dez anos de fundação do Colégio Augusto. Retrata uma diretora egocêntrica, mas ao final do comentário é perceptível que o incômodo real é a educação ali ministrada, considerada até mesmo inútil pelo autor.

Dois anos depois, Nísia Floresta viajava para a Europa acompanhada de seus dois filhos, regressando em 1852. No jornal *Diário do Rio de Janeiro* desse mesmo ano se encontra um artigo ressaltando as qualidades da brasileira enquanto intelectual e educadora:

Chegou a esta corte, regressando de suas viagens instrutivas, a Ilma. Sra. D. Nísia F. Augusta, ilustre diretora do antigo Colégio Augusto.

Esta distinta Sra. tem além de uma muito sólida instrução, o amor de fazer pelo Brasil alguma coisa, com o contingente de seu variado saber. As mulheres do seu gênero são raras, e por isso não podemos deixar de erguer um brado a seu favor para que se realize a empresa que tem premeditado. [...]

A Sra. Nísia além das qualidades que apontamos, possui o grande segredo de se fazer amada por suas alunas, e servir-lhes de mãe, de mãe carinhosa e instruída, que aproveitando as horas não cessa de dar a par do carinho a instrução verdadeira.

Esperamos dos nossos compatriotas, que não deixem de tomar em consideração nossos conselhos conscienciosos; e o Rio de Janeiro terá então, só um excelente estabelecimento guiado por uma mãe instruída, capaz de formar futuras mulheres, dignas de alto apreço.<sup>282</sup>

<sup>281</sup> VAMOS à rua... *O Mercantil*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 17, 17 jan. 1847, p. 3.

<sup>282</sup> CHEGOU A esta Corte... *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, n. 8917, 17 fev. 1852, p. 3.

O referido artigo retrata uma Nísia Floresta diferente: mulher instruída, tem amor pela atividade de educadora, digna de respeito e reconhecimento pela sociedade contemporânea; é querida por suas alunas, o que pode significar o reconhecimento dos seus esforços em prol da educação de meninas. Por fim, há a recomendação da instituição dirigida por ela, tal como uma mãe e competente o suficiente para formar mulheres respeitáveis.

Apesar dos anos decorridos entre um e outro e das motivações por trás de cada um, são dois lados possíveis de enxergar a inserção de Nísia Floresta no cenário educacional da Corte. Houve quem debochasse dos seus esforços em instruir meninas em disciplinas pouco usuais e, também, quem contemplasse com bons olhos as atividades desenvolvidas por ela.

Nísia Floresta incentivava entre suas alunas a prática de educação física, pouco comum para aquela época. As aulas de dança não objetivavam preparar as meninas para a exibição nos salões, atitude criticada pela escritora, mas o desenvolvimento e saúde física e moral das meninas. Destaca:

A educação física é ainda entre nós tão mal compreendida como a moral. Vemos crianças, podendo já fazer uso das pernas, passarem a maior parte do dia nos braços das diferentes pessoas da família, ou das escravas designadas pelos pais, [...]. O costume mourisco de se fecharem as mulheres em casa, que a civilização não desarraigou ainda inteiramente do Brasil [...] muito concorre para que as meninas não adquiram um certo grau de energia e de força, imperfeitamente obtido no trânsito que fazem algumas indo às escolas, pelo meio dos miasmas da atmosfera de nossas ruas, ou na constante vida caseira.<sup>283</sup>

A prática da educação física nas escolas se tornou comum a partir de fins do século XIX, o que evidencia o caráter inovador da iniciativa de Nísia Floresta. É compreensível, conhecendo os limites impostos às mulheres nos oitocentos, as críticas agressivas recebidas pela diretora.

Em 1856, ao escrever *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, Nísia Floresta demonstrou descontentamento com os resultados do seu projeto e frustração diante das fortes críticas que recebeu de alguns. Relatando o encontro com uma jovem professora em Karlsruhe, a autora afirma:

Fez-me lembrar de uma professora cujo coração e espírito se harmonizavam para instruir a juventude; apenas, limitava-se a ministrar lições entre os muros de um estabelecimento e num país onde não se compreende ainda toda relevância de uma educação geral, que forme ao mesmo tempo o moral e o físico. Em contraste, a mulher que ali estava diante de mim, viajando, instruíra seus alunos, cujos pais sabem apreciar as vantagens deste método que fará rir os espíritos ainda antiquados.<sup>284</sup>

<sup>283</sup> FLORESTA, 1989, p. 121.

<sup>284</sup> FLORESTA, 1982, p. 86.

Certamente, Nísia Floresta faz referência a si própria, recordando que o seu desejo de educar a mocidade no Brasil foi frustrado pelo atraso da mentalidade da sociedade, que não acreditou na relevância de seu projeto de conciliar a educação moral e física. Os resultados insatisfatórios para Nísia Floresta eram decorrentes da falta de interesse da sociedade em modificar a situação social da mulher naquela sociedade.

O Colégio Augusto e sua diretora são presença constante nos jornais, o que pode significar a visibilidade que tinham na sociedade da Corte, assim como outros colégios dirigidos por estrangeiros. No *Jornal do Comércio* de 27 de dezembro de 1845, consta uma lista de alunas premiadas após os exames. Os examinadores foram o reverendo cônego reitor Manoel Joaquim da Silveira e os senhores professores Maximiano Marques de Carvalho e Daniel de Barros.<sup>285</sup>

Algumas alunas premiadas na ocasião ganharam medalha de ouro com a firma da diretora e os dizeres “Prêmio a mérito”. Francisca Emília Soares da Câmara e Josefina Rodrigues ganharam como prêmio a obra *Conselhos à minha filha*, de autoria de Nísia Floresta. No ano seguinte, entre as alunas premiadas estava Lívia, filha da escritora.<sup>286</sup> A premiação pode refletir a ideia defendida pela escritora de que era necessário estimular a emulação entre as meninas. Destaca que:

Poucas diretoras sabem inspirar a emulação a suas alunas, conduzindo-as com esclarecida prudência pelo declive perigoso das raias da inveja, de sorte a garanti-las de resvalarem em seus funestos domínios. Porém, mais poucas são ainda as discípulas capazes de compenetrar-se da utilidade de uma e das tristes conseqüências da outra, sujeitas como elas se acham às duas tão opostas atmosferas em que respiram – a família e o colégio.<sup>287</sup>

Nísia Floresta acreditava que as instituições de ensino significavam uma segunda influência no desenvolvimento das meninas, a primeira seria a família. No entanto, tratava-se de uma influência decisiva, ainda que não fosse definitiva. Nos colégios dirigidos adequadamente, a menina poderia ter contato com a moral, a religião e a ciência, sendo capacitada para transformar a sociedade que a recebia. No caso da emulação, a educadora acreditava que seria desenvolvida corretamente dentro de uma educação bem dirigida.

No entanto Nísia Floresta denuncia os danos presentes na distância existente entre a educação recebida nos colégios, especialmente naquele dirigido por ela, e aquela recebida no ambiente familiar. A educadora faz isso através do exemplo, citado em seu *Opúsculo*, de uma

<sup>285</sup> COLÉGIO Augusto... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 342, 25, 26 e 27 dez. 1845, p. 3.

<sup>286</sup> COLÉGIO Augusto. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 356, 24 dez. 1846, p. 2.

<sup>287</sup> FLORESTA, 1898, p. 90.

aluna que, apesar de receber educação correta na instituição em que estudava, se contaminava com os exemplos e atitudes perpetuadas pelos seus pais.

Na referida ocasião, a aluna era obrigada constantemente a utilizar espartilho, prática comum entre brasileiras nos oitocentos e que transferiam para as meninas ainda em pouca idade. Afirma que:

Não há muito tempo, teve lugar em um colégio desta Corte, em presença de oitenta alunas, um espetáculo dolorosíssimo, cujo conhecimento ofereceria aos escritores estrangeiros matéria para um capítulo assás frisante sobre a história dos nossos costumes.<sup>288</sup>

Certamente Nísia Floresta estava se referindo ao próprio Colégio Augusto. Antes mesmo de elucidar o acontecido, a escritora esclareceu que se tratava de um caso que seria malvisto aos olhos estrangeiros, uma prática comum e danosa às meninas brasileiras e que, por isso, mereceria explanação em forma de alerta. Ela continua:

Uma menina de 6 anos frequentava como externa aquele colégio. Anjo de gentileza e candura baixado ao mundo infecto dos homens, ela captava a simpatia de todos e inspirava profundo interesse à diretora, que, vendo-a respirar com dificuldade sempre que entrava para as classes, tinha o cuidado de afrouxar-lhe o espartilho que lhe oprimia o peito a tal ponto. Por vezes, ponderou à mãe da inocente supliciada as funestas consequências que podiam resultar de lhe comprimir assim os tenros órgãos, os quais tanto necessitavam de livres movimentos para bem desenvolver-se.<sup>289</sup>

Nísia Floresta coloca em evidência as características angelicais de sua aluna com a provável intenção de despertar a sensibilidade do leitor para o fim trágico da menina. Refém da vaidade da mãe, teve sua vida interrompida graças ao costume de impor às crianças hábitos adultos, além da tentativa de moldar o corpo feminino para se tornar atraente:

Depois de haver passado parte de uma noite no teatro, constrangida pelo espartilho para atrair à indiscreta mãe elogios pelo seu bom gosto em vestila, a pobre inocentinha submeteu-se ainda, na manhã seguinte, a um novo processo de aperto, ataviando-se para o colégio. Apenas entrou em sua classe, a diretora viu-a vacilar, querendo sentar-se. Voa a tomá-la nos braços, desabotoa-lhe o vestido... Era já tarde!<sup>290</sup>

Não é possível precisar a veracidade do fato descrito por Nísia Floresta. Mas o exemplo citado indica que o ambiente descrito por ela era o Colégio Augusto. Exemplifica o que poderia acontecer quando os pais e o colégio não eram concordantes quanto à educação de meninas, além de evidenciar que a escrita de Nísia Floresta é baseada em experiências

---

<sup>288</sup> FLORESTA, 1989, p. 106.

<sup>289</sup> FLORESTA, 1989, p. 106.

<sup>290</sup> FLORESTA, 1989, p. 107.

vividas ou pensadas por ela dentro do contexto educacional do qual ela fazia parte desde os anos como preceptora.

Nísia Floresta reforça que:

As lições e os esforços de uma ou outra pessoa desta ou daquela família, nada podem contra a generalidade dos princípios e hábitos seguidos por uma nação inteira. Um ou outro pai conseguirá educar bem seus filhos, mas, não estando esta educação no espírito de seu país, eles permanecerão estrangeiros no meio de sua própria sociedade, e nada terá o país ganho com estas frações diminuídas da enorme soma dos prejuízos e erros que presidem à educação geral.<sup>291</sup>

É preocupada com a realidade encontrada pelas educandas ao saírem dos colégios de volta ao convívio familiar que Nísia Floresta profere discurso em 1847, após a conclusão do ano letivo. A diretora ressalta que, mesmo diante de dificuldades pessoais, não deixou de se dedicar à educação de suas alunas, era chegado o tempo:

[...] de algum repouso para mim, de que tanta precisão tenho, depois dos receios que me assaltaram este ano, pela saúde de minha cara filha, receios cruéis, que mereciam absorver todas as minhas atenções, e que todavia eram disputados pelo assíduo trabalho a que, não obstante, me dei sempre para conseguir ornar-vos com flores, que no difícil caminho da ciência, incansável procurei colher para vós.<sup>292</sup>

Nem mesmo o problema de saúde de sua filha significou o abandono de sua missão de instruir suas alunas. Nísia Floresta evidencia sua preocupação com o retorno das meninas à suas casas:

Jovens, muito jovens ainda para bem terdes refletido nas vantagens da austera moral, que se vos tem aqui procurado ensinar, vossos sentidos, e talvez vossos corações achar-se-ão surpreendidos aos primeiros sons, que a corda da lisonja vibrar, e magicamente ecoar em vossa sensibilidade! Então todas as nossas lições serão perdidas, se vos não escudardes com a égide da modéstia, que sendo a mais bela e aromática flor, das que compõe a coroa da virtude, dá às qualidades da mulher o verdadeiro realce, que a torna no mundo de todos apreciada.<sup>293</sup>

A diretora segue ressaltando para suas alunas aquela que seria a função da mulher em sociedade, evidenciando de que modo estava sendo dirigida a educação no Colégio Augusto:

A mulher, sendo destinada pelo Criador, para amenizar a existência de seu semelhante, tem para com Aquele contraído a mais sagrada das obrigações, a de bem desempenhar essa sublime missão, de cujos resultados depende a felicidade de sua vida, e a de sua posteridade. É portanto mister para conseguir esse digno fim, que ela se amolde desde a infância à prática exata

<sup>291</sup> FLORESTA, 1989, p. 108.

<sup>292</sup> FLORESTA, 2009, p. 105.

<sup>293</sup> FLORESTA, 2009, p. 105.

e constante das virtudes, que a constituem sobre a terra um anjo de consolação, um anjo de paz!<sup>294</sup>

Nísia Floresta ressalta o quanto eram privilegiadas aquelas meninas por poderem desfrutar de uma educação que era negada à grande maioria de mulheres naquele período e a necessidade de valorizar os esforços empreendidos em sua educação, uma vez que somente através da instrução era possível cumprir os deveres de seu sexo.

Parece difícil precisar qual face surgiu primeiro em Nísia Floresta, a escritora ou a educadora. Mas é evidente a interação entre ambas. As experiências adquiridas em sala de aula possibilitaram, juntamente com as leituras de clássicos estrangeiros e as viagens pelo Brasil e exterior, a formulação de um projeto que denuncia a condição da instrução de meninas, expõe os costumes que considerava perniciosos para a educação feminina e propõe uma mobilização que envolvia o governo, os responsáveis pela educação, o clero e os pais de família, todos em prol do desenvolvimento da educação de meninas e, conseqüentemente, em favor do progresso moral da humanidade.

Nísia Floresta não propõe uma ruptura social ou a emancipação feminina do ambiente doméstico, mas desperta incômodo na sociedade da Corte ao inovar com disciplinas pouco convencionais para a época ministradas no colégio sob sua direção, além de adentrar no mundo da escrita, dando voz às mulheres através das palavras, reivindicando a valorização do belo sexo e o direito à educação e à ciência, até então restrito aos homens.

#### 4 FILHA, ESPOSA E MÃE: OS PAPÉIS FEMININOS NOS OITOCENTOS

A mulher de elite nasce para desempenhar três funções na sociedade do século XIX: primeiro é filha, devendo obediência ao pai; casa-se e vira esposa, e sua obediência passa para as mãos do marido; por fim, desempenha o papel de mãe, considerado o mais importante pela

---

<sup>294</sup> FLORESTA, 2009, p. 106.

sociedade oitocentista. Assim, a grande parte dos discursos a respeito da natureza feminina concordava que sua função era servir ao homem em todas as fases de sua vida e sua atuação era valorizada no âmbito doméstico.

Foi de acordo com essas funções que Nísia Floresta elaborou seu projeto para reformar a educação feminina no Brasil. A escritora e educadora concebia as respectivas funções como inerentes às mulheres desde sua criação. É nesse sentido que seus escritos representam prescrições para formatar modelos femininos com o objetivo de incluir as mulheres na marcha pelo progresso da humanidade.

É necessário conhecer e analisar os modelos femininos formatados por Nísia Floresta, bem como aqueles veiculados pelos homens daquele período. A escritora dialoga com intelectuais da época. Augusto Comte foi um dos principais pensadores a influenciar a escrita de Nísia Floresta, existindo mesmo quem afirme sua conversão à filosofia positiva, o que também merece atenção.

O ambiente familiar é o principal espaço de atuação feminina. Era agindo em benefício da família, com altruísmo e dedicação que as mulheres poderiam conseguir a admiração masculina. Ana Silva Scott ressalta a sujeição feminina à autoridade masculina:

Na ordem patriarcal, a mulher deveria obedecer a pai e marido, passando da autoridade de um para o outro através de um casamento monogâmico e indissolúvel. O domínio masculino era indiscutível. Os projetos individuais e as manifestações de desejos e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando o que importava era o grupo familiar e, dentro dele, a vontade de seu chefe, o patriarca, era soberana.<sup>295</sup>

A identidade das mulheres de elite estava vinculada à estrutura familiar e era determinada majoritariamente por homens. Daí a importância da iniciativa de mulheres como Nísia Floresta que se apropriaram da escrita para forjar modelos femininos; foram mulheres construindo discursos de si mesmas. June Hahner ressalta que a mulher era incorporada à família, não possuía individualidade nem era compreendida fora dela:

[...] essas mulheres viviam em estruturas culturais, sociais e econômicas majoritariamente criadas por homens e para favorecê-los, já que baseadas em ideias de superioridade masculina e de subordinação feminina. Fossem elas esposas ou filhas de membros de alto escalão do governo imperial, de homens de negócios, fazendeiros, mercadores, banqueiros ou de donos de fábricas (mais no final do século) – membros das famílias que controlavam a riqueza nacional -, seu status era derivado de suas famílias e não de si mesmas.<sup>296</sup>

<sup>295</sup> SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 16.

<sup>296</sup> HAHNER, 2012, p. 44.

A educação dessas mulheres, estando a cargo da família, constituía instrumento de subordinação, o que justifica os apelos constantes de Nísia Floresta aos pais de família para que permitissem a educação de suas filhas, reconhecendo que a autoridade familiar estava nas mãos dos homens. Uma educação adequada, sugeria Nísia Floresta, era necessária para que a mulher desenvolvesse suas virtudes em todas as etapas de sua vida.

#### 4.1 A obediência da filha

Era especialmente nessa etapa da vida feminina que deviam se concentrar os esforços em prol de sua educação, de acordo com Nísia Floresta, e quando suas virtudes poderiam ser desenvolvidas ou corrompidas. O principal modelo de menina apresentado pela escritora é o de Fany.<sup>297</sup> É interessante observar que ao apresentar a personagem, a autora parece tê-la conhecido:

Fany frequentava um Colégio da Capital, cuja Diretora, fazendo justiça a seu merecimento, lhe havia conferido depois de algum tempo o título de Monitora. Nesse lugar a jovem educanda, longe de inspirar às suas companheiras um sentimento desfavorável, atraiu em pouco tempo pela doçura, amabilidade de caráter, e terna perseverança em transmitir-lhes as lições que recebia da Diretora, a geral estima mesmo das colegiais que não estavam sob sua direção. Seus progressos foram rápidos, todos que a conheciam admiravam-na, todos estavam maravilhados de suas nascentes qualidades; somente ela as ignorava porque a mais perfeita modéstia coroava todas as outras virtudes.<sup>298</sup>

Não é possível confirmar a existência de Fany para além da escrita de Nísia Floresta, mas é provável que sua criação tenha reflexos da realidade vivenciada pela educadora no Colégio Augusto. A imagem da diretora muito lembra os relatos autobiográficos elaborados por Nísia Floresta em outros escritos.

Nísia Floresta exalta as virtudes de Fany que atraem a admiração de suas companheiras de turma, bem como da diretora, e destaca a principal delas: a modéstia. A escritora denuncia em outras obras o perigo da vaidade feminina, tal como em seu *Opúsculo* relata a morte de uma de suas alunas, “vítima da vaidade de sua mãe”. Nísia Floresta acreditava que a vaidade era outro instrumento de dominação masculina sobre as mulheres, distraíndo-as da sua verdadeira missão junto à humanidade.

---

<sup>297</sup> Personagem da novela escrita por Nísia Floresta intitulada *Fany ou o modelo das donzelas* de 8 de abril de 1847, destinada para leitura das alunas do Colégio Augusto.

<sup>298</sup> FLORESTA, 2009, p. 96.

Fany nascera em Porto Alegre, onde residia com seus pais e oito irmãos, sendo ela a primogênita. “Contava com apenas treze anos e as felizes propensões que ela anunciava já, prometiam aos caros autores de seus dias uma ventura que nada parecia disputar-lhes”.<sup>299</sup> A menina era ciente de suas obrigações enquanto filha, como a obediência aos pais, tanto que não se envaidecia quando reconheciam suas virtudes. Apesar de sua beleza e dos progressos nos estudos, Fany sabia que suas qualidades eram um “favor da sábia Providência”.

Nísia Floresta apresenta Fany como uma menina a caminho de tornar-se uma boa mãe de família, auxiliando a mãe nos cuidados com os irmãos e os afazeres domésticos. Algumas das atividades desenvolvidas por Fany após completar sua educação:

Era ela quem dirigia sob as ordens de sua mãe todo o governo da casa; cosia a roupa de seus irmãos, tratava de sua mãe com uma devoção angélica; e longe de assemelhar-se a essas jovens que apenas deixam de ser colegiais, folgavam de haver recobrado uma coisa que chamam liberdade, e que lhes permitem dormirem até alto dia, passarem a mor parte deles despenteadas ou à janela, aborrecendo os livros, em que grande parte delas não pegam mais ou leem sem fruto. Fany, no meio de tantas ocupações, achava tempo de empregar-se em cultivar os estudos, que havia aprendido, e conservar uma correspondência diária com aquela que havia cuidado de sua educação.<sup>300</sup>

Na referida citação, Nísia Floresta evidencia duas possibilidades de existência feminina contrapondo o modelo que imprime em Fany ao comumente observado entre as moças da época. Diferentemente da maioria, quando distante do colégio não abandona o interesse pelo conhecimento, nem se entrega ao ócio. Permanece firme no cultivo das suas virtudes, uma filha exemplar, irmã generosa.

A escritora segue reafirmando a solidez das virtudes de Fany, que, mesmo diante das dificuldades familiares, permanece firme no que é correto. Quando a desordem chega a Porto Alegre, naquela que ficou conhecida como Revolução Farroupilha, sua família se vê envolvida através da participação dos seus pais no conflito, mas Fany não se desvirtua diante das turbulências:

Enquanto tinha lugar esse grande movimento, e quando mesmo entre as mulheres algumas, esquecendo as virtudes pacíficas de seu sexo, elevavam o grito amotinado de particulares vinganças, profanando o santo nome da liberdade em seu fatal entusiasmo, Fany, no recinto do seu quarto, dirigia ardentes preces ao Divino Autor da Natureza para que protegesse os dias de seu pai; de seu pai que imprudentemente comandava uma das forças rebeldes [...].<sup>301</sup>

<sup>299</sup> FLORESTA, 2009, p. 96.

<sup>300</sup> FLORESTA, 2009, p. 97.

<sup>301</sup> FLORESTA, 2009, p. 98.

Novamente, a autora coloca a atitude de Fany contrapondo-se àquela da maioria: não se junta aos revoltosos, mas permanece nas virtudes pacíficas de seu sexo, pedindo auxílio e proteção divina. A mãe da personagem se deixou levar pelas paixões do marido, especialmente quando os rebeldes têm sua primeira vitória, incentivando-o daí em diante a permanecer firme na batalha.

Nesse momento, Nísia Floresta contrapõe os exemplos de mãe e filha, exaltando novamente as virtudes de Fany:

A sensível Fany, pelo contrário, sem proferir uma palavra que ferisse o que seu pai, chamava de nobre patriotismo, com sua mãe apresentava, em sua mudez, um contraste singular com aquele entusiasmo, que tão pouco acordava com a doçura e timidez natural de seu excelente caráter. Ela implorava ao Criador pelos caros autores de seus dias e continuava com mais ardor nos seus exercícios diários, sem que aquela mudança política tão vantajosa para seu pai, tivesse em nada influído sobre seus hábitos ordinários.<sup>302</sup>

Diferente de sua mãe e apesar de manter sua obediência ao pai e incapaz de questionar suas decisões, Fany permanece executando seu papel de boa filha, pedindo pela preservação da vida de seus pais, reconhecendo os males das suas atitudes. Enquanto outras mulheres abandonavam suas virtudes, suas obrigações familiares, Fany reforça ainda mais seu compromisso com as atividades domésticas, independente dos conflitos políticos que agitavam seu lar.

A repressão aos rebeldes levou a batalhas sangrentas, com prisões e morte dos rebeldes e daqueles que os apoiavam. Foi diante de uma batalha que a vida dos pais de Fany foi colocada em risco, situação em que agiu com “heroica coragem”, prestando socorro aos seus progenitores e a outros que necessitavam de seus cuidados:

Foi então Fany desenvolveu grandemente todas as virtudes de seu sexo: animava com suas doces carícias a mãe abatida, cuidava dos irmãos, prestava socorro aos que caíam feridos aos seus pés, rompendo suas roupas para estancar o sangue que corria de suas feridas, e impondo um religioso respeito aos soldados, que a contemplavam tão bela, e tão jovem no meio deles!<sup>303</sup>

Diante das dificuldades, Fany, como exemplo de filha, permanece ao lado de seus pais e dos necessitados. Logo em seguida, o seu pai morre e, órfã, Fany também encarou a pobreza com a devida resignação. Mesmo com a possibilidade de conseguir um bom casamento, a moça opta por permanecer cuidando de sua mãe e irmãos:

<sup>302</sup> FLORESTA, 2009, p. 98-99.

<sup>303</sup> FLORESTA, 2009, p. 100.

Em sua desgraça, desprovida daqueles meios que mais deslumbram os homens quando tratam de fazer uma união, ela teve partidos, mas querendo viver somente para a mãe e seus irmãos ao menos por alguns anos ainda, renunciou ao casamento e encarou resignada com sua mãe a pobreza, e o desdém de um povo, cuja causa seu pai não havia seguido. Sempre boa, sempre dócil aos conselhos dessa mãe que ela adorava, sempre modesta e atenciosa com toda sorte de pessoas, Fany em sua pobreza como no tempo de sua prosperidade, atraía a admiração dos que a conheciam.<sup>304</sup>

Fany não se ressentia da perda da fortuna por si mesma, mas pela mãe e os irmãos. Altruísta, abre mão de sua mocidade e felicidade para cuidar de sua família. Não murmurava e se mostrava uma verdadeira cristã a esperar a Providência Divina. Assim foi durante oito anos, quando o Governo Imperial finalmente declarou anistia geral, devolvendo os bens de sua mãe, e a paz para Fany, que permaneceu auxiliando na educação dos irmãos, cuidando dos afazeres domésticos e merecedora da admiração de um povo.

Por fim, Nísia Floresta deixa clara sua intenção ao escrever essa história, recomendando: “Possam todas as Donzelas e principalmente para quem escrevi esses ligeiros traços da história de Fany, imitar suas virtudes, e exercitarem uma pena mais hábil do que a minha para descrevê-las”.<sup>305</sup>

Dessa maneira, é evidente que o objetivo de Nísia Floresta era atingir e modificar consciências. Através do exemplo de Fany, a autora apresenta as virtudes e comportamentos que devem ser absorvidos pelas suas alunas e leitoras externas. Caridosa, altruísta, obediente, modesta são as principais características de uma boa filha.

A história de Fany se assemelha à trajetória da autora. Assim como a personagem, Nísia Floresta vivenciou os conflitos envolvendo sua família, as perseguições antilusitanas que resultavam nas fugas constantes para outros locais, a violência é comum às duas. Fany, assim como a autora, perde o pai ainda muito jovem e se dispõe a colaborar com a mãe nos cuidados domésticos. O interesse pelo conhecimento, a admiração pelos exemplos maternos e a saudade do pai são outros pontos concordantes entre a criadora e a criatura.

Outro exemplo de filha exemplar é Lívia Augusta, que, em matérias de jornais da época, chega a levar como sobrenome parte do pseudônimo utilizado pela mãe, Lívia Augusta Brasileira Rocha. Dispomos de poucas informações a seu respeito. Sabe-se que foi após seus problemas de saúde que Nísia Floresta foi para a Europa acompanhada dos filhos, em 1849. Nas viagens seguintes, somente Lívia acompanhou a mãe. Teria casado e ficado viúva pouco depois, além de ser preceptora e tradutora das obras da mãe em outros idiomas.

---

<sup>304</sup> FLORESTA, 2009, p. 101.

<sup>305</sup> FLORESTA, 2009, p. 102.

Em seu *Opúsculo*, Nísia Floresta cita o elogio de uma dama da casa de Luís Felipe<sup>306</sup> à um jovem brasileira que possivelmente seria Lívia. Afirma:

Nunca esqueceremos a humilhação que sentimos (pela ignorância dos nossos conterrâneos nesse ponto) quando, em Paris, uma antiga dama da casa de Luís Felipe, admirando a instrução de uma jovem brasileira que se achava ali ao mesmo tempo que nós, disse-nos, com certa franqueza de que a fizemos arrepender-se, que surpreendia-se ao ver uma moça do nosso país tão instruída, quando a uma de nossas altas personagens, chegando à França, foi necessário ensinar até o catecismo!<sup>307</sup>

Lívia é reconhecida pela instrução. Nas publicações das listas de alunas premiadas em exames finais do Colégio Augusto é comum ver o seu nome. Em artigo publicado no *Jornal do Comércio* em 1841, vemos um elogio à filha de Nísia Floresta:

Seguiu-se depois disso exame de inglês, da Sra. D. Lívia Augusta Brasileira Rocha, filha da diretora do colégio. Que talento raro! Que habilidade extrema! Não podemos fazer-lhe maior elogio do que publicando o seu nome, e fazendo observar que com doze anos de idade está uma senhora moralmente completa, e nesse dia apresentou um brilhante exame de inglês e francês, que fala com perfeição e muita facilidade, e geografia astronômica, física e política. Concluído isto, a diretora, querendo recompensar o mérito, perguntou aos examinadores publicamente quais deviam ser premiadas; ao que respondeu-se que, não reprovando-se as outras, pois tinham feito bons exames, tinham todavia sobressaído a senhora D, Lívia, de que já falamos em primeiro lugar [...].<sup>308</sup>

Com 12 anos, Lívia se fazia notar pelo desempenho na escola e, também, pelas características morais desenvolvidas. Tinha conhecimento de outras línguas, assim como a mãe, sua principal preceptora. Foi como presente de aniversário de 12 anos da filha que Nísia Floresta publicou *Conselhos à minha filha*, que contém instruções para mães e filhas e em 1845 acrescenta aos conselhos “Máximas e pensamentos para minha filha”. Nesses escritos, Nísia Floresta recomenda que a filha, assim como todas as jovens, fuja do mal, dos vícios, das paixões, da inveja, da vaidade, da arrogância.<sup>309</sup>

Alguns anos mais tarde, um artigo foi publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, noticiando o paradeiro de Lívia e sua mãe:

Chegou a Lisboa no último *paquete* de Inglaterra a célebre poetisa, natural do Rio de Janeiro, Brasileira Augusta, em sua companhia um anjo de formosura, - perfeita composição de tudo que a mulher pode reunir, - a par das graças dos dotes intelectuais – Falo sua filha D. Nízia, - que aos dezoito anos de idade já junta vastos conhecimentos, falando os principais idiomas

<sup>306</sup> Luís Felipe (1773-1850): Rei da França entre 1830 e 1848.

<sup>307</sup> FLORESTA, 1989, p. 135-136.

<sup>308</sup> COMUNICADO. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 332, 24 dez. 1841, p. 2.

<sup>309</sup> FLORESTA, 2009, p. 23-22.

da Europa, mui instruída em matemática, física, e em música, - encanta todas as pessoas que tem a ventura de lhe serem apresentadas.<sup>310</sup>

Lívia não seguiu os passos da mãe apenas como companheira de viagem, preceptora e tradutora das obras de Nísia Floresta. Há nos jornais *O Anunciador* e no *Periódico dos Pobres* anúncios<sup>311</sup> de uma tradução feita por Lívia e vendida no Brasil no ano de 1850 intitulada *Esperemos sempre*, com a seguinte informação: “Conto moral, traduzido do francês, por Lívia Augusta de Faria Rocha; acha-se a venda na Rua do Ouvidor n. 158, a sair do Largo de S. Francisco de Paula”.<sup>312</sup> Nota-se que os trabalhos desenvolvidos por Lívia não estiveram restritos aos de sua mãe.

Fany e Lívia são modelos femininos a serem seguidos. A fama da filha é lisonja para mãe, a prova de que era competente como matriarca e educadora. É com o pretexto de escrever para a filha que Nísia Floresta elabora manuais a serem seguidos não somente por Lívia e suas educandas, mas por todas aquelas que almejavam fazer parte da regeneração moral da sociedade. Conseguindo desempenhar bem o papel de filhas, logo seriam boas esposas e boas mães, contribuindo para o progresso da humanidade.

#### 4.2 As virtudes da esposa

O casamento, além de representar a transferência da tutela da menina do pai para o marido, também representava o destino desejável para toda moça de família abastada. Tratava-se, antes de tudo, de um contrato entre as famílias dos cônjuges, que pouco ou nenhum poder de escolha possuíam. Michelle Perrot, a respeito dos arranjos matrimoniais nos oitocentos na França, destaca que:

A escolha social do cônjuge também constitui o objeto de estratégias que ocupam o centro das atenções das famílias. A homogamia e até mesmo a endogamia são tendências consolidadas em todos os meios regionais e sociais, que também se explicam pelas formas de sociabilidade: a pessoa se casa com alguém semelhante a ela, também pelo fato de conhecer e conviver principalmente com indivíduos parecidos com ela mesma.<sup>313</sup>

<sup>310</sup> CHEGOU A Lisboa... *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 13 set. 1851, p. 1.

<sup>311</sup> ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n.4, 4 fev. 1850, p.1.; ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n. 5, 5 fev. 1850, p.4.; ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n. 6, 6 fev. 1850, p. 1.; ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n. 11, 11 fev. 1850, p. 2.; ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n. 17, 19 fev. 1850, p. 4.; ESPEREMOS sempre. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 20, 1 jun. 1850, p. 4.; ESPEREMOS sempre. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 26, 17 jun. 1850, p. 4.

<sup>312</sup> ANÚNCIOS. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 16, 22 maio 1850, p. 4.

<sup>313</sup> PERROT, 1991. p. 135.

O casamento entre iguais e até mesmo entre parentes foi a maneira encontrada para conservação e manutenção das riquezas das famílias de elite nos oitocentos. Quando esposas, as mulheres assumiam um novo lugar na sociedade: ainda que sua importância continuasse limitada ao ambiente doméstico, eram valorizadas enquanto administradoras do lar. Entre suas novas funções, estavam supervisionar os trabalhos domésticos e servir ao marido.

Uma das principais fontes para conhecer o cotidiano das mulheres de elite nos oitocentos são os relatos de viajantes estrangeiros. Hahner destaca que a partir dessa fonte é possível identificar costumes e hábitos das famílias patriarcais observadas. Afirma que:

De acordo com eles, tratava-se de famílias patriarcais, em que o pai e o marido autoritário dominava seus filhos e filhas e sua esposa submissa, ao mesmo tempo que se cercava de concubinas ou se relacionava sexualmente com escravas. A esposa, por sua vez, era uma figura indolente e passiva, que pouco saía, dava à luz um grande número de filhos e costumava abusar de seus escravos negros.<sup>314</sup>

Hahner ressalta que o comportamento feminino variava de acordo com a classe social. Mas é importante observar como a esposa é retratada, ainda que com generalização duvidosa. Submissa ao marido e restrita ao espaço doméstico, a casa era seu principal espaço de atuação.

A mulher permanecia como moeda de negociação, especialmente através do casamento que determinava o futuro da filha a partir dos interesses familiares. Ainda de acordo com Hahner: “Com uniões conjugais isso era bem nítido, pois, na época, do mesmo modo do compadrio, o casamento (ou melhor, o casamento legalizado) era uma forma de consolidar laços familiares existentes entre os membros da alta sociedade”.<sup>315</sup>

No sertão nordestino, de acordo com Miridan Falci, “a preocupação com o casamento das filhas era uma constante”.<sup>316</sup> A preocupação com o casamento surgia logo após a primeira menstruação da menina e transformava-se em angústia quando atingia os 25 anos de idade e ainda estivesse a esperar o matrimônio.<sup>317</sup> Acrescenta ainda que “moça de elite casava debaixo de cuidados, observações e recomendações de toda a sociedade, entre os 15 e 18 anos, pois se passasse dos 25 anos sem casar seria considerada ‘moça-velha’”.<sup>318</sup>

---

<sup>314</sup> HAHNER, 2012, p. 44.

<sup>315</sup> HAHNER, 2012, p. 48.

<sup>316</sup> FALCI, Miridan B. Knox. Mulheres do sertão nordestino, In: DEL PRIORI, Mary (Org). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000, p. 256.

<sup>317</sup> FALCI, 2000, p. 256.

<sup>318</sup> FALCI, 2000, p. 259.

A primeira união de Nísia Floresta foi arranjada pelos pais e durou apenas meses. A escritora critica em seu *Opúsculo* os casamentos arranjados, especialmente aqueles marcados pelo interesse financeiro. Afirma:

Lição eloquentemente triste para as mulheres, de todas as condições, que se creem ao abrigo das vicissitudes da sorte só porque conseguiram tomar o nome de um homem de mérito. É trabalhando de dia em dia por adquirir a afeição e os respeitos do companheiro que lhe coube por sorte, e por tornar-se superior aos acometimentos do ciúme que a esposa consegue firmar a sua felicidade doméstica, e não por laços julgados indissolúveis e santos por aqueles que facilmente os profanam quando as paixões os agitam.<sup>319</sup>

Peggy Sharpe-Valadares afirma que a referida citação demonstra a preferência divorcista de Nísia Floresta.<sup>320</sup> A vida pregressa da escritora pode justificar essa inferência. Ainda que não seja possível comprovar a respectiva preferência, é sabido que a brasileira abandonou o primeiro casamento e anos depois elegeu um novo companheiro. Nísia Floresta destoa da sociedade oitocentista ao separar-se e contrair nova união, um provável escândalo para sua família.

Na afirmativa da escritora é perceptível que não concebe o casamento enquanto contrato capaz de assegurar a felicidade de uma mulher; coloca a esposa como principal responsável por sua própria felicidade, desde que seja capaz de conquistar a admiração do companheiro e controlar seus ciúmes. A escritora reconhece o poder da esposa, que naquele momento era confrontado com o poder majoritário do marido sobre a instituição familiar.

Mulher submissa e virtuosa eram praticamente sinônimos para a sociedade dos oitocentos; era obrigação feminina obedecer, no máximo aconselhar filhos e maridos, mas sabendo acatar com brandura suas decisões, ainda que envolvessem seu próprio destino. Quando se ouviam discursos visando à valorização feminina, eles reforçavam os papéis sociais já delimitados.

As funções da esposa também são objeto de interesse de Nísia Floresta. Ela prescreve em suas obras o modelo ideal de esposa. Defende que o casamento deveria ser entendido enquanto união de iguais, como é possível identificar na seção dedicada a tratar a Alemanha e seus avanços quanto à valorização feminina em seu *Opúsculo*, ressaltando que: “O legislador alemão, quando estabeleceu no casamento a igualdade entre os sexos, compreendeu, melhor que nenhum outro, a sabedoria do Eterno, doando ao homem e à mulher a mesma inteligência”.<sup>321</sup>

<sup>319</sup> FLORESTA, 1989, p. 126.

<sup>320</sup> Cf.: FLORESTA, 1989, p. 126.

<sup>321</sup> FLORESTA, 1989, p. 17.

Acreditava-se que a mulher não passava de um homem mal formado. Nesse sentido, a mulher estaria completa apenas a partir do estabelecimento de relação com um homem. O casamento era a ponte fundamental para que isso fosse possível. Os discursos masculinos salientavam a importância da mulher na sociedade, desde que seu poder estivesse restrito ao doméstico. Assumiam a existência do poder oculto da mulher, agindo corretamente elas conseguiriam transformar o homem e ter seus desejos prontamente atendidos. Tais afirmações visavam conter os discursos femininos, afirmando que fora do ambiente doméstico a mulher perderia sua superioridade moral.

John Stuart-Mill,<sup>322</sup> escrevendo em defesa da igualdade entre os sexos, reconheceu que a insegurança masculina diante da possibilidade do abandono das funções domésticas estava relacionada aos discursos que reafirmavam a subjugação feminina ao homem. Destaca:

Sobre o outro ponto que envolve a igualdade justa das mulheres, ou seja, sua aceitação em todas as funções e ocupações até aqui retidas como monopólio do sexo mais forte, devo antecipar que não há nenhuma dificuldade em convencer qualquer pessoa que tenha acompanhado o assunto de igualdade das mulheres na família. Acredito que a limitação delas em outras áreas é mantida a fim de preservar sua subordinação à vida doméstica porque a maioria dos homens ainda não consegue tolerar a ideia de viver em igualdade.<sup>323</sup>

Stuart-Mill também reconheceu que a inferioridade feminina era reforçada pela educação ministrada às mulheres, que desde a infância eram ensinadas a serem submissas a uma figura masculina. O autor reivindica a igualdade entre os sexos como o caminho para a felicidade plena, especialmente entre os cônjuges. Dentre os benefícios decorrentes das mudanças dos costumes e instituições, cita: “A vantagem de ter a mais universal e duradoura de todas as relações humanas regularizadas pela justiça e não pela injustiça”,<sup>324</sup> e também “o de dobrar a qualidade de faculdades mentais disponíveis para o serviço mais elevado da humanidade”.<sup>325</sup> Por fim, cita o que para ele é o mais importante benefício: “O proveito indescritível da felicidade privada para a metade da espécie que foi libertada: a diferença para elas entre uma vida de sujeição aos desejos dos outros e uma vida de liberdade racional”.<sup>326</sup>

---

<sup>322</sup> John Stuart-Mill (1806-1873): teve como professor o pai, James Mill. Em 1823 entrou na East India Company, onde trabalhava seu pai. Casa-se com Harriert Taylor em 1851. Em 1865 é eleito membro do Parlamento da Inglaterra e é nomeado Reitor da Universidade de Saint Andrew. Propôs em 1867 o voto político extensivo às mulheres, mas não obteve resultado satisfatório. Cf.: STUART-MILL, John. *A sujeição das mulheres*. São Paulo: Editora Escala, 2006.

<sup>323</sup> STUART-MILL, John. *A sujeição das mulheres*. São Paulo: Editora Escala, 2006. p. 75.

<sup>324</sup> STUART-MILL, 2006, p. 114.

<sup>325</sup> STUART-MILL, 2006, p. 118.

<sup>326</sup> STUART-MILL, 2006, p. 134.

Dessa maneira, é evidente que o casamento e a família são constantemente revisitados através dos debates envolvendo as diferenças sexuais e o lugar em sociedade reservado às mulheres. Nísia Floresta defende que a igualdade entre os cônjuges era inviável diante da educação precária oferecida às brasileiras, ressaltando a necessidade de reformá-la.

Tratando das mulheres inglesas, Nísia Floresta afirma que compreendiam “muito cedo a nobreza do sexo a que pertence e a importância do cumprimento de seus deveres”.<sup>327</sup> Afirma que “a mulher inglesa não vê, como geralmente aquelas [francesas], no casamento, um estado que as liberta do jugo de solteira e lhes permite uma liberdade de que nem sempre fazem bom uso. Pelo contrário, é neste novo estado que começa para ela a prática de todas as virtudes da vida doméstica”.<sup>328</sup>

Para a escritora, a consciência das mulheres inglesas quanto aos seus deveres para com a sociedade advinha da educação recebida desde a infância. Assim, estavam aptas a desenvolver todas as suas virtudes no casamento. Nísia Floresta concebe o casamento como momento para que as mulheres coloquem em prática as virtudes cultuadas através da educação. Destaca que “é ainda só à educação eminentemente religiosa da mocidade inglesa que se deve atribuir essa grande diferença”<sup>329</sup> entre inglesas e francesas, e também, brasileiras.

No caso específico do Brasil, Nísia Floresta critica a ignorância reservada às mulheres, que compromete a felicidade do lar. Ao contrário de garantir uma educação capaz de despertar as virtudes femininas, de acordo com a escritora, os discursos masculinos exaltavam a fraqueza como atrativo e os adornos e vaidade como formadores da beleza feminina. Sendo assim, as esposas estavam mais preocupadas com futilidades e não no cultivo das virtudes. Indaga:

Qual é aí o homem razoável e honesto, que se contente de uma esposa, que prefere passar no seio dos prazeres do mundo entregue às futilidades de uma vida de dissipação e indolência, antes que no empenho constante de restabelecer seu direito aos gozos razoáveis, e de ilustrar-se pela prática das virtudes que honram a espécie humana e contribuem para a felicidade?<sup>330</sup>

Nísia Floresta relaciona assim as virtudes da esposa com a felicidade do marido. Mas complementa: apenas a educação pode oferecer as condições para o amplo exercício das virtudes femininas. Caso contrário, o casamento não seria estabelecido entre iguais, e, ao

---

<sup>327</sup> FLORESTA, 1989, p. 23.

<sup>328</sup> FLORESTA, 1989, p. 24.

<sup>329</sup> FLORESTA, 1989, p. 24.

<sup>330</sup> FLORESTA, 1989, p. 61.

invés de uma esposa, os homens teriam uma escrava e seriam senhores, não maridos, como pretendiam alguns personagens da época.<sup>331</sup>

A educação feminina seria o caminho possível para estabelecer uma união entre iguais. A esposa desenvolveria suas virtudes adequadamente se devidamente instruída; para isso, era necessário reconhecer a capacidade feminina de aprender e ensinar. As funções de administradora do lar e conselheira do marido estavam prejudicadas pela educação precária oferecida às mulheres. Quanto à vida conjugal ideal, Nísia Floresta indaga:

Que outra coisa é mais doce sobre essa terra de exílio, mais terna, mais digna e santa do que essa vida conjugal; esta vida suave e constante harmonia de dois corações amantes, que dirigem-se em concórdia pela senda de todas as virtudes domésticas e sociais, para o último beatífico fim do homem?<sup>332</sup>

A escritora não menospreza a união conjugal entre homem e mulher, desde que fossem igualmente instruídos e que o homem, livre das paixões carnis, reconhecesse em sua mulher uma companheira, auxiliadora nas decisões, participante na construção da família. Ela denuncia que os homens:

Tudo fizeram dela até agora, a não ser, o centro comum, de onde devem emanar todas as boas inspirações, todos os amáveis e prudentes conselhos para ajudá-los no caminho difícil da vida em direção à universal conquista do progresso verdadeiro. Por quanto, se diga e se faça, todos sabemos que a mulher sempre teve um grande ascendente sobre o homem; mas desgraçadamente são quase sempre menos dignas de exercer esse privilégio, sem outro fim que o de satisfazer os seus gostos pessoais.<sup>333</sup>

Assim, Nísia Floresta compreende a esposa enquanto conselheira do marido, desde que fosse devidamente educada para desempenhar suas funções. O homem, ao negligenciar a educação feminina, estava negligenciando a si, ao casamento e sua família. Indaga: “Se a mulher fosse sempre educada para sair-se como deveria ser, ver-se-ia por ventura o resultado da sua influência tornar-se aqui e ali muitas vezes mais nocivo que proveitoso à felicidade dos homens?”<sup>334</sup>

A mulher indígena é citada como exemplo de esposa virtuosa por Nísia Floresta. Apesar de ter seu povo dizimado, humilhado pelo colonizador que foi incompetente em promover a educação religiosa e moral entre os indígenas, as suas mulheres conservaram virtudes inigualáveis. A escritora afirma:

Não obstante, porém, essa conduta e a falta absoluta de educação moral, as indígenas fornecem exemplos de virtudes e heroísmo que poderiam ser

---

<sup>331</sup> FLORESTA, 1989, p. 62.

<sup>332</sup> FLORESTA, 1997, p. 139.

<sup>333</sup> FLORESTA, 1997, p. 123.

<sup>334</sup> FLORESTA, 1997, p. 125.

colocados a par dos que têm apresentado as mulheres civilizadas de todos os tempos e nações, com o duplo merecimento de serem tais exemplos promovidos pela espontaneidade, que não pelo cálculo que preside de ordinário às grandes ações dos povos civilizados.<sup>335</sup>

Estabelecendo uma comparação entre indígenas e mulheres ditas civilizadas, Nísia Floresta esclarece a supremacia moral das primeiras, vantagem oriunda da própria natureza, uma vez que é resultado da espontaneidade e não da educação viciosa que era ministrada às brasileiras.

Como esposa é terna, providente, dedicada e fiel. É uma mulher capaz de grande abnegação pessoal, guerreira. É fiel ao marido e ao casamento, é boa mãe. Quanto à afirmativa de que elas seriam preguiçosas, Nísia Floresta diz que são assim consideradas injustamente, pois em algumas aldeias as mulheres trabalham mais que as mulheres pobres das cidades. São ainda mais indicadas para o cuidado com as crianças, mais asseadas, fiéis e submissas. Nísia Floresta critica o extermínio dos índios e a negligência para com sua educação:

Não podemos, portanto, ver sem mágoa e indignação o desaparecimento em que se têm os aborígenes, quando de grandes virtudes são capazes e tão úteis nos podiam ser.<sup>336</sup> [...]

Negligenciando-se a civilização dos selvagens, tem-se não somente tirado ao Brasil os seus mais legítimos e empenhados defensores, mas também, a todos os seus filhos, a vantagem de serem servidos por braços livres dos que, nascendo em nosso mesmo solo, não nos teriam por sem dúvida transmitido vícios estranhos, inextinguíveis calamidades.<sup>337</sup>

Se anteriormente a autora questionou o uso da mão de obra do escravo negro e sua presença no cotidiano das famílias brasileiras, no referido trecho fica evidente sua defesa ao uso da mão de obra indígena livre, pois acreditava que o convívio com os índios acarretaria ganhos morais, bem como evitaria a entrada de vícios que chegariam com os negros. A autora reivindica a valorização da mulher indígena, bem como sua educação. Critica os governantes e o clero, que, sendo os primeiros responsáveis por instruir e educar essas mulheres, lhe deram provas de promiscuidade. A autora defende que:

Ela é digna de ocupar outra posição em nossa terra, e que o desprezo com que foi sempre e continua a ser olhada a sua raça pelas nossas outras populações, é um abuso antinacional, anticristão, que os nossos governantes e o nosso clero devem fazer desaparecer, empregando, por bem da pátria e da Igreja, meios mais próprios e seguros para consegui-lo.<sup>338</sup>

<sup>335</sup> FLORESTA, 1989, p. 147.

<sup>336</sup> FLORESTA, 1989, p. 146.

<sup>337</sup> FLORESTA, 1989, p. 153.

<sup>338</sup> FLORESTA, 1989, p. 156.

Sendo a mulher indígena virtuosa antes mesmo de receber uma educação religiosamente moral, a autora acreditava que, se instruída corretamente, poderia ser de grande utilidade para a humanidade. Toda mulher deveria ser educada para que assim pudesse contribuir para o progresso e regeneração moral da humanidade.

Nísia Floresta prescreve o modelo ideal de esposa esclarecida. Recomenda:

Esposa! Guardai intacta a vossa fé que jurastes ao homem por vós escolhido, e fazei vossa delícia em dar-lhe prova (primeiro com uma doçura cheia de dignidade, depois com uma verdadeira e terna solícitude em fornecer-lhe tudo que possa ser-lhe útil e agradável) de que vós sois para ele não apenas um autômato, mas uma amiga circunspecta e devota, companheira inseparável e necessária à sua vida em qualquer vicissitude; nem esqueçais um só momento este já notório mas sempre novo axioma: a honestidade da esposa é perpétuo ornamento da família.<sup>339</sup>

Logo, a esposa, segundo o projeto da escritora, deveria ser fiel, doce, digna, amiga e companheira do marido e honesta. Acrescenta ainda que seria a esposa a responsável pela ordem e harmonia da casa, bem como pela higiene da família. À esposa caberia a capacidade de “saber identificar a hora e o lugar para manter a dignidade na submissão, e a autoridade na obediência”.<sup>340</sup>

Nísia Floresta não questiona o casamento ou a família dos oitocentos com o intento de transformá-los, mas de aperfeiçoá-los. E isso só seria possível quando as mulheres tivessem desde a infância acesso à instrução e à educação religiosa e moral, projetada para o desenvolvimento das virtudes femininas. A mulher dentro da família constituía peça fundamental na transformação e regeneração da sociedade.

É evidente que a escritora não reivindicava a emancipação feminina do lar, mas, sim, sua emancipação intelectual, visando ao bem da família e conseqüentemente da sociedade, uma vez que concebia o lar como o primeiro espaço de aprendizagem para o indivíduo, e o convívio com a família o primeiro modelo de comportamento a ser seguido. A mulher enquanto esposa teria papel decisivo na vida do marido e, com a chegada dos filhos, deveria ser sua preceptora, desde que fosse educada para assim atuar.

#### 4.3 O altruísmo da mãe

A valorização da maternidade nos oitocentos estava ligada diretamente aos discursos que buscavam a valorização da mulher. Esse era o destino de toda mulher. No entanto a forma

<sup>339</sup> FLORESTA, 1997, p. 135.

<sup>340</sup> FLORESTA, 1997, p. 135.

de vivenciá-lo era diversa. Foi observando o comportamento materno no Brasil e Europa que Nísia Floresta forjou o modelo ideal de ser mãe, função reconhecida como essencial para a regeneração moral da humanidade.

Elizabeth Badinter ressalta aspectos relevantes para o estudo da maternidade, considerando que a mãe é “uma personagem relativa e tridimensional”. Esclarece:

Relativa porque ela só se concebe em relação ao pai e ao filho. Tridimensional porque, além dessa dupla relação, a mãe é também uma mulher, isto é, um ser específico dotado de aspirações próprias que frequentemente nada têm a ver com as do esposo ou com os desejos do filho.  
341

Sendo assim, é necessário considerar as referidas características para compreender a amplitude do projeto elaborado por Nísia Floresta em busca de formatar a mãe ideal. A brasileira reconhecia o caráter relacional das funções femininas, daí a ideia defendida constantemente de que, ao ter acesso à educação, a mulher não garantiria benefícios apenas para si, mas para a humanidade.

Badinter destaca que a valorização da maternidade se fortaleceu em fins do século XVIII e se intensificou nos oitocentos. “É no último terço do século XVIII que se opera uma espécie de revolução das mentalidades. A imagem da mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente, ainda que, na prática, os comportamentos tardassem a se alterar”.<sup>342</sup> O desleixo da mãe para com a educação de seus filhos e o desinteresse em amamentar são permanências que viraram alvo das críticas de Nísia Floresta.

O principal responsável pelo fracasso da mulher enquanto mãe era o homem que negava seu direito à educação, impossibilitando o desenvolvimento das virtudes naturais femininas. A educação feminina era essencial para o cumprimento das funções maternas. Dentre elas, Nísia Floresta destaca a de preceptora dos filhos, pois:

Uma mãe bem educada e suficientemente instruída para dirigir a educação de sua filha obterá sempre maiores vantagens, aplicando-se com terna solicitude a inspirar-lhe como emulação o sentimento da própria dignidade, que qualquer diretora não conseguiria obter de suas educandas.<sup>343</sup>

Apesar de defender o aperfeiçoamento e o aumento de instituições de ensino para meninas, a escritora acreditava que uma mãe devidamente instruída era insubstituível, capaz de despertar nobres sentimentos nos filhos. No entanto, ela constata o atraso da educação

---

<sup>341</sup> BADINTER, 1985, p. 24.

<sup>342</sup> BADINTER, 1985, p. 144.

<sup>343</sup> FLORESTA, 1989, p. 91.

feminina no Brasil e os prejuízos para o cumprimento adequado dos deveres maternos. As mães brasileiras ignoram a importância do seu papel na vida dos filhos. Destaca:

A elas, pois, incumbe particularmente prevenir ou corrigir as faltas dos primeiros anos, convencida de que é um absurdo pretender que as meninas a cuja educação doméstica não presidem os bons exemplos e o empenho constante de bem dirigi-las possam depois aproveitar, em toda amplitude, as boas lições que por ventura venham a receber.<sup>344</sup>

Sendo assim, a mãe deveria acompanhar o desenvolvimento intelectual e moral dos filhos, corrigindo-os quando necessário. Complementa:

Atentem todas as mães brasileiras – como convém ao seu próprio interesse, à dignidade da família e à glória da pátria na autora do seu engrandecimento – para as propensões de suas filhas, e empreguem todos os seus esforços para arredá-las a tempo de tudo quanto possa animar as más e enfraquecer as boas, evitem-lhes, sem que elas se apercebam em companhia de quem quer que seja, longe de suas vistas ou das de preceptoras esclarecidas e dignas de confiança.<sup>345</sup>

A mãe, de acordo com Nísia Floresta, também deveria inspirar no coração de suas filhas a doçura, afastá-las dos exemplos de vaidade e de orgulho, prepará-las física e moralmente desde a infância. Deveria habituar as filhas ao trabalho, reconhecendo como uma virtude necessária e não digno de desdém, afastá-las de futilidades que lhes distraíam da sua verdadeira missão.

Outro dever materno era o de afastar dos filhos o “espetáculo de uma opressão cruel”,<sup>346</sup> a escravidão. Deveria dirigir os escravos como cristã, caridosamente. Recomenda para as mães quanto aos seus filhos: “Ensinai-lhes cedo a olhá-los como nossos semelhantes e, por conseguinte, dignos de nossa comisseração no estado a que os reduziram nossos maiores”.<sup>347</sup> Nísia Floresta defende que negros e brancos são semelhantes e que uma boa mãe ensinaria aos seus filhos a compaixão diante da situação de subjugação em que se encontravam os primeiros.

Como mencionado, a escritora critica o sistema escravista no Brasil e sua influência no cotidiano das famílias. Sua preocupação se estende ao costume das mães de recorrerem às amas de leite para cuidarem dos filhos recém-nascidos. Considerando um prejuízo que poderia ser fatal à infância, Nísia Floresta classifica a prática enquanto crime e deixa evidente

---

<sup>344</sup> FLORESTA, 1989, p. 112.

<sup>345</sup> FLORESTA, 1989, p. 112.

<sup>346</sup> FLORESTA, 1989, p. 116.

<sup>347</sup> FLORESTA, 1989, p. 116.

sua insatisfação quando afirma: “nada nos parece tão revoltante como ver uma mãe, sem causa justificada pela natureza, consentir que seu filho se alimente em seio estranho”.<sup>348</sup>

A escritora ressalta que a prática não teve início no Brasil, mas em países europeus. De acordo com ela, o caso brasileiro era ainda mais grave:

Se Rousseau, com seu *Emílio*, fez corar as mães francesas pelo esquecimento em que estavam desse primeiro dever da maternidade, em França, onde as amas têm mais ou menos alguma educação e se distinguem pelo asseio, o que sentiriam as mães brasileiras que bem compreendessem aquele livro, à vista de seus filhos pendentes no seio de míseras africanas, que passam, muita vez, do açoite na Casa de Correção ou nas dos próprios senhores, ao berço do inocente para oferecer-lhe seu leite?<sup>349</sup>

O hábito de entregar o recém-nascido ao cuidado de terceiros era prática difundida e apoiada por diversos intelectuais na sociedade europeia até meados no século XVIII, como destaca Badinter. No entanto, com a valorização da criança, a mãe ganha destaque, seus cuidados são alvo de constantes especulações, bem como a ideia de um sentimento genuinamente materno:

Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes ‘ordenam’ amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho.<sup>350</sup>

No Brasil, o costume de confiar às escravas o cuidado com as crianças é constatado por estrangeiros que observavam com olhares de reprovação tais práticas. Louis de Freycinet<sup>351</sup> afirmou, em 1817, que:

Em geral, as mulheres, segundo observação do Sr. Gaimard, empregam amas-de-leite negras. Algumas senhoras portuguesas, de condição, não quiseram adotar o hábito que lhes interditava as verdadeiras funções maternas; mas garantem que a saúde fraca não lhes permitiu terminar o que tinham iniciado tão gloriosamente. Somente as estrangeiras amamentam seus filhos.<sup>352</sup>

As mães eram incentivadas a assumir os cuidados com os filhos, e a mulher que secundarizava as atividades entendidas como maternas passaram a ser recriminadas. Badinter informa que parte das mulheres se mostraram receptivas às novas recomendações,

<sup>348</sup> FLORESTA, 1989, p. 93.

<sup>349</sup> FLORESTA, 1989, p. 93.

<sup>350</sup> BADINTER, 1985, p. 144.

<sup>351</sup> Louis-Claude Desaulses De Freycinet (1779-1842) trabalhou como observador cartográfico e naturalista. Cf.; *Freycinet, Louis-Claude Desaulses de (1779-1842)*. Disponível em: <<http://adb.anu.edu.au/biography/freycinet-louis-claude-desaulses-de-2226>>. Acesso em 17 de abril de 2017.

<sup>352</sup> FREYCINET apud LEITE, 1984, p. 48.

especialmente motivadas pelos discursos que ofereciam felicidade e igualdade.<sup>353</sup> A autoridade sobre a família permanecia nas mãos do marido, mas a mãe dedicada assumia um novo lugar, sendo a responsável pelo bem-estar familiar.

A maternidade é evocada enquanto função natural da mulher. Renegá-la é desprezar a própria natureza. Esse é também o discurso defendido por Nísia Floresta, especialmente no ensaio *A mulher*, publicado originalmente em 1859, traduzido para o inglês por Livia Augusta e publicado em 1865 em Londres. A escritora critica as mães francesas pelo abandono de seus filhos aos cuidados de amas de leite e novamente prescreve comportamentos e sentimentos que deveriam ser compartilhados entre as mulheres.

Nísia Floresta relata a visita de duas mulheres a uma aldeia distante, na França. O motivo da viagem é esclarecido pela autora: “porque as duas poderosas vozes da amizade e do sangue fizeram-se ouvir naqueles dois corações: porque ali vive o pobre anjinho abandonado em mãos mercenárias”.<sup>354</sup> A autora se propõe a denunciar a realidade por trás de tal prática. Nísia Floresta descreve o local como:

Um úmido aposento, sem ar, com assoalho de pedras disformes cobertas de lodo; uma janela, ou melhor, um buraco, jogava como que uma réstia de luz sobre os sujos e velhos móveis que entulhavam aquela caverna humana, onde a panela de domingo fervia no enegrecido fogão. Uma cama, cujo escuro baldaquino combinava com o restante dos objetos espalhados aqui e ali, anunciava a desordem e a falta de qualquer asseio. A eira lotada de pútrido estrume tresandava, não menos que o quarto contíguo, um odor desagradável impossível de suportar... As duas mulheres entreolharam-se sem que pudesse dizer palavra.<sup>355</sup>

A descrição tem o objetivo de impactar o leitor, despertar sua sensibilidade e contrapor a ideia de que o campo seria melhor para a saúde das crianças. Descreve um local insalubre, inapropriado para o desenvolvimento físico de qualquer um, especialmente para crianças que melhor estariam na casa paterna. A escritora se dirige às mães capazes de abandonar seus filhos em locais semelhantes ao descrito:

Ó mães sem coração, que abandonais os mais sagrados deveres da natureza, destacando de vosso seio os próprios filhos, esta parte de vossa alma, para mandá-los sugar um leite estranho em alguma longínqua aldeia, onde não dais depois o ar de vossa presença! A vós, somente, quero narrar o que vi: ante os vossos olhos quero eu delinear o deplorável quadro que partiu-me o coração, e que verbalizará o processo de vossa desnaturação face às gerações porvindouras!<sup>356</sup>

<sup>353</sup> BADINTER, 1985, p. 145.

<sup>354</sup> FLORESTA, 1997, p. 85.

<sup>355</sup> FLORESTA, 1997, p. 87.

<sup>356</sup> FLORESTA, 1997, p. 87.

De acordo com o referido trecho, fica evidente a relação que a escritora estabelece entre a maternidade e a natureza, bem como sua indignação diante do abandono dos filhos. Nísia Floresta também esclarece que não é apenas observadora da história que conta, mas personagem. Ela era uma daquelas mulheres a visitar a aldeia, o que lhe confere poder maior sobre aquilo que se propõe a analisar. A outra era avó do menino.

A preocupação da escritora com o “leite estranho” oferecido aos filhos é compartilhada naquele momento pelos discursos higienistas que identificam o leite como condutor de doenças físicas e morais. Nísia Floresta acreditava que os vícios eram transmitidos através do aleitamento, o que também justificava a necessidade de formar mulheres moralmente capazes de desenvolver tal tarefa.

Diante da cena observada, a brasileira decidiu permanecer mais algum tempo na aldeia para auxiliar nos cuidados com a criança encontrada debilitada e também “para melhor estudar esses hábitos que, embora enojantes, me interessam”.<sup>357</sup> Informa que sua companheira de viagem retornou em seguida para Paris, a fim de tentar convencer o genro a resgatar o menino e que a cena vivenciada por ambas a sensibilizou apenas por se tratar de seu neto. Mas, para Nísia Floresta, “cenas desse tipo, por serem novíssimas para mim, causavam-me não menos surpresa do que horror”.<sup>358</sup>

A autora segue a narrativa em primeira pessoa, relatando suas experiências naquela aldeia, as crianças que lá residiam e as conversas com as amas responsáveis por elas. E destaca que o quadro observado lhe despertou o interesse em escrever sobre o sagrado dever materno. Nísia Floresta culpa a descrença como causa principal dos horrores observados, descrença oriunda da educação. Afirma:

A educação moral, de que tenciono aqui falar, falta geralmente por toda parte; por toda parte é esboçada, não sendo em parte alguma levada a cabo. Daí a origem e a causa capital de todos os males morais que afligem, e afligirão ainda por muito tempo o gênero humano.<sup>359</sup>

Nísia Floresta ressalta novamente a importância de promover uma educação moral para as mulheres, denunciando que, apesar de muito discutida, é dificilmente constatada na prática. A prova estava nas situações observadas na referida viagem. A precariedade da educação das mulheres causava danos para a humanidade e não somente para o gênero feminino. A moral defendida pela escritora estava ligada indissociavelmente à religião. A escritora segue ressaltando o que seria ser mãe dentro de uma concepção moral:

---

<sup>357</sup> FLORESTA, 1997, p. 93.

<sup>358</sup> FLORESTA, 1997, p. 95.

<sup>359</sup> FLORESTA, 1997, p. 111.

Mãe! Esta, ó mulheres, esta é a um só tempo a vossa mais doce, mais nobre, mais relevante obra a cumprir. Ser mãe, no sentido moral, não consiste em se ter filhos, mas em saber bem educá-los, procurando desenvolver convenientemente seus corações, dirigir as suas boas disposições, pôr todo cuidado nessas plantinhas que o Ser supremo vos confia, e de desembaraçá-las atentamente das ervas daninhas que desabrocham ao seu redor. <sup>360</sup>

Nísia Floresta reforça o discurso dominante que buscava a valorização da maternidade através do ideal de felicidade individual e familiar. A plenitude de ser mulher estava relacionada com a maternidade que, nas palavras da escritora, ia além de ter filhos, envolvia amamentar, educar, e outras práticas com os filhos. Entre as vantagens de assumir a maternidade enquanto missão natural, estava conquistar a admiração dos filhos, da sociedade e do marido.

Badinter destaca que tais discursos são encontrados especialmente na escrita do século XVIII, prevalecendo em momentos posteriores. Dentre os escritores citados, está Rousseau <sup>361</sup> que defendeu que a amamentação oferecia às mulheres o carinho dos filhos e a fidelidade do marido. Quando as mulheres resistiam aos argumentos de beleza e felicidade, Rousseau lhes oferecia a glória; o respeito do público. <sup>362</sup>

Nísia Floresta ressalta o fortalecimento da união entre marido e mulher diante do nascimento de um filho, como é possível constatar:

Um filho é o mais forte e mais duradouro liame que une o homem à mulher. Quantas entre vós gozam ainda da estima dos próprios maridos, por nada mais senão porque um filho redobra a corrente que os une a vós, e que vossas atitudes não souberam dourar, apertando-a sempre mais, como podereis ter feito desde o princípio. <sup>363</sup>

E o laço seria ainda mais forte se a mulher assumisse as devidas responsabilidades maternas:

Quanto mais, ainda, não obtereis se, mãe na plena acepção do termo, guardando junto a vós esses anjos tutelares dos muros domésticos, apresentásseis a cada dia ante os olhos do pai deles o eloquente quadro das ternas solitudes, e da sabedoria com que zelais pela sua educação física e moral? <sup>364</sup>

<sup>360</sup> FLORESTA, 1997, p. 111.

<sup>361</sup> Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): escritor e filósofo francês. Colaborador do movimento enciclopedista. Dentre as suas obras estão: *Júlia ou a nova Heloísa* (1761), *O contrato social* (1762) e *Emílio ou Da educação* (1762), onde discorre sobre os males morais de uma educação deficiente. Cf.: ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf>>. Acesso em 12 de julho de 2016.

<sup>362</sup> BADINTER, 1985, p. 193.

<sup>363</sup> FLORESTA, 1997, p. 141.

<sup>364</sup> FLORESTA, 1997, p. 141.

Nísia Floresta afirma que a mulher é onipotente sobre o homem desde que saiba como prendê-lo e que para fazer isso basta que seja uma boa mãe. Recomenda: “começais por não confiar a ninguém vossas crianças, e ide formando nelas um coração terno sem fraqueza, uma mente sólida sem orgulho, uma crença sincera, fervorosa, iluminada”.<sup>365</sup>

A autora reforça o ideal de mãe enquanto preceptora dos filhos, responsável pela sua educação e formação intelectual e moral. Caberia a ela incentivar o cultivo de virtudes em suas filhas, preparando-as para desempenhar adequadamente as funções para as quais foram criadas. As mães deveriam agir amorosamente, sendo simples, francas, autênticas, justas e modestas, especialmente diante dos filhos para lhes servirem de exemplo. Deveriam, ainda, mostrar o trabalho como “manancial de todos os bens, como uma grande e nobre virtude que supera todas as dificuldades para revelar ao homem o único porvir digno dele”.<sup>366</sup>

Assim, Nísia Floresta prescreve comportamentos, sentimentos e funções específicas a serem desempenhadas pelas mulheres com o objetivo de promover a regeneração moral da sociedade e o progresso de todos os homens. A mulher, de acordo com ela, seria peça fundamental em qualquer projeto que intencione uma transformação social. Mas sua contribuição estava diretamente ligada ao grau de educação recebida.

A escritora sintetiza a tríplice função feminina em seu *Opúsculo*. Destaca:

Filhas, elas respeitam seus pais, lamentando no silêncio d’alma suas faltas, seus crimes, se os cometem, sem que a mais ligeira censura lhes escape dos lábios. Esposas, seu coração se compenetra religiosamente de seus deveres, e folgam de sacrificar a seus esposos toda a ventura de sua vida, antepondo à sua inconstância ou à sua dureza a incessante prática das virtudes domésticas. Mães, dirigem com perseverante zelo a educação de seus filhos, afastando-os dos cardos que lhes juncam o trânsito da primeira mocidade, e chorando seus desvios quando não podem deles preservá-los.<sup>367</sup>

Sem educação adequada, as mulheres permaneceriam escravas das vontades masculinas, incapazes de desenvolver suas virtudes. Reconhecendo a influência exercida pela mulher sobre o homem, a escritora reitera a necessidade de reformar a educação feminina para então reformar o homem. A mulher, agindo no ambiente doméstico, influenciando os homens ao seu redor, estaria consequentemente agindo sobre o espaço público, dominado pelo sexo masculino.

---

<sup>365</sup> FLORESTA, 1997, p. 143.

<sup>366</sup> FLORESTA, 1997, p. 147.

<sup>367</sup> FLORESTA, 1989, p. 104.

## 5 Quando projetos se cruzam: os encontros intelectuais de Nísia Floresta

Nísia Floresta não estava sozinha em suas reivindicações. A mulher e sua natureza eram alvos de constantes debates por parte dos médicos, naturalistas e filósofos, principalmente a partir do século XVIII. O início dos oitocentos recupera as questões

levantadas no século anterior a respeito do direito das mulheres e da relação entre homem e mulher.<sup>368</sup>

Em seus escritos, Nísia Floresta evidencia suas leituras e sua inserção nos referidos debates e, também, esclarece as possíveis influências na construção de seus argumentos. Duas figuras importantes se revelam de maneira frequente na obra da brasileira, a saber, Mary Wollstonecraft e Augusto Comte. A primeira escreveu *Reivindicação dos direitos das mulheres*, a quem Nísia Floresta atribuiu sua “tradução livre” de *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, em 1832. Com Comte, Nísia Floresta trocou correspondências entre os anos de 1856 e 1857, anos após frequentar a conferência do Curso de História Geral da Civilização, oferecida pelo filósofo.<sup>369</sup>

Explicada a relação entre eles, é relevante, para a compreensão do projeto elaborado e defendido por Nísia Floresta, analisar a possível influência desses filósofos nos argumentos da brasileira em defesa da educação feminina. Isso é possível a partir do exame das obras de Nísia Floresta juntamente com a obra supracitada de Mary Wollstonecraft e o *Catecismo Positivista* de Augusto Comte, bem como as correspondências trocadas entre ele e a brasileira.

## 5.1 A tradução livre

O primeiro livro de Nísia Floresta, *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, é objeto de debates a respeito da autoria original da obra, bem como o que deu à autora o posto de primeira feminista do Brasil, pois não existem obras conhecidas que tratem dos direitos femininos antes desta publicação. A esse respeito Adauto da Câmara afirma:

Nísia Floresta foi, no Brasil, a precursora da reabilitação social da mulher. Toda a sua obra de escritora e de educadora revela sua paixão por este ideal, a que se consagrou desde os 23 anos, quando traduziu o livrinho de Mrs. Godwin. Seu feminismo era então restrito à elevação da mulher pela instrução, pela educação e pelo trabalho. Os objetivos políticos teriam que vir depois [...].<sup>370</sup>

É necessário ressaltar que o feminismo do qual Nísia Floresta é apontada como representante é bem diferente do que conhecemos atualmente pelo termo. A autora não defendia a emancipação feminina do lar doméstico, mas, sim, a emancipação intelectual da

<sup>368</sup> FRAISSE, 1991, p. 60-61.

<sup>369</sup> DUARTE, 2002, p. 18.

<sup>370</sup> CÂMARA, 1941, p. 79.

mulher, que ela tivesse direito a instrução e educação para ocupar seu lugar na sociedade como instrumento do progresso da humanidade.

Nesse livro, Nísia Floresta questiona a ideia de que as mulheres são, por sua natureza, inferiores aos homens, estando elas destinadas a servi-los e serem usadas por eles de acordo com suas vontades. A obra é citada geralmente como referência ao feminismo e emancipação da mulher.

No entanto a obra ganhou visibilidade diante da afirmação de Maria Lúcia Pallares-Burke, no artigo *A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta*,<sup>371</sup> de que a obra seria um plágio. A autora argumenta que o texto que Nísia Floresta atribuiu a Mary Wollstonecraft é, na verdade, de 1739 e foi escrito por Sophia, pseudônimo de Mary Wortley Montagu. Com o título de *Woman not inferior to man*, Sophia trazia em seu texto trechos que copiou de outro autor, François Poulain de La Barre, da obra *De l'égalité des deux sexes* de 1673. Sendo assim, segundo Maria Lúcia, *Direito das mulheres e injustiça dos homens* seria plágio de outro texto que também havia plagiado outro autor.

Maria Lúcia sugere que o motivo do plágio seria a incapacidade de Nísia expressar suas próprias concepções. Afirma; “Incapaz de, por si só, desenvolver oposição articulada a um sistema opressor, Nísia teria encontrado no livreto de Sophia a argumentação crítica e construtiva que buscava”.<sup>372</sup> Quanto à atribuição do texto a Mary Wollstonecraft, Maria Lúcia aponta que a escolha de Nísia foi pautada na admiração que tinha pela autora inglesa e, também, para agregar o prestígio que os textos e ideias inglesas carregavam na época.

Constância Lima Duarte discorda de Maria Lúcia. No artigo *Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft: diálogo ou apropriação*,<sup>373</sup> contesta as conclusões da autora. A primeira crítica de Duarte diz respeito ao que ela chama de perspectiva redutora e ingênua, pois segundo ela, Maria Lúcia teria analisado *Direito das mulheres e injustiça dos homens* sob um olhar anacrônico.<sup>374</sup>

Ressalta que o conceito de plágio não era concebido tal como atualmente e que era prática comum autores transcreverem trechos ou até integralmente textos de outros escritores, assim como elaborarem textos com suas próprias conclusões e reflexões a respeito de um texto dito original. Para Duarte, os termos utilizados por Maria Lúcia são inapropriados, uma

<sup>371</sup> PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *A Mary Wollstonecraft que o Brasil conheceu, ou a travessura literária de Nísia Floresta*. In: PALLARES-BURKE, Maria Lucia. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradição cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

<sup>372</sup> PALLARES-BURKE, 1996, p. 185.

<sup>373</sup> DUARTE, Constância Lima Duarte. *Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft: diálogo ou apropriação? O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte, v. 7, p. 153-161, 2001.

<sup>374</sup> DUARTE, 2001, p. 154-155.

vez que plágio sugere apenas uma cópia e incapacidade daquele que copia e “travessura literária sugere explicitamente um gesto infantil, uma brincadeira impensada, o resultado de um ato inconsequente”.<sup>375</sup>

Duarte afirma que, ao se apropriar e adaptar as ideias que circulavam a respeito da condição social da mulher, Nísia Floresta intencionava aquilo que foi o projeto que permeou todas as suas obras; trazer esclarecimentos para as mulheres, e que partindo deles, lhe fosse possível interferir na sociedade da época. Nísia procurou adaptar a linguagem veiculada no exterior para outra inteligível na realidade social em que se encontrava.

Aponta o uso da expressão “tradução livre” e a identificação de Mary Wollstonecraft como Mrs. Godwin como recursos utilizados por Nísia Floresta para desviar-se dos ataques que a autora inglesa costumava sofrer. Duarte apresenta a seguinte conclusão:

Por tudo isto, sou favorável a uma outra leitura do episódio, bem diferente da realizada pela ensaísta, que não alcançou a dimensão do gesto nem a astúcia criadora de Nísia Floresta, vendo aí apenas uma ‘travessura’ inconsequente. Nísia apropriou-se, sim, das ideias dominantes na Europa de seu tempo, demonstrando com isto o quanto as conhecia, apesar de residir tão distante [...]. Antes de ser considerada ‘plágio’, tal atitude constitui-se num gesto de legítima defesa; numa *apropriação* e numa *desconstrução* de escritos europeus realizadas da perspectiva da *periferia*, visando à construção de um *outro texto*. Ela se apropria dos discursos de Poulain de La Barre e de Catão (manifestações distintas do discurso masculino europeu) para contestar o mesmo discurso masculino, desta vez brasileiro. O gesto de Nísia teve, sim, uma intencionalidade, e esta intencionalidade, já o dissemos, consistia em denunciar as injustas relações sociais de gênero existentes em seu tempo.<sup>376</sup>

Nathalie Bernardo da Câmara, em notas da tradução da obra *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas*,<sup>377</sup> de Nísia Floresta, apresenta argumentos esclarecedores para o respectivo debate. Afirma que, instigada pela polêmica envolvendo as duas autoras supracitadas, foi em busca de informações a respeito do assunto na Biblioteca Nacional da França, onde teve acesso ao texto da escritora e pesquisadora Camille Garnier, que corrobora as opiniões de Maria Lúcia.

Sendo assim, Nísia Floresta teve, provavelmente, contato com a obra que primeiramente foi escrita por François Poulain de La Barre. A versão de Sophia foi traduzida em 1750 e 1751 por Phelippe-Florent de Puisieux. Não é possível precisar qual das duas publicações chegou às mãos de Nísia Floresta, mas é evidente que *Direito das mulheres e injustiça dos homens* não foi uma tradução do livro de Mary Wollstonecraft, mas de Sophia.

<sup>375</sup> DUARTE, 2001, p. 155.

<sup>376</sup> DUARTE, 2001, pág. 159-160.

<sup>377</sup> CÂMARA, Nathalie Bernardo. Notas comentadas da tradutora. In: FLORESTA, Nísia. *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

No entanto, a escolha de Nísia Floresta pelo nome de Mary Wollstonecraft enquanto autora da obra original de sua “tradução livre” é significativa para o conhecimento das leituras realizadas pela brasileira e, também, das relações intelectuais que estabeleceu. Nísia Floresta se insere no debate a respeito da igualdade entre homens e mulheres e reivindica direitos até então negados ao sexo feminino e, conseqüentemente, dialoga com autores estrangeiros.

A relação intelectual que Nísia Floresta estabeleceu com a obra da filósofa inglesa, *Reivindicação dos direitos das mulheres*, é evidenciada com a leitura de *Direito das mulheres e injustiça dos homens* e *Opúsculo humanitário* da brasileira. Duarte destaca pontos em comum entre as autoras e as obras:

Em sua essência, os *Direitos das mulheres* de Nísia Floresta se encontra com os *Rights of woman* de Mary Wollstonecraft, tanto na denúncia da mulher como classe oprimida como na reivindicação de uma sociedade mais justa, em que ela seja respeitada e tenha os mesmos direitos. Também são pontos comuns as denúncias da superioridade masculina apoiada na força física, a educação como meio eficaz de promoção feminina e aparato filosófico de feição iluminista. No mais, os textos se distanciam tomando cada qual o seu rumo, segundo as motivações das autoras, o público a que se destinavam e as peculiaridades da condição feminina num e noutro lugar.<sup>378</sup>

As diferenças entre os textos são compreendidas quando conhecemos a origem da tradução livre de Nísia Floresta. Ainda que se trate de textos distintos, Nísia Floresta evidencia em seu *Opúsculo* concordar com parte do projeto erguido por Mary Wollstonecraft. Ambas propunham uma revolução social que contemplasse o sexo feminino, modificando o lugar ocupado pelas mulheres.

Em *Direitos das mulheres*, Nísia Floresta reivindica a igualdade entre os sexos, chegando a sugerir que as mulheres, em relação a sua função social, seriam superiores aos homens:

Todos sabem, nem se pode negar, que os homens olham com desprezo para o emprego de criar filhos e que é isto, às suas vistas, uma função baixa e desprezível, mas se consultassem a Natureza nesta parte, sentiriam sem que fosse preciso dizer-lhes, que não há no Estado Social um emprego que mereça mais honra, confiança e recompensa. Basta atender às vantagens que resultam ao gênero humano para convir-se nisto; eu não sei se até por esta razão unicamente, as mulheres não mereceriam o primeiro lugar na sociedade civil.<sup>379</sup>

Nísia Floresta defende a valorização da mulher em sociedade e seu direito à razão. A escritora apresenta argumentos que contestam a inferioridade feminina enquanto natural,

<sup>378</sup> DUARTE, Constância Lima. Nos primórdios do feminismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

<sup>379</sup> FLORESTA, 1989, p. 36.

analisando se há alguma diferença entre os sexos que justifiquem a tirania masculina.<sup>380</sup> O seu principal objetivo é comprovar que a inferioridade feminina resulta da ignorância reservada ao seu sexo, uma vez que a educação lhe era negada.

Objetivo semelhante compõe a obra de Mary Wollstonecraft. No entanto, tece seus argumentos em torno da realidade inglesa e estabelece diálogo com importantes escritores da época.<sup>381</sup> Direcionou seu tratado para Charles M. Talleyrand-Périgord, mas intencionava ser compreendida por homens e mulheres leitores. A escritora afirma:

É, portanto, uma afeição por toda a raça humana que faz com que a minha caneta corra rapidamente para acompanhar o que eu acredito ser a causa da virtude: e a mesma razão me leva a desejar fortemente ver a mulher posicionada em um lugar que ela possa avançar, em vez de retardar, no progresso dos gloriosos princípios que dão substância à moralidade.<sup>382</sup>

Apesar de objetivos comuns, a construção do texto é diferente. Enquanto Nísia Floresta direciona sua análise aos argumentos utilizados pelos homens para reforçar a inferioridade feminina, Mary Wollstonecraft ressalta os comportamentos femininos e os motivos de seu atraso, concebendo a educação até então oferecida às mulheres como a causa dos males morais que afligiam o seu sexo.

Na conclusão de ambas as obras, é possível destacar outra diferença: Nísia Floresta se mostra menos radical que Mary Wollstonecraft, ao afirmar que não pretende mudar a ordem das coisas:

De quanto tenho dito até o presente não tem sido com a intenção de revoltar pessoa alguma de meu sexo contra os homens, nem de transformar a ordem presente das coisas, relativamente ao Governo e autoridade. Não, fiquem as coisas no seu mesmo estado: eu pretendo somente fazer ver, que meu sexo não é tão desprezível como os homens querem fazer crer, e que nós somos capazes de tanta grandeza d'alma como os melhores desse sexo orgulhoso; e estou mesmo convencida que seria mais vantajoso para os dois sexos pensar desta maneira.<sup>383</sup>

Já Mary Wollstonecraft afirma:

Que as mulheres atualmente são tornadas, por ignorância, tolas ou viciosas, não é, penso eu, para ser disputado; e que os efeitos mais salutares que tendem a melhorar a humanidade podem ser esperados por meio de uma REVOLUÇÃO nas maneiras das mulheres, parece, ao menos, com uma chance de probabilidade, se originar da observação.<sup>384</sup>

<sup>380</sup> FLORESTA, 1989, p. 32.

<sup>381</sup> No capítulo V de *Reivindicações dos direitos das mulheres*, Wollstonecraft examina a opinião de escritores como Rousseau, James Fordyce, John Gregory, Chesterfield. Cf.: WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 117-166.

<sup>382</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 20.

<sup>383</sup> FLORESTA, 1989, p. 89.

<sup>384</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 268.

Assim, é certo que existem aproximações e distanciamentos entre os dois textos, não se tratando de uma simples adaptação feita pela brasileira. No entanto Nísia Floresta demonstrou, anos mais tarde, ter afinidade com o projeto defendido por Mary Wollstonecraft, especialmente em seu *Opúsculo humanitário*, onde elaborou um projeto de crítica à educação feminina no Brasil e defendeu a necessidade de reformar o ensino ministrado às mulheres.

## 5.2 O projeto em comum

Mary Wollstonecraft nasceu em Londres em 1759. Teve acesso a uma educação considerável, apesar de fazer parte de uma família empobrecida. Chegou a fundar uma escola com sua irmã em 1784. Morou em diversos lugares, tais como Hoxton, País de Gales, Bath, Islington, Newington Green e Lisboa.<sup>385</sup> Seu primeiro livro, *Thoughts on the education of daughters*, foi publicado em 1787 e a manteve financeiramente por um curto período após o fechamento da escola. Nesse mesmo ano, ocupou a posição de crítica e tradutora, o que permitiu o contato com outros livros.<sup>386</sup>

Daniel Miranda destaca que “sua falta de educação formal compensada pelas leituras vorazes e pelo talento como tradutora e crítica literária”.<sup>387</sup> As leituras de Mary Wollstonecraft são percebidas em sua obra *Reivindicação dos direitos das mulheres*, onde dialoga com Rousseau, Adam Smith, John Milton, Francis Bacon, Alexandre Pope, James Fordyce, James Hervey, dentre outros.

A presença feminina em jornais era rara, de acordo com Nina Rattner Gelbart,<sup>388</sup> mas não insignificante. Na França e Inglaterra essa presença foi mais numerosa. Ser mulher e jornalista configurava um desafio diante das diferenças sexuais. A autora destaca que:

Na Europa da Idade Moderna, as mulheres jornalistas eram raras. Precisavam de uma coragem extraordinária, pois optavam por ter uma carreira profissional numa época que não sancionava tal coisa. Ou seja, elas esperavam poder exercer uma profissão que fosse de forma independente e com dignidade e serem levadas a sério pelos seus contemporâneos de ambos os sexos. O dinheiro não era a sua única motivação, embora aspirassem ganhar a vida honradamente. Estavam determinadas a provar a sua capacidade, e dessa forma angariar e conservar adeptos para sua causa. Mas

<sup>385</sup> MIRANDA, Daniel M. Brevíssima contextualização histórica e biográfica. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015, p. 9.

<sup>386</sup> MIRANDA, 2015, p. 10.

<sup>387</sup> MIRANDA, 2015, p. 10.

<sup>388</sup> GELBART, Nina Rattner. As mulheres jornalistas e a imprensa nos séculos XVII e XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

numa época em que a sociedade exigia que as mulheres fossem úteis apenas na esfera doméstica e reprodutora, ou que tivessem um papel apenas decorativo, esta espécie de ambição feminina ia contra todas as regras.<sup>389</sup>

Mary Wollstonecraft casou-se com o americano Gilbert Imlay, com quem teve uma filha em maio de 1794, chamada Fanny. Em 1796, a escritora inglesa separou-se de Imlay e engatou uma relação com William Godwin, com quem casou em 1797. Dessa união, nasceu Mary Wollstonecraft Godwin, autora de *Frankenstein*, e no mesmo ano, após complicações no parto, a escritora inglesa faleceu aos 38 anos.<sup>390</sup> A respeito da ousadia da filósofa inglesa, Gay afirma que:

A despeito de toda a sua habilidade e talento forenses, Wollstonecraft era escandalosa demais para fazer qualquer seguidor. Leitora voraz e com um raciocínio lógico formidável, ela reuniu muitas experiências não convencionais em sua curta vida. Afastou-se da esfera que lhe estava destinada, escrevendo romances e – muito pior – tratados polêmicos, teve um filho fora do casamento [...]. Não era vida que uma mulher respeitada de classe média devesse levar.<sup>391</sup>

A trajetória pessoal e intelectual de Mary Wollstonecraft é possibilitada pelas transformações sociais e políticas ocorridas na Europa naquele período. Miranda destaca alguns acontecimentos importantes que modificaram a sociedade europeia e, também, suas necessidades:

A época de Wollstonecraft testemunhou várias revoluções. A Guerra dos Sete Anos (1756-1763), a Guerra da Independência dos EUA (1775-1783) e a Revolução Francesa (1789- 1799). O absolutismo inglês já havia acabado no fim do século anterior com a Revolução Gloriosa (1688-1689) e a destituição do rei católico, Jaime III da dinastia Stuart; substituído pelo protestante Guilherme III, príncipe de Orange, da Holanda. [...] O absolutismo era um obstáculo para a burguesia e para os proprietários de terra. Sua remoção trouxe grande prosperidade para essas duas classes e possibilitou as rápidas renovações manufatureiras do século XVIII.<sup>392</sup>

A Revolução Francesa e a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão também incidiram diretamente sobre o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade. A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã, mesmo não sendo aprovada e levando à morte quem a elaborou, Olympe de Gouges, fomentou o debate quanto aos direitos até então negados ao sexo feminino. A este respeito, Gay destaca que:

Alguns dos principais combatentes reconheceram que também as mulheres haviam sido suas vítimas e beneficiárias. Millicent Garret Fawcett, uma das

<sup>389</sup> GELBART, 1991, p. 497.

<sup>390</sup> MIRANDA, 2015, p. 11-12.

<sup>391</sup> GAY, 2001, p. 306.

<sup>392</sup> MIRANDA, 2015, p. 8.

primeiras e mais determinadas sufragistas inglesas, julgava, depois de décadas nas trincheiras, que o movimento das mulheres ‘deve ser encarado como um dos resultados das transformações da mentalidade humana de que a Revolução Francesa foi a mais portentosa manifestação. O despertar do espírito democrático, a rebelião contra a autoridade, a proclamação dos direitos dos homens foram quase que necessariamente acompanhados pelo crescimento de um novo ideal referente à posição das mulheres, pelo reconhecimento mais ou menos definido e consciente, dos direitos das mulheres’. Após 1789, a vida das mulheres jamais seria a mesma.<sup>393</sup>

No entanto as transformações foram lentas, e a participação de mulheres como Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft, dentre tantas outras, foi importante para consolidar os direitos das mulheres. Mas, à medida que tais reivindicações surgiam, houve o reforço dos discursos que valorizavam a domesticidade da mulher. Os maridos eram incentivados para que mantivessem suas esposas no ambiente doméstico.<sup>394</sup>

Ainda se questionava a natureza feminina, sua função social e sua capacidade intelectual. No campo filosófico, a mulher é entendida enquanto metade que só poderia estar completa diante da união com o homem. A esse respeito, Michèle Crampe-Casnabet explica que “o termo metade deve ser antes tomado num sentido funcional: a mulher coopera na reprodução da espécie, é esposa e mãe, filha e irmã; ela possui um estatuto na família e na sociedade”.<sup>395</sup>

É possível identificar que o papel social da mulher estava limitado à serventia ao sexo oposto. O exemplo de mulheres como Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft, cada uma a seu tempo e em seu espaço específico, também desafia a concepção da inferioridade intelectual da mulher. Assim, “elas estão excluídas do gênio, ainda que possam ter acesso à literatura e a certas ciências: esta incapacidade é baseada numa psicologia natural. A mulher é o ser da paixão e da imaginação, não do conceito”.<sup>396</sup>

O desafio era, primeiramente, provar a existência de racionalidade nas mulheres. Mary Wollstonecraft escreve com a intenção de provar não somente a existência da razão para mulheres, mas que a educação seria o caminho para garantir o uso correto da razão feminina em benefício da humanidade, como afirma:

Lutando pelos direitos das mulheres, meu argumento principal é construído nesse simples princípio, que, se ela não for preparada pela educação para se tornar companhia do homem, ela impedirá o progresso do conhecimento e da

<sup>393</sup> GAY, 2001, p. 292.

<sup>394</sup> GAY, 2001, p. 293.

<sup>395</sup> CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 372.

<sup>396</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 386.

virtude; porque a verdade deve ser comum a todos, ou então será ineficaz em relação a sua influência na prática geral. E como se espera que a mulher coopere sem que ela saiba por que deve ser virtuosa?<sup>397</sup>

Esse também é o ideal que levou Nísia Floresta a elaborar seu *Opúsculo*, um tratado em defesa da educação feminina. A brasileira explicita sua intenção ao escrever:

Não nos embala a vã pretensão de operar uma reforma no espírito de nosso país. Por demais sabemos que muitos anos, séculos talvez, serão precisos para desarraigar herdados preconceitos a fim de que uma tal metamorfose se opere. Esperamos somente que os zelosos operários do grande edifício da civilização em nossa terra atentem para os exemplos que a História apresenta do quanto é essencial aos povos, para firmarem a sua verdadeira felicidade, o associarem a mulher a esse importante trabalho.<sup>398</sup>

Dessa maneira, fica evidente que ambas acreditavam que a associação entre homens e mulheres garantiria a felicidade da humanidade e o seu progresso. No entanto, a brasileira diferencia o seu projeto daquele defendido por Mary Wollstonecraft. Afirma: “mas deixemos a Wollstonecraft, Condorcet, Sièyès, Legouvé, etc. a defesa dos direitos do sexo. A nossa tarefa é outra, e cremos que mais conveniente será às sociedades modernas: a educação da mulher”.<sup>399</sup>

É possível verificar que as diferenças entre os projetos de ambas são menores do que acreditava Nísia Floresta e, também, que a brasileira era uma leitora de Mary Wollstonecraft. As discussões em torno da educação feminina tornaram-se intensas a partir do século XVIII, “um tema de reflexão em moda”,<sup>400</sup> e permaneceu em pauta durante todo o século XIX. Portanto, era um tema comum à realidade das duas autoras. A este respeito, Martine Sonnet afirma:

As Luzes acreditam na pedagogia. É-lhe conferido o poder de moldar um ser social novo, despojado dos preconceitos antigos e revestido dos novos princípios. Esta evolução parece, no entanto, comprometida enquanto as mulheres receberem uma educação tão aleatória. Mães dos homens novos, elas serão também suas primeiras educadoras e deterão por isso o segredo de uma regeneração duradoura.<sup>401</sup>

Assim, Mary Wollstonecraft defende a educação e a razão feminina em uma sociedade que questiona a validade desses preceitos. E vai mais longe quando reivindica a educação para benefício da mulher, para garantir a própria felicidade e não somente para agradar aos homens

<sup>397</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 21.

<sup>398</sup> FLORESTA, 1989, p. 45.

<sup>399</sup> FLORESTA, 1989, p. 29.

<sup>400</sup> SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 148.

<sup>401</sup> SONNET, 1991, p. 148.

ou para servi-los, como era comum naquele momento, uma vez que “a mulher não tem acesso ao conhecimento para si mesma, mas para tornar a sua presença agradável aos que a rodeiam. Decididamente, ela não é feita para o saber, mas para o prazer e o bem-estar do marido e dos filhos”.<sup>402</sup>

Mary Wollstonecraft critica o estágio da educação feminina de seu tempo, que reforçava a inferioridade das mulheres, bem como o casamento enquanto principal objetivo da existência feminina e seu único lugar de atuação, como é possível observar:

A educação das mulheres tem, atualmente, sido mais frequente que antes; no entanto, elas continuam sendo consideradas um sexo frívolo, e ridicularizadas ou vistas com pena por escritores que se empenham por sátira ou instrução, melhorá-las. É reconhecido que elas passam muitos dos primeiros anos de sua vida adquirindo uma pequena parcela de realizações; ao mesmo tempo, o fortalecimento da mente e do corpo são sacrificados em nome de noções libertinas de beleza, no desejo de se estabelecerem – a única forma que as mulheres podem subir no mundo – pelo casamento.<sup>403</sup>

De acordo com a escritora inglesa, o casamento transformava as mulheres em animais e as levava a agir como crianças. Indaga, com indignação: “Certamente esses seres fracos só servem para um harém! Podemos esperar que elas governem uma família com discernimento, ou tomem conta dos pobres bebês que elas trazem ao mundo?”<sup>404</sup>

A educação defendida por ela estava, portanto, ligada ao papel social que a mulher desempenhava naquele período. Nísia Floresta também reivindicava a educação para mulheres considerando o lugar ocupado por elas em sociedade e sua função como filha, esposa e mãe. A brasileira afirma que:

A falta de uma boa educação é a causa capital que contribui para que a mulher, no meio da corrupção da sociedade, perca esse norte, o qual não é outro mais que a moral. [...] Todos os que têm escrito sobre a educação da mulher, pregando tão errôneas doutrinas e considerando-a debaixo do ponto de vista puramente material, não tem feito mais que tirar-lhe toda a dignidade de sua natureza. Mulheres assim educadas seriam próprias para fazer as delícias de um harém, mas cremos que nenhuma de nossas brasileiras amará semelhante existência, a não ser a que é indigna de outra mulher.<sup>405</sup>

Nísia Floresta, assim como Mary Wollstonecraft, destaca o descaso com a educação feminina por parte dos estudiosos que se ocupavam do assunto e considera, de forma irônica, que as mulheres educadas precariamente serviriam apenas para preencherem um harém. Tal

---

<sup>402</sup> SONNET, 1991, p. 151.

<sup>403</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 29.

<sup>404</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 29.

<sup>405</sup> FLORESTA, 1989, p. 61.

correspondência entre os pensamentos expostos reitera a influência da escritora inglesa sobre a brasileira.

As mulheres tinham acesso à educação, também, para se tornarem melhores companhias para os homens, como destaca Sonnet: “Haveria pelo menos que ensinar qualquer coisa mais às futuras esposas dos letrados, para que elas pudessem compreender e manter uma conversa”.<sup>406</sup> Recebendo uma educação falha, tais mulheres não poderiam alcançar o reconhecimento social nem mesmo dos seus parceiros.

Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft recomendam uma educação que transforme a mulher de serva em companheira do homem. A escritora inglesa critica fortemente a visão de que a educação feminina deve ser subjugada aos interesses masculinos, muitas vezes ligados à paixões sensuais. Afirma:

Porém, não contentes com sua preeminência natural, os homens se empenham em nos afundar ainda mais, meramente para nos tornar objetos atraentes por um momento; e as mulheres, intoxicadas pela adoração que os homens, sob influência de seus sentidos, prestam a elas, não buscam obter um interesse durável em seus corações, ou de se tornarem amigas de seus semelhantes que encontram deleite em sua sociedade.<sup>407</sup>

Nísia Floresta também manifesta sua indignação perante o descaso proposital para com a educação feminina. Destaca:

Repelindo com profunda indignação o princípio daqueles que apresentam a mulher naturalmente inclinada a fixar a atenção do homem pelas graças exteriores, incapaz de reflexão e apta somente para oferecer-lhe agradáveis passatempos, fazemos justiça à maioria dos nossos contemporâneos para pensar que, não eles, mas somente os libertinos podem assim agredir os domínios da razão e profanar a dignidade da virtude.<sup>408</sup>

A virtude é um assunto caro às duas escritoras. Ambas reconhecem que somente a virtude pode restaurar a humanidade e levá-la ao progresso. Portanto, era necessário conduzir uma educação que propiciasse o desenvolvimento das virtudes femininas, “essa poderosa regeneradora do espírito humano”.<sup>409</sup> No entanto Mary Wollstonecraft reclama que “as mulheres não são permitidas terem força de intelecto suficiente para adquirir o que realmente merece ser chamado de virtude”.<sup>410</sup> Assim, a inglesa define o que seria uma educação adequada:

Consequentemente, a educação mais perfeita de todas, em minha opinião, é tanto um exercício do entendimento como é voltada para fortalecer o corpo e

<sup>406</sup> SONNET, 1991, p. 141.

<sup>407</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 26.

<sup>408</sup> FLORESTA, 2015, p. 64.

<sup>409</sup> FLORESTA, 1989, p. 69.

<sup>410</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 41.

formar o coração. Ou, em outras palavras possibilitar ao indivíduo que adquira tais hábitos de virtude, pois irão torná-lo independente.<sup>411</sup>

Outro ponto comum entre as duas obras é a crítica aos adornos e à vaidade feminina. Os discursos valorizando a beleza como principal qualidade das mulheres parecia oferecer uma alternativa contra os poderes masculinos. Yvonne Knibiehler destaca que a beleza “não é apenas útil para incitar o homem ao ato gerador, mas constitui também a arma específica, e legítima, do sexo fraco, que graças a ela pode compensar sua fraqueza tornando mais dócil o sexo forte”.<sup>412</sup>

Mary Wollstonecraft acreditava que a vaidade conduzia as mulheres a um estado infantil e de dependência aos homens. Defendia que a vaidade e os adornos constituíam uma prisão ao sexo feminino e explica que esse gosto seria incutido desde a infância, como é possível observar:

Ensinadas desde a infância que a beleza é o cetro da mulher, a mente se molda ao corpo, e, perambulando ao redor da jaula reforçada, apenas buscam adornar sua prisão. Os homens têm muitos empregos e buscas que engajam sua atenção, e dão um caráter à mente aberta; porém, as mulheres, confinadas em uma [só busca], e tendo seus pensamentos constantemente direcionados à parte mais insignificante delas mesmas, raramente estendem sua visão para além do triunfo do momento presente. Mas, se o seu entendimento alguma vez fosse emancipado da escravidão que o orgulho e a sensualidade do homem e seu desejo míope, como aquela dominação pelos tiranos, de influência presente, as sujeitaram, nós provavelmente deveríamos ler sobre sua fraqueza com surpresa.<sup>413</sup>

A indignação da escritora inglesa foi compartilhada, também, por Nísia Floresta. A brasileira acreditava que os discursos que valorizavam a fraqueza e a beleza feminina apenas endossavam a sujeição das mulheres aos homens. Afirma:

É um absurdo, pois, uma profanação mesmo, pretender-se que essa alma, obra-prima do Criador, [...] consagre o corpo que anima na rápida passagem desta vida, unicamente a fúteis adornos, a graças factícias, para deleitar as horas de ócio de uma criatura sua igual, que vemos ceder mais ao império dos sentidos que ao da razão. Todos esses princípios subversivos, espalhados com tanta profusão por penas mais ou menos hábeis de pretendidos melhoradores da educação da mulher, confirmando o antiquado e funesto prejuízo de que ela deve somente aspirar ao império das graças exteriores, só tem feito com que se aumente o número, já tão considerável, de escravas, procurando iludir despóticos ou fanáticos senhores a fim de haverem, pela fraude, um cetro que elas deveriam conquistar pela razão, se lhes deixassem a liberdade de aperfeiçoar as suas faculdades morais.<sup>414</sup>

<sup>411</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 44.

<sup>412</sup> KNIBIEHLER, Yvonne. *Corpos e corações*. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 352.

<sup>413</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 73.

<sup>414</sup> FLORESTA, 1989, p. 62.

Além de termos semelhantes, é importante observar como Nísia Floresta parece se apropriar dos argumentos já utilizados por Mary Wollstonecraft. Vivenciando uma realidade próxima, apesar das diferenças espaciais e até mesmo temporais entre ambas, as obras evidenciam o desejo de esclarecer que a capacidade intelectual feminina ultrapassava as aparências.

A diferença surge quando Nísia Floresta argumenta que a educação seria essencial para que as mulheres desenvolvessem adequadamente suas funções de filha, esposa e mãe, enquanto Mary Wollstonecraft vê na educação o caminho para felicidade individual da mulher. Afirma:

Conectadas aos homens como filhas, esposas e mães, seu caráter moral pode ser estimado por sua maneira de satisfazer essas tarefas simples; mas o fim, o grande fim de seu empenho, deve ser o desenvolvimento de suas próprias faculdades e a aquisição da dignidade da virtude consciente.<sup>415</sup>

Mary Wollstonecraft coloca a mulher no centro de suas reivindicações e defende que o maior benefício da educação para as mulheres seria a sua independência e o resgate de sua dignidade. Ela proclama que “é tempo de realizar uma revolução nas maneiras femininas – tempo de devolver a elas a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar para que se reformem e assim reformarem o mundo”,<sup>416</sup> e reforça: “eu não desejo que elas tenham poder sobre os homens; mas sobre si mesmas”.<sup>417</sup>

O protagonismo feminino é reivindicado por Nísia Floresta anos mais tarde. Se em *Direito das mulheres*, a jovem escritora declara que as mulheres possuem razão, chegava o tempo de tornar essa racionalidade útil para a humanidade. A mulher, ocupando as funções sociais que lhe cabiam, seria responsável pelo progresso da humanidade, desde que fosse devidamente educada.

Outro ponto criticado por Mary Wollstonecraft e por Nísia Floresta é a ideia de que a natureza feminina consistia em agradar aos gostos masculinos. Daí a concepção de que a principal qualidade de uma mulher é sua beleza, uma vez que através dela poderia garantir um bom casamento e uma boa posição social. Sobre esse pensamento masculino, Casnabet afirma que:

Desenvolveram-se então uma quantidade de discursos filosóficos que tratam a arte (natural?) das mulheres para agradarem, subjugar e, finalmente, dominarem. Assim pensam os homens, numa constante unanimidade. O

---

<sup>415</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 50.

<sup>416</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 74.

<sup>417</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 97.

homem não tem necessidade de agradar, basta-lhe existir para isso: é esta a lei da natureza.<sup>418</sup>

Contrariando tais discursos, Mary Wollstonecraft indaga:

Gracioso Criador de toda raça humana! Tenhas tu criado tal ser como a mulher, quem poderia acompanhar tua sabedoria em teu trabalho, e sentir que tu és sozinho por tua natureza exaltada acima dela, por nenhum propósito melhor? Ela deve acreditar que foi feita somente para se submeter ao homem, seu igual, um ser, que, como ela, foi mandado ao mundo para adquirir virtude? Ela deve consentir em se ocupar meramente para agradá-lo; meramente para adornar a terra, quando sua alma é capaz de se elevar até a ti? E ela deve descansar indolentemente dependendo do homem pela razão, quando deveria com ele escalar o precipício árduo do conhecimento?<sup>419</sup>

A escritora inglesa busca na crença em uma divindade, a justificativa para os verdadeiros fins da mulher em sociedade. Afinal, o Criador sendo sábio não teria feito a mulher sem uma função relevante, apenas para entreter e agradar aos homens. Mary Wollstonecraft deixa claro a sua posição: na busca pelo conhecimento, a mulher é companheira do homem, tendo os mesmos direitos que ele. Para ela, a busca pela aparência limita a conquista da razão feminina.<sup>420</sup>

Mary Wollstonecraft direciona seus argumentos para alguns filósofos e escritores de sua época, também citados por Nísia Floresta em seu *Opúsculo*. Dentre eles, estão Rousseau e John Gregory. A escritora inglesa dedica um capítulo de sua obra para rebater afirmações desses e de outros pensadores.

*Emílio*<sup>421</sup> é a obra de Rousseau explorada por Mary Wollstonecraft e é, também, uma de suas principais obras. Refere-se a um tratado pela educação dirigido às mães, como afirma ainda no prefácio que: “Esta coletânea de reflexões e de observações, sem ordem e quase sem sequência, foi iniciada para agradar a uma boa mãe que sabe pensar”.<sup>422</sup>

Contando a trajetória de Emílio e seu tutor, Rousseau aborda o que seria a educação ideal. A obra é dividida em cinco livros onde três discutem a infância do personagem, o quarto aborda sua adolescência e o quinto, a educação da mulher ideal, que viria a ser esposa de Emílio, Sofia.

O alvo de Mary Wollstonecraft é principalmente o quinto livro, que reúne os pensamentos do autor sobre a razão e a educação feminina. Rousseau afirma, por exemplo, que “a mulher é feita especialmente para agradar ao homem. Se o homem deve agradar-lhe

<sup>418</sup> CRAMPE-CASNABET, 1991, p. 384.

<sup>419</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 103.

<sup>420</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 113.

<sup>421</sup> ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio* ou da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

<sup>422</sup> ROUSSEAU, 1995, p. 5.

por sua vez, é necessidade menos direta: seu mérito está na sua força; agrada, já, pela simples razão de ser forte”.<sup>423</sup> Tal pensamento era contrário aos posicionamentos de Mary Wollstonecraft, aqui já explorados.

A escritora apresenta críticas a trechos específicos da obra de Rousseau e também à personalidade do escritor, como é possível observar abaixo:

Por que a vida de Rousseau foi dividida entre o êxtase e a miséria? Outra resposta poderia ser dada que não esta: que a efervescência de sua imaginação produziu ambas. Mas se sua fantasia tivesse sido permitida esfriar, é possível que ele tivesse adquirido mais força de intelecto. Além disso, se o propósito da vida é educar a parte intelectual do homem, tudo a seu respeito estará certo; mais ainda, se a morte não o tivesse guiado para um senso mais nobre de ação, é provável que ele tivesse aproveitado uma felicidade mais igualitária na terra, e teria sentido as sensações calmas do homem da natureza em vez de ser preparado por outro estágio de existência, nutrindo paixões que agitam o homem civilizado.<sup>424</sup>

Rousseau segue destacando a inferioridade feminina e a sua beleza como recurso para se igualar aos homens. Mary Wollstonecraft transcreve em sua obra as afirmações do filósofo:

A superioridade de discurso, peculiar ao sexo feminino é uma indenização bastante igualitária pelo sua inferioridade no ponto da força: sem isso, a mulher não seria a companheira do homem; mas o seu escravo: é por meio de sua arte superior e ingenuidade que ela preserva sua igualdade, e o governa enquanto se afeiçoa para obedecer. A mulher tem tudo contra ela, assim como nossas falhas, assim como sua timidez e fraqueza; ela não tem nada a seu favor, exceto a sua sutileza e sua beleza. Não é muito razoável, portanto, ela deveria cultivar ambos?<sup>425</sup>

Mary Wollstonecraft responde Rousseau, afirmando que:

Os homens têm força corporal superior; mas se não fosse por noções equivocadas de beleza, as mulheres adquiririam o suficiente para torná-las capazes de trabalhar pela sua própria subsistência, a verdadeira definição de independência; e se de suportar aquelas inconveniências e empenhos corporais que são requisitos para o fortalecimento da mente.<sup>426</sup>

A autora também esclarece: “Eu não guerreio com as suas cinzas, mas suas opiniões”,<sup>427</sup> deixando evidente sua contrariedade aos pensamentos defendidos por Rousseau e a necessidade de combatê-los, uma vez que ela verifica a difusão dos referidos preconceitos entre os homens de sua sociedade.

Outro escritor criticado por Mary Wollstonecraft que também foi citado por Nísia Floresta é John Gregory. A escritora inglesa afirma:

<sup>423</sup> ROUSSEAU, 1995, p. 424.

<sup>424</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 136.

<sup>425</sup> ROUSSEAU apud WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 127.

<sup>426</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 128.

<sup>427</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 136.

Eu posso ser acusada de arrogância; ainda sim, preciso declarar o que realmente acredito, todos os escritores têm escrito sobre a educação e maneiras femininas, de Rousseau ao Dr. Gregory, tem contribuído para tornarem as mulheres mais artificiais, personagens mais fracas do que seriam em outro contexto; e, conseqüentemente membros mais inúteis da sociedade.<sup>428</sup>

Os prejuízos causados pelos escritos de ambos os autores são denunciados por Nísia Floresta, como é possível observar:

Procurando sempre prender-lhe a inteligência, enfraquecer-lhe os sentidos, inabilitam-na para ocupar-se, como devia, antes de tudo do cuidado de purificar o seu coração, o que nunca poderá ela vantajosamente conseguir se sua inteligência permanecer sem cultura. Bem diversas desta doutrina são as de Rousseau e Gregory, quando lhe aconselham o gosto pelos adornos (que ambos pretendem ser natural às mulheres) e embelecer os dotes do corpo, tirando da beleza física e do artifício os meios para subjugar os homens.<sup>429</sup>

Assim, é notável a semelhanças de ideias e argumentos entre a escrita de Mary Wollstonecraft e Nísia Floresta. A brasileira, em sua obra, cita uma passagem da obra da inglesa, comprovando o conhecimento sobre a obra que outrora atribuiu à sua tradução livre. A seguir a citação e o seu correspondente:

Porém, um erro ainda mais funesto vem, adornando dos atrativos que podem melhor lisonjear os sentidos e triunfar da razão, sobreestar os progressos da educação do sexo: é o axioma ridículo de que a fraqueza constitui um de seus primeiros encantos. ‘A fraqueza pode excitar e lisonjear o arrogante orgulho do homem, diz uma célebre escritora inglesa, mas as carícias de um senhor, de um protetor, não satisfarão uma alma generosa que quer e merece respeito’.<sup>430</sup>

Mary Wollstonecraft afirma que: “A fraqueza pode estimular a ternura, e gratificar o orgulho arrogante do homem, mas os afagos insolentes de um protetor não gratificarão uma mente nobre que pede e deseja ser respeitada”.<sup>431</sup> Assim, Nísia Floresta se apropria das afirmações da escritora inglesa para defender seu ponto de vista e construir a sua narrativa.

Ainda que não seja possível precisar em que momento Nísia Floresta teve contato com a obra de Mary Wollstonecraft, antes ou após seu *Direito das mulheres*, é constatado através da leitura de seu *Opúsculo* que esse encontro ocorreu e deixou boas impressões na escritora brasileira.

Nísia Floresta reproduz argumentos presentes na obra de Mary Wollstonecraft para reforçar os seus. O projeto elaborado nas páginas de *Reivindicação dos direitos das mulheres* é adaptado por Nísia Floresta à realidade brasileira: é necessário educar as mulheres para que

<sup>428</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 45.

<sup>429</sup> FLORESTA, 1989, p. 61.

<sup>430</sup> FLORESTA, 1989, p. 64.

<sup>431</sup> WOLLSTONECRAFT, 2015, p. 54.

assim possam ser devidamente valorizadas e desempenharem um papel útil na sociedade em que estão inseridas. Para Mary Wollstonecraft, a independência da mulher é o principal fim da educação, enquanto Nísia Floresta enxerga o desempenho das funções de filha, esposa e mãe como a principal finalidade da educação feminina.

### 5.3 A mulher entre Augusto Comte e Nísia Floresta

Ponto emblemático da vida e carreira literária de Nísia Floresta é sua afinidade com Auguste Comte e a Filosofia Positiva. Ainda que não seja possível precisar a intensidade e profundidade da relação intelectual estabelecida entre ambos, a produção escrita da brasileira permite encontrar pontos de congruência com a filosofia de Comte. Alguns de seus biógrafos têm abordado a estreita relação entre eles, seja para confirmar a extensa influência de Comte sobre a autora, seja para refutar a adesão de Nísia Floresta à Religião da Humanidade.

Adauto da Câmara, em *História de Nísia Floresta*, destaca uma seção do livro para tratar da autora e do filósofo. Afirma que Nísia Floresta tinha por Comte uma admiração exaltada, ainda que o contato pessoal estabelecido entre os dois tenha se dado entre 1856 e 1857 com trocas de correspondências e visitas domésticas e interrompidas pela morte de Comte em 1857.

Constância Lima Duarte questiona o significado dessa aproximação. Aponta que a adesão da autora ao Positivismo, afirmada por muitos intelectuais positivistas, está ligada principalmente ao interesse em valorizá-la, adequando seu discurso aos objetivos da referida filosofia. Duarte questiona a total incorporação por parte de Nísia Floresta da filosofia positiva:

Se considerarmos que muitas das posições que assumiu – como defesa da abolição, do moralismo, da educação feminina, por exemplo – eram bandeiras que extrapolavam os ditames positivistas e pertenciam também a outras correntes de pensamento, torna-se ainda mais fácil questionar sua aceitação integral desta filosofia.<sup>432</sup>

Duarte se dispõe a analisar a narrativa *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*, parte da obra *Scintille d'un' anima brasiliana*, ressaltando os traços da filosofia positiva presentes na escrita. Através dela, é possível visualizar a ideia de progresso da humanidade e do papel social fundamental desempenhado pela mulher, também defendidos por Comte. A autora sugere que Nísia Floresta se apoderou somente daquilo que lhe convinha dentro do

---

<sup>432</sup> DUARTE, 1995, p. 185.

Positivismo, ou seja, da suposta valorização do feminino, ideia que ela sempre defendeu. Duarte conclui que:

Assim ao fazer *sua* leitura do positivismo e ao destacar nele os pontos que mais atendiam a seus interesses intelectuais, Nísia Floresta adquiriu um certo *verniz* positivista que enganou a muitos que reconheceram aí uma adesão completa. Tanto foi apenas superficial sua identificação com as propostas positivistas, que não se encontra em seus escritos nenhuma outra referência a Comte ou à sua filosofia que não esteja diretamente relacionada com a melhoria da condição feminina.<sup>433</sup>

Luciana Castro também analisa a relação entre a brasileira e o filósofo. Destaca que:

O Positivismo angariou a simpatia de muitas mulheres, inclusive de Nísia Floresta, por conta de sua crença na educação igualitária para homens e mulheres. Mas há profundas diferenças entre a filosofia de Auguste Comte e os ideais de Nísia, já que esta lutou pela valorização e respeito social para as mulheres, além do acesso à educação, enquanto os positivistas tratam a mulher, praticamente, como uma divindade que deve ser cultuada no lar, e deve se restringir àquele cenário.<sup>434</sup>

Nísia Floresta apresenta diversas transformações em seus discursos durante sua trajetória, evidenciando a variedade de leituras e influências que a refletem em sua escrita. O estudo de sua relação com Augusto Comte é fundamental para compreender a amplitude de seu projeto e suas possíveis bases, bem como os diálogos construídos em seu momento de produção.

É verdade que em *Direito das mulheres e injustiça dos homens*, a autora afirma que a mulher seria capaz de assumir cargos públicos, mas seu ideal de mulher, reafirmado constantemente em sua produção escrita, é aquele condizente com o de Auguste Comte: boa filha, boa esposa e boa mãe. É necessário lembrar que a educação defendida pela autora está relacionada com o desenvolvimento das respectivas funções femininas.

No entanto é crível a análise das congruências existentes entre o pensamento defendido por Nísia Floresta e Auguste Comte no que diz respeito à mulher, partindo da escrita de ambos sobre o assunto. Nísia Floresta pode não ter se convertido inteiramente ao Positivismo de Comte, mas sua influência sobre o pensamento da brasileira é inegável, assim como outros intelectuais daquele período com quem ela teve contato pessoal ou através de leituras.

Em seu *Opúsculo humanitário*, por exemplo, cita alguns escritores conhecidos por ela, tais como Mary Wollstonecraft, Condorcet,<sup>435</sup> Sièyès,<sup>436</sup> Legouvé,<sup>437</sup> Rousseau, Fénelon,<sup>438</sup>

<sup>433</sup> DUARTE, 1995, p. 197.

<sup>434</sup> CASTRO, 2010, p. 246.

<sup>435</sup> Jean-Antoine-Nicolas de Caritat (1743-1794): Filósofo, matemático e político francês. Entre os anos 1765 e 1774, dedicou-se aos estudos de entendimento das ciências exatas. Foi nomeado inspetor

dentre outros. É importante ressaltar que a enorme quantidade de leitura da autora lhe permitiu desenvolver seu senso crítico, endossou pensamentos já existentes ou refutou outros, sem que isso signifique a total adesão, aceitação ou negação de algum autor e intelectual específico por Nísia Floresta.

Diante do debate a respeito da condição da mulher, Nísia Floresta se posiciona a favor da valorização social feminina, partindo da educação como caminho para tornar a mulher apta a desenvolver de forma plena e correta seu papel na sociedade. Porém a autora fazia parte de uma minoria que reivindicava a transformação na condição feminina, ainda que isso não significasse uma emancipação do ambiente doméstico.

Nísia Floresta e Auguste Comte não propuseram uma radical transformação da relação entre os sexos, mas um projeto em que a mulher figurava como personagem fundamental. Ambos, com suas respectivas particularidades, defendiam a supremacia moral da mulher e sua capacidade de regenerar a sociedade, sendo instrumento do progresso da humanidade.

A análise da relação estabelecida entre os dois será feita a partir de cinco textos: *Opúsculo humanitário*, *A mulher* e *Um passeio no Jardim de Luxemburgo* de autoria da brasileira, *Catecismo positivista* de Comte e as *Cartas* trocadas entre eles. Além das congruências entre os textos, é notável a admiração pessoal que se observa nas correspondências trocadas, bem como as visitas domésticas, pouco comuns para aquele século, entre um homem e uma mulher.

Augusto Comte confere um caráter hierarquizado às diferenças entre os sexos, concebendo que há funções determinadas para as mulheres em seu sistema de reforma social, mas não questiona a inferioridade feminina, esta teria sua causa principal explicada pela

---

de moedas do reino. Criticava o clero, o mercantilismo. Sua perspectiva de reinvenção da história e das instituições é a centralidade de suas obras. Cf.: *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 38, jun. 2010, p. 268-274. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/res01\\_38.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/res01_38.pdf)>. Acesso em 12 de julho de 2016.

<sup>436</sup> Emanuel Joseph Sieyès (1748-1836): escritor, político e eclesiástico francês, representante da igreja e da aristocracia. Participante ativo na criação da Assembleia Nacional de 1798. Sua obra de maior destaque foi *Qu'est-ce que le tiers état?*, conhecida no Brasil por "O que é o Terceiro Estado?".

<sup>437</sup> Gabriel Jean Baptiste Ernest Wilfrid Legouvé (1807-1903): dramaturgo francês. Autor de *História Moral das mulheres* (1860).

<sup>438</sup> François de Salignac de La Mothe de Fénelon (1651-1715): escritor e filósofo francês. Educado até os 12 anos em casa. A partir de então frequentou a Universidade de Cahors, onde concluiu os estudos em filosofia. Deu continuidade aos estudos no Colégio Du Pessis. Dedicou-se à teologia. Suas ideias liberais quanto à política e educação enfrentaram oposição da Igreja e do Estado. Pertenceu à Academia Francesa de Letras. Cf.: GONDRA, José.; GARCIA, Inára. A arte de endurecer 'miolos moles e cérebros brandos': a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, maio-ago. 2004, p. 69-84.

biologia.<sup>439</sup> Para ele, a mulher representaria o afeto e o homem, o intelecto. No entanto suas definições de mulher são transformadas de acordo com suas experiências pessoais.<sup>440</sup>

Geneviève Fraisse destaca que:

Para Comte, as mulheres estão num ‘estado de infância radical’, pertencem à família, à vida doméstica fundada na hierarquia dos sexos; elas são não as iguais, mas as companheiras do homem. Com efeito, para além das funções maternais elas são a fonte dos sentimentos sociais e têm uma missão a cumprir no advento do positivismo, a de auxiliares do espiritual; elas representam ‘o sexo afetivo’.<sup>441</sup>

O primeiro contato de Nísia Floresta com Comte ocorreu em 1851, quando ela estava em Paris e compareceu às conferências do Curso de História Geral da Humanidade ministradas pelo filósofo. Comte chegou a registrar seu primeiro contato com a brasileira em 1856, expressando seu desejo de vê-la sua discípula, se conseguisse mudar alguns aspectos característicos dela:

Em agosto, devo inicialmente registrar meu primeiro contato direto com a nobre viúva brasileira que me oferece, de coração, de espírito e de caráter, todos os indícios de uma preciosa discípula, se eu puder transformar um pouco seus hábitos metafísicos.<sup>442</sup>

A filosofia de Comte excluía a metafísica em seu estado mais avançado, enquanto Nísia Floresta reafirmava constantemente a importância da religião na construção da moralidade dos povos. Mesmo vendo a brasileira como uma possível discípula, o filósofo reconhece que ela não está em completa concordância com seu modelo filosófico. Comte demonstrava estar disposto a conquistar não somente Nísia Floresta, mas sua filha Lúvia também, como é possível identificar na correspondência trocada com Audiffrent, em março de 1856, em que Comte afirmou:

Acredito que pode ser inestimável o serviço prestado pelas duas novas discípulas meridionais, uma nobre viúva brasileira e sobretudo sua digna filha, respectivamente com 47 e 22 anos. Elas estão em Paris há sete meses e eu tenho esperança de que elas fixem residência na cidade, de maneira a poder aí presidir o verdadeiro salão positivista que nos seria tão precioso.<sup>443</sup>

A expectativa do filósofo diante da possibilidade de Nísia Floresta fixar residência em Paris pode evidenciar a confiança que Comte depositava na brasileira e em sua filha. A simpatia entre os dois não indica necessariamente que fossem concordantes em todas as

<sup>439</sup> FRAISSE, 1991, p. 73.

<sup>440</sup> FRAISSE, 1991, p. 74.

<sup>441</sup> FRAISSE, 1991, p. 74.

<sup>442</sup> COMTE *apud* DUARTE, 2002, p. 19.

<sup>443</sup> COMTE *apud* Duarte, 2002, p. 25.

questões envolvendo a participação da mulher na sociedade, mas que havia pontos em comum, que merecem destaque.

A figura feminina tem papel relevante para o novo sistema social que Comte defendia, sendo mesmo indispensável para o sucesso da humanidade que o filósofo almejava. Defendia o fim da religião que se baseasse em um Deus supremo, considerando que humanidade seria o próprio Deus. A sociedade, devidamente dirigida, atingiria o ápice intelectual e moral sem necessitar da supervisão de qualquer divindade.

Ao elaborar uma nova forma de organização social, Auguste Comte concede um lugar específico para a mulher. O filósofo acreditava que a sociedade só poderia ser reorganizada a partir da reforma intelectual do homem e que a mulher, a quem geralmente ele se refere como “sexo afetivo”, teria função relevante nesse processo.

Assim como o filósofo, Nísia Floresta também destaca o papel decisivo da mulher para o desenvolvimento moral da sociedade, desde que fosse devidamente educada, afirmando que: “Há um único e potente motor que pode aglutinar todos esses elementos, e fazê-los cooperar na causa geral da humanidade. [...] Esse motor é o sentimento da ternura; e o seu grande e precípua lume está no coração da mulher”.<sup>444</sup>

Comte atribui à mulher o papel de “[...] supremo árbitro privado da educação universal”.<sup>445</sup> A mulher exerceria forte influência sobre os homens, sendo a principal responsável por sua educação moral. Afirma que: “[...] o culto positivo erige o sexo afetivo como providência moral de nossa espécie”.<sup>446</sup> Tal afirmação soa muito familiar se considerarmos que Nísia Floresta também concebe a mulher enquanto responsável pela educação doméstica de seus filhos.

O filósofo, ao refutar todos os preceitos metafísicos, distancia-se da ideia de mulher pregada pelo catolicismo como origem de todo o mal, advogando que ela seria, ao contrário, instrumento de elevação da humanidade. Nísia Floresta também discorda dessa ideia de mulher: “[...] Não façais dela a mulher da Bíblia; a mulher de hoje em dia pode sair-se melhor do que aquela [...]; mas a mulher que deve progredir com o século XIX, ao lado do homem, rumo à regeneração dos povos”.<sup>447</sup>

Comte reivindicava a participação do proletariado e das mulheres como base da reorganização social que almejava e reconhecia que sem eles o sistema que propunha não

---

<sup>444</sup> FLORESTA, 1997, p. 113.

<sup>445</sup> COMTE, 1978, p. 297.

<sup>446</sup> COMTE, 1978, p. 297.

<sup>447</sup> FLORESTA, 1997, p. 115-117.

poderia prevalecer. É possível perceber a importância dada à mulher pelo filósofo na seguinte afirmação constante em seu *Catecismo positivista*:

A mulher e o sacerdote constituem, de fato, os dois elementos essenciais do verdadeiro poder moderador, ao mesmo tempo doméstico e cívico. Organizando esta santa coligação social, cada elemento procede aqui de acordo com a sua genuína natureza: o coração propõe as questões que o espírito resolve. Assim, a própria composição deste catecismo logo indica a principal concepção do positivismo: o homem pensando sob a inspiração da mulher, para fazer sempre concorrer a síntese com a simpatia, a fim de regularizar a sinergia.<sup>448</sup>

A mulher, segundo Comte, é altruísta, feita de sentimento e coração, frágil, mas capaz de modificar o pensamento dos homens partindo de sua afetividade, chegando a ser retratada como uma santa social. As mulheres seriam responsáveis pelo convencimento da humanidade no tocante à nova religião proposta pelo filósofo. A família seria o lugar de ação da mulher, onde ela deveria ser adorada, admirada. O filósofo recomenda que os casamentos ocorram preferencialmente entre os vinte e um e os vinte e oito anos.

Nísia Floresta reconhece a importância das mulheres no desenvolvimento das nações a partir da influência que elas exercem sobre os homens, concepção que defende tanto no *Opúsculo* quanto em *A mulher*:

Por mais rigorosas que tenham sido as instituições dos povos, concernentes à exclusão absoluta da mulher de toda sorte de governo público, quem há aí que ignore ter ela a maior influência nas ações dos homens e, por conseguinte, nos destinos dos povos?. [...] <sup>449</sup>  
 Considere-a desde o berço até seu leito de morte, como aquela que exerce influência real sobre o destino dele, e por conseguinte sobre o destino das nações.<sup>450</sup>

Segundo Comte, a influência feminina sobre os homens deve se efetivar no espaço privado e não no público, pois o filósofo era contra a participação da mulher neste segundo espaço. Para ele, o principal ofício da mulher era o de formar e aperfeiçoar os homens. Sendo assim, não seria justo glorificar um grande homem sem antes honrar a sua mãe, sua esposa. O filósofo afirma ser indispensável para a formação do homem a participação da mulher, que atua sobre o espírito pelo coração, proporcionando por essa via o aperfeiçoamento moral masculino.

O homem, de acordo com o filósofo, era o espírito, o sexo ativo, enquanto a mulher era o coração, o sexo afetivo. Afirma que a filosofia positiva seria bem compreendida por mulheres iletradas, pois “[...] só elas podem compreender assaz a preponderância que merece

<sup>448</sup> COMTE, 1978, p. 292.

<sup>449</sup> FLORESTA, 1989, p. 157.

<sup>450</sup> FLORESTA, 1997, p. 117.

a cultura habitual do coração, tão comprimida pela grosseira atividade, teórica e prática, que domina o Ocidente moderno”.<sup>451</sup>

Nísia Floresta discorda de Comte e considera que, para que o sentimento fosse útil ao progresso social, era necessário estar combinado com a devida educação, como é possível constatar abaixo:

A ele [o homem], segundo vós, a inteligência, o engenho, a força de vontade, e todos os seus triunfos. A nós, o coração e todos os seus sentimentos mais generosos com a mais nobre entre as virtudes, a abnegação. [...] Menos orgulhosas e mais modestas do que os homens inebriados pelos triunfos do seu gênio, não acreditamos, como creem eles de suas descobertas e de suas obras, que unicamente o sentimento seja bastante para produzir a grande reforma que os povos há muito séculos esperam.<sup>452</sup>

Comte considera ser mãe, esposa e filha como funções naturais da mulher. Aponta: “[...] A mãe, a esposa e a filha devem, em nosso culto, como na existência que ele idealiza, desenvolver respectivamente em nós a veneração, o apego e a bondade”.<sup>453</sup> Para o desenvolvimento adequado de tais funções, o filósofo recomenda que elas se afastem de trabalhos exteriores e restrinjam-se, voluntariamente, ao “santuário doméstico”,<sup>454</sup> espaço em que elas poderiam proporcionar o aperfeiçoamento moral de seu marido e filhos.

Nísia Floresta também defende as respectivas funções sociais da mulher: “[...] Filha, esposa, mãe! Esta sublime tríade sois vós, ó mulheres, que representais sobre a Terra”.<sup>455</sup> No entanto, acredita que a única maneira de efetivar tais funções seria através de uma educação adequada, educação moral e religiosa. Recomenda aos homens que: “[...] Dedique-lhe, por último, uma educação como exige a grande tarefa que ela deve cumprir na sociedade como benéfico ascendente do coração; e a mulher será como deve ser, filha e irmã dedicadíssima, terna e pudica esposa, boa e previdente mãe”.<sup>456</sup>

A brasileira apresenta no conjunto de suas obras uma concepção condizente com o positivismo ao evidenciar a mãe como principal educadora de seus filhos, a mulher como responsável pelo despertar da moralidade, do desenvolvimento do coração e da bondade. No entanto, expressa constantemente sua inclinação à religiosidade, acreditando que as funções

---

<sup>451</sup> COMTE, 1978, p. 292.

<sup>452</sup> FLORESTA, 1997, p. 115.

<sup>453</sup> COMTE, 1978, p. 372.

<sup>454</sup> COMTE, 1978, p. 556.

<sup>455</sup> FLORESTA, 1997, p. 133.

<sup>456</sup> FLORESTA, 1997, p. 117.

femininas são atribuídas primeiramente por Deus. Afirma que “Deus depôs no coração da brasileira o germe de todas as virtudes”.<sup>457</sup>

Comte condena o trabalho feminino, afirmando que o homem é o provedor do lar, e que quando a mulher enriquece pelo seu próprio trabalho causa danos para seu desenvolvimento moral, altera-se a ordem natural da humanidade e a mulher passa a mandar ao invés de amar. A mulher deve ser submissa e obediente ao seu marido. Já Nísia Floresta defende o trabalho feminino quando este se faz necessário para o engrandecimento da mulher e o afastamento dela de vícios.

A máxima moral do positivismo, “viver para outrem”, está presente em toda a obra de Nísia Floresta. Comte reafirma esse propósito diversas vezes, identificando a mulher como instrumento capaz de proporcionar essa realidade:

Condensando toda a sã moral na lei Viver para outrem, o positivismo consagra a justa satisfação permanente dos diversos instintos pessoais, enquanto indispensável à nossa existência material, sobre a qual assentam sempre nossos atributos superiores.<sup>458</sup> [...]

O culto é principalmente destinado a desenvolver os sentimentos que nos dispõem a viver para outrem. [...]. Ora, tal objetivo supõe necessariamente o concurso íntimo e contínuo dos dois sexos, porque ele depende tanto do coração como do espírito.<sup>459</sup>

No entanto é necessário ressaltar que essa máxima está igualmente presente na filosofia cristã, a qual Comte afirma repudiar, embora absorva grande parte da moral religiosa. Nísia Floresta afirma que a natureza feminina, ainda que seja virtuosa, sem educação não poderia cumprir seu principal papel social, que corresponderia à máxima positivista: “[...] Mas não basta que a natureza lhe tenha sido cortês deste grande e inestimável tesouro: é preciso dirigi-lo bem com uma educação culta e fortificada na prática do dever e na razão, para sabê-lo utilizar em benefício dos outros”.<sup>460</sup>

Comte reconhecia a supremacia moral da mulher sobre o homem, uma vez que relacionava tal supremacia com o altruísmo feminino e o atraso ao egoísmo masculino. O filósofo defendia que, somente com a aniquilação do egoísmo, o progresso da humanidade seria alcançado. Defende a transformação da educação que deveria estar voltada para o sucesso de suas ideias e estimular os sentimentos virtuosos em todos os seres humanos. A mulher, relacionada diretamente com o altruísmo, seria a precursora de todo esse caminho.

---

<sup>457</sup> FLORESTA, 1987, p. 44.

<sup>458</sup> COMTE, 1978, p. 316.

<sup>459</sup> COMTE, 1978, p. 511.

<sup>460</sup> FLORESTA, 1997, p. 116.

Ambos concebem a mulher enquanto instrumento do progresso da humanidade. Agindo diretamente na família, concebida nos oitocentos enquanto espaço de formação do indivíduo, a mulher é valorizada. Mas é possível constatar que dois pontos distanciam a brasileira do filósofo: primeiro, o desprezo de Comte por questões metafísicas e o não abandono de Nísia Floresta às crenças cristãs; o segundo, a educação defendida pela escritora enquanto necessária para o desenvolvimento humano é questionada pela filosofia positiva, vista como perniciosa para a permanência da mulher no lar. Apesar das diferenças conceituais, a amizade e admiração entre ambos permaneceram durante o convívio e se refletiram na escrita de Nísia Floresta.

#### 5.4 Além da teoria: a relação intelectual entre Nísia Floresta e Augusto Comte

As divergências entre ideais defendidos por Nísia Floresta e Augusto Comte são visíveis. No entanto nenhuma delas foi suficiente para impedir a construção de um relacionamento fraterno entre ambos, nem mesmo afetou a admiração da brasileira pelo filósofo. A simpatia intelectual entre eles é notável nas cartas trocadas no período de quase um ano, entre 1856 e 1857, bem como na narrativa de autoria de Nísia Floresta *Um passeio no Jardim de Luxemburgo*, provável homenagem ao filósofo.

O referido texto narra o encontro de “três pessoas oriundas de três diferentes províncias entre as vinte e uma que presentemente constituem a fúlgida auréola de um grande império”<sup>461</sup> que dentre os diversos assuntos tratados, começaram a discorrer a respeito da “única base fundamental da ordem, da dignidade, da verdadeira grandeza, e do bem-estar das nações; a educação da juventude”.<sup>462</sup>

A escritora afirma que, ao tratarem da educação da mulher e sua situação naquela sociedade, repetiram discursos comumente utilizados para escravizar as mulheres através da vaidade e, assim, afastá-las da “mulher arquetípica, que deve servir como exemplo à família, combinando a felicidade do homem com o verdadeiro amor pela humanidade”.<sup>463</sup> Nísia Floresta evidencia a permanência do descaso com a educação feminina, apesar do interesse em aperfeiçoá-la, pois, mesmo acreditando defender a educação feminina, aqueles que falavam apenas reforçavam estereótipo feminino predominante.

---

<sup>461</sup> FLORESTA, 1997, p. 187.

<sup>462</sup> FLORESTA, 1997, p. 189.

<sup>463</sup> FLORESTA, 1997, p. 191.

Nísia Floresta destaca o sistema filosófico elaborado por Augusto Comte como maneira de solucionar enganos quanto à condição social feminina, e enaltece a figura do filósofo:

A ti portanto, ó grande filósofo do século, digno concidadão de Descartes, alma nobilíssima, gênio de nossa era, segundo a ninguém mais, que soubeste compreender e prezar a mulher para associá-la às tuas profundas fadigas, à tua regeneradora doutrina; louvado sejas! A ti a simpatia dos corações que aspiram ao melhoramento do sexo por ti honrado!<sup>464</sup>

A escritora deixa clara sua admiração e gratidão ao filósofo e ao seu projeto que prevê a valorização do sexo feminino. Continua:

O sistema humanitário, de que és fundador e digno representante, estabelece para a mulher um grau particularmente distinto, que a habilita a poder utilizar com segura vantagem as faculdades da própria inteligência e as do coração no exercício das virtudes, que farão dela um dos primeiros ornamentos e a base sólida dos progressos da civilização.<sup>465</sup>

Nísia Floresta evidencia sua simpatia para com a reforma social proposta por Comte, especialmente no lugar reservado para as mulheres, uma vez que a brasileira defendeu reiteradamente o papel de regeneradora da humanidade e instrumento do progresso desempenhado pela mulher educada. Seguindo a narrativa, a escritora deixa a entender que ela é um dos participantes daquele passeio ao se referir à dor sentida pelo personagem pela “tríplice morte”, forma que se referia à perda dos entes queridos, e sua ocupação em “cultivar as plantas que encerram a semente preciosa”, referência aos seus esforços em prol da educação feminina objetivando o bem da humanidade.

Os três personagens seguem observando a paisagem e questionando o progresso conquistado pela civilização europeia. Há certa decepção diante da realidade encontrada, uma vez que é constatado que o adiantamento daquela sociedade era resultante de riquezas materiais e não humanas ou científicas. Brasileiros, os personagens refletem constantemente sobre a situação de sua pátria, desejosos de transformações. A escritora afirma:

Volviendo o pensamento para a terra natal, os nossos três observadores viam-na jovem, fresca, forte e generosa, ainda em vias de pagar aqui e ali o tributo da longa infância em que foi deixada, mas toda disposta a nobremente secundar o vivo impulso que lhe imprime o movimento da grande obra social.<sup>466</sup>

Assim, Nísia Floresta nos permite conhecer sua admiração por Auguste Comte, a crença em seu projeto filosófico que intenciona o progresso da humanidade, fazendo uso das

<sup>464</sup> FLORESTA, 1997, p. 193.

<sup>465</sup> FLORESTA, 1997, p. 193.

<sup>466</sup> FLORESTA, 1997, p. 203.

virtudes femininas, bem como sua aparente decepção diante da realidade social europeia que, apesar dos avanços em comparação com sua pátria, ainda deixava a desejar quanto à educação feminina. É possível constatar a identificação da escritora com o sistema social proposto pelo filósofo.

A relação entre a brasileira e o filósofo é consolidada através das correspondências trocadas durante aproximadamente um ano, evidência da amizade entre os dois. As cartas foram preservadas por positivistas brasileiros e franceses e são 14 no total, sete de cada. Sobre o uso de correspondências como fonte, Michelle Perrot afirma que:

Sem escapar dos códigos que um século epistolar sabiamente estabeleceu, elas têm a vantagem, sobre as autobiografias, de apresentar uma maior espontaneidade, uma encenação menor. [...] As Correspondências, se não tentam um diálogo, buscam pelo menos uma troca com um interlocutor cúmplice ou indiferente, próximo ou opaco. [...] Elas mostram o avesso do espetáculo, as fadigas do herói, suas dúvidas e seu dia a dia.<sup>467</sup>

Nesse sentido, a análise das cartas possibilita o conhecimento da relação entre ambos na esfera privada. A primeira carta de Nísia Floresta para Augusto Comte é datada de 19 de agosto de 1856 e é marcada pelo tom cordial e afetuoso, como é possível observar:

Uma leve indisposição me acometeu no dia seguinte àquele em que tive o prazer de vê-lo e o estado de saúde de minha filha querida, que depois se agravou, me impediram de ir, tão logo quanto desejara, exprimir-lhe, de viva voz, minha gratidão pela felicidade que o senhor me fez desfrutar ao me enviar sua fotografia. Oferecida pelo senhor mesmo, ela se torna duplamente preciosa à estrangeira que guardou religiosamente, a duas léguas de distância, a lembrança das palavras que o ouviu pronunciar há cinco anos no púlpito da igreja.  
É doce aos corações como o meu encontrar simpatia em um coração como o seu. E se atualmente algo existe em França que possa de alguma forma atenuar a dupla chaga que trago comigo, desta vez de meu país, ao perder a mais terna das mães, são sem dúvida os instantes em que o Senhor me concede sua companhia.<sup>468</sup>

A partir das palavras da brasileira, sabemos que a amizade entre eles ultrapassou a troca de correspondências, com a realização de vistas domésticas, nesse caso, impedida pela saúde frágil da remetente. Nísia Floresta agradece o envio de uma fotografia do filósofo e confirma a informação de que estava presente na conferência apresentada por Comte em 1851, assim como a importância do que ouviu na ocasião. Expressa, também, sua satisfação em estar na companhia do filósofo, único atenuante da perda recente de sua mãe.

<sup>467</sup> PERROT, 2005, 45-46.

<sup>468</sup> FLORESTA, Nísia. Carta datada de 19 de agosto de 1856. In: DUARTE, 2002, p. 63-64.

Em carta resposta, redigida por Comte no mesmo dia, ele expressa preocupação com o estado de saúde de Nísia Floresta e Lúvia, gratidão pelas palavras da brasileira e por sua companhia:

Sinto-me, porém, extremamente penhorado do testemunho especial que ele lhe inspira uma simpatia tão preciosa como me é a sua. Ninguém avalia melhor do que eu a importância habitual das dignas relações femininas, sobretudo entre os verdadeiros filósofos. [...]

Entretanto, salvo a benéfica influência contínua da minha excelente Sophie,<sup>469</sup> vivo habitualmente privado desse poderoso meio de aperfeiçoamento e de felicidades. Pode, portanto, julgar que apreço devo naturalmente dar às relações que espero desenvolver com uma pessoa tão digna, quanto a senhora, de associar uma impulsão objetiva ao ascendente subjetivo que sobre mim exerce a Angélica Patrona<sup>470</sup> a quem dediquei minha obra capital.<sup>471</sup>

O filósofo deixa evidente que o sentimento de admiração é recíproco e ressalta a importância que confere ao convívio com personalidades femininas, especialmente o convívio com a brasileira, considerada digna. Comte também esclarece sua expectativa quanto à relação ora desenvolvida com Nísia Floresta.

Em carta datada de 9 de dezembro de 1856, o filósofo sinaliza o envio de três tomos de sua obra principal para Nísia Floresta e indica que a leitura do volume inicial já teria sido realizada por ela. Comte também expressa “afetuosas homenagens à sua digna filha”,<sup>472</sup> o que demonstra a proximidade do filósofo com Lúvia ou sua tentativa de aproximar-se daquela que seria mais facilmente convertida ao positivismo que a mãe.

Apesar de não ser encontrado nenhum registro de encontros pessoais ou correspondências trocadas entre agosto e dezembro de 1856, é provável que não tenha sido um período de completo silêncio, uma vez que há motivação do envio de material para leitura à brasileira, bem como a indicação de que ela já teria realizado a recomendação anterior.

Em carta resposta de 17 de dezembro do referido ano, Nísia Floresta esclarece que a filha também cultivava admiração pelo filósofo. Escreveu: “[...] Minha querida filha muito se sensibilizou com sua amável lembrança; ela me pede que lhe transmita a expressão do profundo respeito e da grande admiração que tem pelo senhor” [...],<sup>473</sup> evidenciando a relação

<sup>469</sup> Sophie Bliaux cuidou do filósofo e de sua casa durante os últimos anos de sua vida, e chegou a ser considerada por ele uma filha adotiva. Cf.: DUARTE, 2002, p. 68.

<sup>470</sup> Provável referência à Clotilde de Vaux (1815-1846).

<sup>471</sup> COMTE, Augusto. Carta datada de 19 de agosto de 1856. In: DUARTE, 2002, p. 66-67.

<sup>472</sup> COMTE, Augusto. Carta datada de 9 de dezembro de 1856. In: DUARTE, 2002, p. 70.

<sup>473</sup> FLORESTA, Nísia. Carta datada de 17 de dezembro de 1856. In: DUARTE, 2002, p. 73.

cordial existente entre eles. Junto à mesma carta, a autora brasileira envia ajuda de custo em dinheiro para Comte, solicitando que seja mantido anonimamente.<sup>474</sup>

No dia seguinte, Comte envia outra carta à brasileira, agradecendo a quantia enviada e demonstrando a intenção de ter a escritora como discípula, bem como o interesse em aumentar o número de mulheres seguidoras de suas ideias, o que atestaria seu sucesso:

Junto, conforme o meu costume, o recibo correspondente a sua nobre subscrição. Figurará, segundo os seus desejos, entre os anônimos. Vejo nisto um precioso crescimento das raras porém decisivas proteções femininas que já secundam o sucesso da religião universal.<sup>475</sup>

A carta seguinte foi enviada por Nísia Floresta alguns meses depois, dia 18 de abril de 1857 e expressa seu descontentamento diante do período sem encontrar o filósofo pessoalmente:

Ao entrar no meu novo apartamento, meu primeiro desejo é ir vê-lo, mas é impossível fazê-lo, tão atrapalhada estive e ainda estou com minha mudança. [...] Desde minha peregrinação do triste 5 de abril, não saí senão uma vez para comprar um móvel indispensável a este apartamento e, ao voltar, o mau tempo me impediu de passar em sua casa como era minha intenção. Assim, acontece que há mais de um mês eu e minha querida filha estamos privadas de vê-lo, tendo tido o desprazer de não estar em casa quando de sua última visita.<sup>476</sup>

O conteúdo da carta evidencia a frequência das visitas domésticas entre eles, sendo que a última informada teria sido há pouco mais de um mês antes da referida data. Assim, é possível que a ausência de correspondências nos meses entre dezembro e abril tenha sido preenchida por tais visitas. Informa, também, que Lívia acompanhava a mãe e que Comte foi visitá-las quando não estavam na residência. Nísia Floresta também se refere à peregrinação feita ao túmulo de Clotilde de Vaux e, ao final, envia “respeitos afetuosos” de sua filha.

Comte respondeu no dia seguinte demonstrando sensibilidade diante dos motivos do adiamento da visita da brasileira. Escreveu:

Ainda mesmo que tivesse de ficar por muito tempo privado da preciosa visita que me reserva, esta demora seria de antemão justificada. Prevaleço-me da oportunidade para testemunhar-lhe quanto me sensibilizou a sua participação espontânea no meu fatal aniversário. Uma tal simpatia me é tanto mais preciosa, pelo fato dessa manifestação decisiva ser, depois de onze anos, a primeira comemoração feminina da angélica inspiradora da única religião na qual a mulher é tratada dignamente.<sup>477</sup>

<sup>474</sup> O filósofo recebia doações financeiras de seus discípulos e colaboradores desde o rompimento de relações com John Stuart Mill, por volta de 1845. Cf.: JÚNIOR, João Ribeiro. *O que é positivismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 8.

<sup>475</sup> COMTE, Auguste. Carta datada de 18 de dezembro de 1856. In: DUARTE, 2002, p. 76-77.

<sup>476</sup> FLORESTA, Nísia. Carta datada de 18 de abril de 1857. In: DUARTE, 2002, p. 79-80.

<sup>477</sup> COMTE, Auguste. Carta datada de 19 de abril de 1857. In: DUARTE, 2002, p. 82.

Nísia Floresta, de acordo com as palavras do filósofo, teria sido a primeira mulher a visitar o túmulo de Clotilde de Vaux em seu aniversário de morte. A visita provavelmente foi motivada pela simpatia ao filósofo e por reconhecer em Clotilde de Vaux a inspiradora da filosofia positiva, tal como informa Comte. O filósofo finalizou a carta retribuindo as saudações anteriores de Lívia.

A figura feminina de Clotilde De Vaux influenciou diretamente a obra de Comte, colocando a mulher no ‘no coração de sua reflexão filosófica’,<sup>478</sup> como destaca Fraisse:

O encontro de Comte com Clotilde de Vaux, a morte desta e depois o culto erigido em sua memória não modificam fundamentalmente esta estrutura, mas dão-lhe de fato uma nova amplitude. A mudança opera-se essencialmente na linguagem, onde a mulher, filha, mãe e irmã, se torna um anjo para o homem, uma deusa para a humanidade. A nova religião que destrona a antiga, o cristianismo, põe a mulher, a virgem-mãe, em primeiro plano. A ideia de complementaridade sexual pode assim produzir uma hipertrofia da representação feminina.<sup>479</sup>

Em 23 de maio de 1857, Nísia Floresta remete nova carta, dessa vez lamentando a morte do senador Sr. Vieillard,<sup>480</sup> seguidor assíduo da filosofia positiva. A brasileira afirmou que, diante da notícia, a sua primeira intenção seria ir para junto de Comte, lamentar sua perda e continua:

Deplorando pelo senhor e pela humanidade a perda de um amigo e um servidor zeloso, experimentei, no entanto, satisfação ao saber que um último ato de sua vontade firme e conseqüente até perto da morte tornará sua memória duplamente querida e digna da sábia doutrina que o senhor proclamou. Minha filha se junta a mim para lhe pedir que acredite em uma continuação inalterável de nosso profundo e simpático devotamento pelo senhor.<sup>481</sup>

Três afirmações contidas acima indicam uma possível adesão de Nísia Floresta à Religião da Humanidade. A primeira é a expressão do sentimento de perda não somente em relação à figura de um amigo, mas de um “servidor zeloso”, um servidor da humanidade. A segunda afirmação soa contraditória: declara sentir satisfação diante da atitude do senador em optar por um funeral somente civil, recusando o religioso.

Assim, Nísia Floresta parece abandonar os hábitos metafísicos criticados por Comte. Apesar da afirmativa de que a diferença entre a brasileira e o filósofo estava na religiosidade

<sup>478</sup> FRAISSE, 1991, p. 74.

<sup>479</sup> FRAISSE, 1991, p. 74.

<sup>480</sup> Antigo senador da república e preceptor de Carlos Luís Napoleão Bonaparte, depois imperador Napoleão III. Cf.: DUARTE, 2002, p. 84.

<sup>481</sup> FLORESTA, Nísia. Carta datada de 23 de maio de 1857. In: DUARTE, 2002, p. 84.

da primeira, ela ainda afirmou que tal atitude torna-o digno da “sábua doutrina” proclamada por Comte, o que parece contraditório diante das resistências religiosas da brasileira.

Por fim, afirmou que ela e sua filha permaneceriam devotas ao filósofo. Afirma ainda que esse devotamento é inalterável e profundo. As respectivas colocações não atestam a conversão total de Nísia Floresta e Lúvia à filosofia positiva. No entanto, evidenciam a afinidade entre eles. Em textos posteriores, a escritora permaneceu se referindo à religião enquanto norteadora das virtudes femininas, o que pode indicar que não houve abandono de suas convicções religiosas. No ensaio *A mulher*, Nísia Floresta afirma não estar interessada em discutir sobre religião, exceto quando estiver ligada às virtudes femininas:

Não direi palavra aqui sobre a forma exterior do culto religioso que eu acredito ser o único digno de se render ao Ente supremo. O inconveniente das diversas crenças é uma grave questão sobre a qual não abrirei jamais a boca, por que não tem muito a ver com meu tema.<sup>482</sup>

A expressão “Ente supremo” utilizada pela brasileira também foi utilizada anteriormente por Comte, e merece destaque:

De onde resulta, minha filha, que é necessário, antes de tudo, elevarmo-nos até a exata compreensão da humanidade. Depois cultivamos os sentimentos apropriados à existência que ela nos prescreve. Só então podemos efetuar a elaboração teórica destinada a fazer conhecer *analiticamente* a ordem fundamental e o Ente supremo que a modifica.<sup>483</sup> (grifo do autor)

Ainda que usem a mesma expressão, o significado difere; é provável que Nísia Floresta se referisse à divindade, enquanto o filósofo parece se referir à função da mulher em seu sistema para a moralização da humanidade. Nas cartas seguintes, a brasileira parece desfazer as possíveis confusões causadas pelas afirmações anteriores.

A carta resposta de Comte, enviada no dia seguinte, contesta o compromisso do Sr. Vieillard com seu projeto de reforma social, o que pode significar o desconhecimento de Nísia Floresta a respeito da personalidade que outrora exaltou:

Sou profundamente grato à parte que a senhora e sua filha tomaram na perda que acabo de sofrer. Eis-me pessoalmente privado do único homem que me seguiu sempre, desde o começo da minha carreira, a partir do meu opúsculo fundamental de 1822. O positivismo perde assim seu único patrono oficial, íntegro e perseverante, embora incompleto e frágil.<sup>484</sup>

Comte questiona o funeral cívico de Vieillard, pois seria uma demonstração tardia de seu apoio à filosofia positiva, portanto, dispensável. Assim, Nísia Floresta o chama de “servidor zeloso”, mas, para Comte, tratava-se de um servidor “incompleto e frágil”. Comte

<sup>482</sup> FLORESTA, 1997, p. 131.

<sup>483</sup> COMTE, 1978, p. 326.

<sup>484</sup> COMTE, Augusto. Carta datada de 24 de maio de 1857. In: DUARTE, 2002, p. 85.

não comenta a declaração de Nísia Floresta quanto ao seu devotamento inalterável. Talvez a visse como o amigo perdido recentemente.

A carta seguinte é do dia 10 de julho de 1857, enviada por Nísia Floresta ao filósofo. Na ocasião, a brasileira discorre sobre seu estado de saúde e novamente deixa claro que a relação entre eles era externa às cartas, como é possível constatar:

Devo parecer ao senhor muito negligente não apenas por haver deixado de ir vê-lo, mas ainda por lhe não haver escrito nem que fosse uma palavra em resposta a sua carta, pela qual o senhor me havia favorecido a ocasião de ter o prazer de ser útil em alguma coisa a um de seus discípulos.<sup>485</sup> Desde há um mês um problema de saúde forçou-me a submeter-me a um tratamento severo.<sup>486</sup>

Certamente, as cartas conhecidas atualmente não foram as únicas trocadas entre Nísia Floresta e Augusto Comte, uma vez que a brasileira indica na referida correspondência o recebimento de um pedido de recomendação a um amigo do filósofo via carta, que na mesma ocasião não teria sido respondida prontamente devido ao seu estado de saúde. Fica evidente, também, que, além das cartas até hoje desconhecidas, o longo período que aparentemente passavam sem se corresponder era preenchido com encontros pessoais, pois a brasileira lamenta, novamente, não poder ir vê-lo pessoalmente.

Comte já não estava bem de saúde, e Nísia Floresta demonstrou preocupação com seu estado, bem como com a recusa do filósofo em buscar ajuda médica. Em carta do dia 22 de agosto de 1857, a brasileira fez o seguinte apelo:

Permita que em nome desses corações que lhe estão sinceramente ligados, em nome da humanidade que o senhor é ministro e o mais zeloso servidor, minha fraca voz se eleve junto a seu leito para suplicar-lhe que recorra à arte enquanto ainda é tempo. Que a lembrança do anjo que constantemente plana em torno do senhor, a santa mulher sobre cuja influência seu grande gênio assumiu a nobre tarefa de regenerar a humanidade, torne eficaz minha prece junto ao senhor! O que será dos discípulos sem o mestre? O que será da humanidade sem a sua grande obra completada? Espero e tenho confiança no Grande Criador que o senhor não nos será tirado tão cedo!<sup>487</sup>

A brasileira fez uso da imagem de Clotilde de Vaux para reforçar o seu pedido junto ao filósofo. Nísia Floresta também evidencia seus limites diante da filosofia positiva; crê que a medicina e o “Grande Criador” pudessem restaurar a saúde de Comte, ou seja, recorre a

---

<sup>485</sup> Comte havia solicitado uma carta de apresentação do Dr. L. A. Segond à Nísia Floresta. Membro da Sociedade Positivista, professor da Faculdade de Medicina de Paris e autor de obras sobre biologia, estava de viagem ao Brasil. A carta teria sido escrita e enviada ao Dr. Henrique de Medeiros, cunhado de Nísia Floresta. Teria sido através dele que Dr. Segond foi avisado da morte de Augusto Comte. Cf.; DUARTE, 2002, p. 90.

<sup>486</sup> FLORESTA, Nísia. Carta datada de 10 de julho de 1857. In: DUARTE, 2002, p. 88.

<sup>487</sup> FLORESTA, Nísia. Carta datada de 22 de agosto de 1857. In: DUARTE. 2002, p. 91-92.

elementos que deveriam ser suprimidos com o sucesso da Religião da Humanidade. Assim, expressa sua admiração pelo filósofo e reconhece sua importância para a construção de uma sociedade que ela almeja, mas continua afirmando sua crença em preceitos negados por Comte.

Comte enviou a resposta, aparentemente irritado, dia 24 de agosto, recusando-se a seguir a recomendação da brasileira que ia contra suas convicções. Sua irritação também foi motivada pela invocação da memória de Clotilde de Vaux. Escreveu:

Em resposta à sua carta, muito afetuosa, porém judiciosa, posso me limitar a desenvolver a minha profunda convicção de que, se me tivesse infelizmente submetido às precipitações vãs emanadas da ciência falaz das notabilidades médicas, estaria atualmente morto. [...] Se me tivesse visto alguma vez, de modo a comparar os meus estados sucessivos, a sua experiência tê-la-ia preservado de partilhar os temores pueris de um moço superficial, inteiramente estranho às noções medicais e que só pensou na minha magreza, justamente explicável: no final de contas, por mais assustados que os outros estejam, não conseguirão jamais assustar-me num caso em que, melhor que ninguém, sinto que somente olhos vulgares puderam prever a minha morte. A sua invocação de uma vítima angélica em apoio de um conselho perigoso, é tanto mais cega, quanto a minha Beatriz, sucumbiu, não pela moléstia, porém pelos seus dois médicos [...].<sup>488</sup>

Na carta seguinte, Nísia Floresta parece tentar se redimir. Enviada no dia 28 de agosto de 1857, a brasileira envia uma homenagem em memória de Clotilde de Vaux que parece ter emocionado o filósofo. A seguir um trecho do referido texto:

Alma pura e afetuosa mal passaste sobre a terra, como a flor da primavera..., porém a mais feliz do que ela, em tua curta jornada, encontraste em teus últimos dias de peregrinação sobre a terra um grande gênio que recolheu teu santo perfume; e guardando-o em seu nobre coração, assim como a vestal guardava o fogo sagrado do templo, ele o asperge, esse perfume, sobre o mundo inteiro, em obras incomparáveis que te imortalizarão tanto quanto a ele próprio. Nova Beatriz, teu nome passará para as gerações futuras com maior glória, pois não é admirável ficção de um grande poeta, mas a doutrina regeneradora de um grande filósofo que por ti redime da degradação onde ela, a mulher, ainda se encontra.<sup>489</sup>

Comte responde no dia 29 de agosto de 1857: “[...] Li ontem sua digna efusão e experimento esta manhã a necessidade de agradecê-la cordialmente. É o complemento duradouro da primeira homenagem feminina prestada até agora àquela que, por mim, regenera o seu sexo”.<sup>490</sup> De acordo com o filósofo, Nísia Floresta foi a primeira mulher a render homenagens a Clotilde de Vaux e reconhecer sua importância na composição do sistema filosófico de Comte. Essa foi a última carta trocada entre eles antes da morte de Comte no dia

<sup>488</sup> COMTE, Auguste. Carta datada de 24 de agosto de 1857. In: DUARTE, 2002, p. 93-95.

<sup>489</sup> FLORESTA, Nísia. Carta datada de 28 de agosto de 1857. In: DUARTE, 2002, p. 98.

<sup>490</sup> COMTE, Auguste. Carta datada de 29 de agosto de 1857. In: DUARTE, 2002, p. 100.

5 de setembro de 1857 em decorrência de complicações em seu estado de saúde, que Nísia Floresta pediu anteriormente que fosse devidamente tratado.

O estudo da correspondência trocada entre Augusto Comte e Nísia Floresta permite o conhecimento de detalhes a respeito da relação estabelecida entre eles. Não é possível precisar o início dessa relação, mas é verificada certa frequência de contatos escritos e pessoalmente entre eles, evidenciando uma relação consolidada de recíproca admiração. Nísia Floresta buscava constantemente a aprovação do filósofo, que sempre reconhecia as limitações da brasileira.

As cartas também evidenciam a dificuldade de Nísia Floresta em abandonar concepções que a afastavam da filosofia positiva. Assim, a afirmativa da completa conversão da brasileira ao positivismo está equivocada, uma vez que ela se apropriou de ideias e conceitos que eram do seu interesse e estavam em acordo com seu projeto de transformação da condição social feminina. A brasileira parece não ter abandonado sua crença na educação religiosa e na própria criação divina da mulher.

Nísia Floresta encontrou um cenário intelectual em efervescência na Europa. A escritora se relacionou com diversos escritores, filósofos e intelectuais. Estabeleceu relações com Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, Luiz Filipe Leite, Mazzoni Azeglio, Giuseppe Garibaldi, Ettore Marcucci, Duvernoy, Parlatore, Braye Dubuysé, George Sand etc.

Dessa maneira, não é possível afirmar que Nísia Floresta tenha aderido a um pensamento específico, uma vez que a multiplicidade de teorias e conceitos é característica dos oitocentos. A escritora foi, sem dúvida, moldada pelas leituras feitas, assim como também transformou tais leituras de acordo com suas experiências e expectativas.

Fazendo uso daquilo que lhe era conveniente, a brasileira teve contato com as mais diversas correntes de pensamento que compunham o cenário intelectual do século XIX, sem que estivesse limitado a um só. Augusto Comte lhe ofereceu uma doutrina que valorizava a mulher enquanto instrumento fundamental para o desenvolvimento da humanidade, lhe oferecendo também argumentos que endossavam as ideias defendidas desde o início de sua trajetória de escritora e educadora. Aliás, o projeto formulado por Nísia Floresta permanece inalterável durante toda sua produção, defendendo sempre a educação feminina como único caminho para o progresso da humanidade.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É comum atribuímos às mulheres do passado um comportamento submisso, uma imagem de seres estáticos, frágeis e ociosos. No entanto, ao conhecermos a trajetória de mulheres como Nísia Floresta, a imagem é colocada em questionamento, assim como a fixidez dos papéis atribuídos aos sexos e das diferenças entre eles. Constata-se, nesses casos, que o discurso é destoante da prática e que visam muito mais à imposição de modelos ideais que discorrem a respeito de modelos reais.

Assim, várias mulheres contestaram os limites impostos ao sexo através da escrita, não pelo conteúdo daquilo que escreviam, mas por ocupar um espaço compreendido como pertencente aos homens. Ao escreverem, contestavam aqueles que acreditavam que somente ao sexo masculino foi conferida a capacidade de criar, sendo as mulheres desprovidas de intelecto.

Daí a quantidade de vozes que se ergueram contra a escrita feminina. Novamente, o receio não era justificado pelo conteúdo, mas pela desordem causada naquilo que se conhecia das diferenças entre os sexos. Uma mulher com capacidade criativa não era uma mulher,

tornava-se então homem aprisionado pela natureza em uma carcaça feminina. Mas, à medida que a atividade se propaga pelas sociedades ocidentais, as certezas vão ruindo, dando lugar a uma nova percepção das capacidades femininas.

Nísia Floresta foi uma das primeiras mulheres brasileiras a desafiar os padrões sexuais nos oitocentos. A escrita foi seu principal campo de atuação. Se como educadora suas ideias atingiram suas alunas, como escritora atingiu leitores, a grande maioria composta por homens. Escrevendo desde os 22 anos, até sua morte são mais de 15 publicações no Brasil e na Europa.

A precária educação feminina no século XIX denunciada por Nísia Floresta através da escrita constituiu importante instrumento de dominação, condenando mulheres à ignorância. Dessa maneira é compreensível que a escritora tenha formulado um projeto visando à reforma da educação oferecida às mulheres; uma educação viciosa não poderia formar mulheres moralmente capazes de contribuir para a regeneração moral da humanidade.

Com a fundação do Colégio Augusto, Nísia Floresta se inseriu no cenário educacional da Corte, conquistando admiradores e críticos ferrenhos. Seu nome aparece constantemente nos jornais, o que pode evidenciar sua popularidade junto à elite do Rio de Janeiro. Foi como diretora da instituição de ensino que a escritora colheu parte de seus argumentos em defesa de uma educação feminina voltada para o desenvolvimento das capacidades intelectuais e morais das meninas.

Nísia Floresta elegeu a mulher como protagonista do seu projeto, mas não seria ela a única beneficiária dos frutos de uma educação adequada, mas toda a humanidade. Nas mãos da mulher educada, estava o progresso ou o fracasso de uma sociedade. A escritora não contraria as atitudes e sentimentos atribuídos às mulheres, tais como o afeto, o altruísmo, sentimentos mais nobres que os homens, ela defende que tais virtudes femininas só seriam desenvolvidas diante de uma educação moral e religiosa.

Ao diferenciar educação de instrução, opõe cultura ao conhecimento, não necessariamente porque entende que um não possa estar ao lado do outro, mas por reconhecer que o conhecimento por si só não confere autoridade alguma para a mulher se não lhe permitisse dirigir suas funções sociais de forma satisfatória para a sociedade em que era participante.

Dessa maneira, Nísia Floresta não contesta a essência da organização social, não questiona as funções de filha, esposa e mãe que deveriam ser o destino de toda mulher. Ao contrário, a escritora afirma que o abandono das responsabilidades femininas é resultado da má educação que é oferecida às mulheres desde a infância, inculcando valores distorcidos e distantes daquelas funções divinas, às quais estariam destinadas desde a criação do mundo.

Apesar de reconhecer a família como principal espaço de atuação feminina, a escritora reconhece, também, que a influência das mulheres ultrapassava as barreiras do privado, repercutindo na atuação do homem no espaço público, o que constituía mais um motivo para reformar a educação feminina. Cabia às mulheres serem filhas obedientes aos pais, esposas companheiras e auxiliaadoras do marido e mães zelosas de seus filhos.

Durante sua trajetória, Nísia Floresta aborda os mais diversos temas, como a dizimação do índio e a escravidão negra, o que esclarece o alcance de suas obras, bem como a amplitude de suas leituras. A escritora valoriza a presença indígena no cotidiano da família em detrimento da presença do negro escravizado, culpando não o negro, mas a escravidão pelo desenvolvimento de vícios perniciosos para o desenvolvimento das crianças.

Outro fator que incidiu sobre sua escrita foram suas viagens ao exterior e o contato com outros intelectuais do período. As viagens possibilitaram o contato pessoal com culturas de que ela tinha conhecimento apenas através dos livros. Foi assim que em seu *Opúsculo* Nísia Floresta descreveu e comparou a situação da mulher em várias sociedades do passado e daquele período. Nísia Floresta foi uma observadora atenta do social.

Sua estreia no mundo das letras no ano de 1832 representou não somente o início de uma carreira dedicada à defesa da educação e valorização social da mulher, mas também evidenciou que, aos 22 anos, a escritora conhecia leituras estrangeiras e até mesmo subversivas, como é o caso da obra de Mary Wollstonecraft. E foi além de uma simples leitura, uma vez que Nísia Floresta se apropriou de argumentos apresentados pela escritora inglesa para reafirmar a importância social da mulher e a necessidade de educá-la.

Dentre os contatos com intelectuais europeus, aquele que mais se destacou foi Augusto Comte, especialmente pela influência que ele teria exercido sobre o projeto forjado pela brasileira. Através da leitura do *Catecismo Positivista* de Comte e do conjunto de obras produzidas pela brasileira, bem como a análise das correspondências trocadas entre ambos é possível identificar uma relação fraterna, de admiração recíproca, sem que Nísia Floresta tenha abandonado os princípios que construíram seu projeto. A brasileira deixou evidente sua simpatia pela filosofia positiva, mas o filósofo mesmo não acreditou em sua conversão à Religião da Humanidade.

Sendo assim, ao estudar e analisar a produção escrita de Nísia Floresta, é possível conhecer a formação e consolidação de seu projeto em prol da educação feminina, bem como seu pioneirismo em defender a educação das mulheres como instrumento de transformação da sociedade. Ao conhecer a trajetória de Nísia Floresta, conhecemos também a história possível

de mulheres nos oitocentos, mulheres que ousaram desafiar as barreiras das diferenças sexuais, questionar o lugar que ocupavam em sociedade e dar os primeiros passos rumo à emancipação feminina.

#### REFERÊNCIAS

ANDRETA, Bárbara Loureiro; ALÓS, Anselmo Peres. A voz e a Memória dos escravos: Úrsula de Maria Firmina dos Reis. *Identidade!*, São Leopoldo, v.18, n 2. Jul./dez. 2013. p.194-200.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elizabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BASTOS, Maria Helena Câmara. O ensino monitorial/mútuo no Brasil. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara(Org.). *Histórias e memórias da educação no Brasil – Século XIX*. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 34-51.

CÂMARA, Adauto. *História de Nísia Floresta*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1941.

CÂMARA, Nathalie Bernardo. Notas comentadas da tradutora. In: FLORESTA, Nísia. *Fragmentos de uma obra inédita: notas biográficas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

CÂMARA, Rinaldo Pereira da. *O marechal Câmara: reflexões introdutórias à sua biografia*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1964.

CIOCCARI, Marta. Entre o mar e o rochedo: uma análise antropológica sobre as noções de natureza em *Os trabalhadores do mar* de Victor Hugo. *Cadernos de Campo*, São Paulo, nº 18, p. 29-46, 2009.

CARVALHO, Marcus J.M. de. Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 23, n. 45. p. 209-238, 2003.

CASTRO, Luciana Martins. A contribuição de Nísia Floresta para a educação feminina: pioneirismo no Rio de Janeiro oitocentista. *Outros tempos*. Maranhão, v. 7, n. 10, dez. 2010. p. 237-256.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982, p. 56-104.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica. *Cadernos Pagu*, 1995, p. 37-47.

COMTE, Auguste. Catecismo positivista. In: GIANNOTTI, José Arthur (Sel. Introd.). *Comte*, Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural: 1978. p. 271-640.

\_\_\_\_\_. *Discurso sobre o espírito positivo*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

COSTA, Patrícia Rodrigues; SOUSA, Germana Henriques Pereira de. George Sand no Brasil. *Belas infieis*, Brasília, v. 4, n. 1, 2015. p. 257-288.

CRAMPE-CASNABET, Michèle. A mulher no pensamento filosófico do século XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 370-407.

CUNHA, Washington Dener dos Santos SILVA, Rosemaria J. A educação feminina no século XIX: entre a escola e a literatura. *Gênero*, Niterói, v.11, n. 1, 2. sem. 2010, p. 97-106.

DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft: diálogo ou apropriação? *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte, v. 7, p. 153-161, 2001.

\_\_\_\_\_ (Org.). *Cartas*: Nísia Floresta e Augusto Comte. Santa Cruz do Sul: Editora Mulheres, 2002.

\_\_\_\_\_. *Nísia Floresta*. Recife: Editora Massangana, 2010.

\_\_\_\_\_. A lágrima de um Caeté: uma nova página do indianismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

\_\_\_\_\_. As viagens e o discurso autobiográfico de Nísia Floresta. *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 25, p. 73 – 87, jul./dez. 2009.

\_\_\_\_\_. *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 28.

\_\_\_\_\_. Posfácio: nos primórdios do feminismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo, Cortez: 1989. p. 118.

\_\_\_\_\_. A lágrima de um Caeté: uma nova página do indianismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Natal: Fundação José Augusto, 1997.

\_\_\_\_\_. Apresentação. In: FLORESTA, Nísia. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. xii –xxix. ii –xxix.

\_\_\_\_\_. Nísia Floresta e Mary Wollstonecraft: diálogo ou apropriação? *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte, v. 7, 2001, p. 153-161.

\_\_\_\_\_. Nos primórdios do feminismo brasileiro. In: FLORESTA, Nísia. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. *Avant-Propos*, censura Imperial e a Revolta Praieira. In: FLORESTA, Nísia. *A lágrima de um Caeté*. Natal: Fundação José Augusto, 1997, p. 10-13.

DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991.

FALCI, Miridan B. Knox. Mulheres do sertão nordestino, In: DEL PRIORI, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 241-277.

FLORESTA, Nísia. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Natal: Editora Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. Fany ou o modelo das donzelas. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRN, 2009, p. 95-102.

\_\_\_\_\_. Discurso que às suas educandas dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRRN, 2009, p. 105-107.

\_\_\_\_\_. *Opúsculo humanitário*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. *Direito das mulheres e injustiça dos homens*. São Paulo: Editora Cortez, 1989.

\_\_\_\_\_. O pranto filial. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRRN, 2009, p. 85-92.

\_\_\_\_\_. Passeio ao Aqueduto da Carioca. In: DUARTE, Constância Lima. *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRRN, 2009, p. 33-44.

\_\_\_\_\_. Máximas e pensamentos para minha filha. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRRN, 2009, p. 23-29.

\_\_\_\_\_. *Cintilações de uma alma brasileira*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

\_\_\_\_\_. Um improviso – na manhã do 1º corrente, ao distinto literato e grande poeta, Antonio Feliciano de Castilho. In: DUARTE, Constância Lima (org.). *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. Natal: EDUFRRN, 2009.

FRAISSE, Geneviève. Da destinação ao destino: história filosófica da diferença entre os sexos. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 59-95.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GAGLIARDO, Vinícius Craneck. A construção do Rio de Janeiro na literatura de viagem oitocentista. *Almanak Guarulhos*, n.12, p. 156-183.

GAY, Peter. *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

\_\_\_\_\_. *O cultivo do ódio: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GELBART, Nina Rattner. As mulheres jornalistas e a imprensa nos séculos XVII e XVIII. In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 497-515.

GONDRA, José.; GARCIA, Inára. A arte de endurecer ‘miolos moles e cérebros brandos’: a racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, maio-ago. 2004, p. 69-84.

HAHNER, June E. *A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_. Honra e distinção das famílias. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012.

HARTMANN, Ivan. *Aspetos da Guerra dos Farrapos*. Novo Hamburgo: Feevale, 2002.

JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. *Cadernos Pagu*, jan./jun., 2012. p. 367-394.

JÚNIOR, João Ribeiro. *O que é positivismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

KNIBIEHLER, Yvonne. Corpos e corações. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 551-401.

LEITE, Míriam Moreira (org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro século XIX*. São Paulo: HUCITEC, 1984.

LIMA, Joelma Varão. “Jornal das Senhoras”: as mulheres e a urbanização na corte. *Cadernos CERU*, série 2, v. 21, n. 2, dez. 2010, p. 227-240

LOMBROSO, Cesare. *O homem delinquente*. São Paulo: Ícone, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-480.

MAUGUE, Anelise. A nova Eva e o velho Adão. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle [Dir.]. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 582-601.

MICHAUD, Stéphane. Idolatrias: representações artísticas e literárias. In: FRAISSE, Geneviève; PERROT, Michelle [Dir.]. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991. p. 145-170.

MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. São Paulo: Editora Escala, 2006.

MIRANDA, Daniel M. Brevíssima contextualização histórica e biográfica. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos feministas*, Florianópolis, jan.-jun. 2003. p. 225-233.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradição cultural*. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 121-185.

\_\_\_\_\_. Escrever uma história das mulheres: relatos de uma experiência. *Cadernos Pagu*, 1995, p. 9-21.

\_\_\_\_\_. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2005.

\_\_\_\_\_. Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: BASSANEZI, Carla; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 194-217.

PRIORE, Mary Del. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2009.

QUEIROZ, Teresinha. Amélia Bevilácqua e a escrita feminina no Brasil. In: BORRALHO, J.; GOMES, M.; BEZERRA, N. (Org.). *Pontos, contrapontos não desvendados: os vários tecidos sociais de um Brasil oitocentista*. São Luís: Café e Lápis, Editora UEMA, 2011. p. 203-217.

RIBEIRO, José Alcides. Correio Mercantil: gêneros jornalísticos, literários e muito mais... *Revista USP*, São Paulo, n. 65, mar-maio 2005, p. 131-147.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo, século XIX*. São Paulo: Editora Marco Zero, 1989, p. 88-89.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. Introdução e notas de Franco Volpi. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SCOTT, Ana Silva. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-42.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 15, n. 2, p. 71-99, jul./dez, 1990.

SILVA, Jaqueline Padovani da. De esposa a viúva, de viúva a esposa. In: SILVA, Jaqueline Padovani da. *“Desta para a melhor”*: a presença das viúvas machadianas no Jornal das Famílias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 115-297.

SOIHET, Rachel. A história das mulheres: cultura e poder das mulheres; ensaio de historiografia. *Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1.

\_\_\_\_\_. Nísia Floresta e mulheres de letras no Rio Grande do Norte: pioneiras na luta pela cidadania. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13 (1), jan/abril. 2005. p. 179-199.

SONNET, Martine. Uma filha para educar. In: In: DAVIS, Natalie Zemon; FARGE, Arlete. [Dir.] *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*. Porto: Afrontamento, 1991, p. 141-179.

TANURI, Leonor Maria. História e formação dos professores. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 14, mai./ago. 2000, p. 61-88.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 401-442.

\_\_\_\_\_. Paisagens de letras e palavras. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 18, n. esp. 1, 2013. p. 49-70.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves. A educação doméstica no Brasil de oitocentos. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 28, n. 14, jan./jun. 2007. p. 24-41.

WEREBE, Maria José Garcia. A educação. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O Brasil Monárquico: declínio e queda do Império* (org.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 367-383.

WOLLSTONECRAF, Mary. *Reivindicação dos direitos das mulheres: o primeiro grito feminista*. São Paulo: EDIPRO, 2015.

## TESES

ROSA, Graziela Rinaldi da. *Transgressão e moralidade na formação de uma 'matrona esclarecida': contradições na filosofia de educação nisiana*. 2012. 350 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

LIMA, Stélio Torquato. *O indianismo e o problema da identidade nacional em 'A lágrima de um caeté', de Nisia Floresta*. 2008. 185 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

FONTES, Janaína Gomes. *George Eliot: a maternidade ressignificada*. 2014. 268 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

#### FONTE ELETRÔNICA

*Freycinet, Louis-Claude Desaulses de (1779-1842)*. Disponível em: <<http://adb.anu.edu.au/biography/freycinet-louis-claude-desaulses-de-2226>>. Acesso em 17 de abril de 2017.

*História da educação no Brasil no período imperial*. Disponível em <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb05a.htm>>. Acesso em 13 de setembro de 2013.

Resenha do livro: Escritos sobre a instrução pública: Condorcet. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 38, jun. 2010, p. 268-274. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/res01\\_38.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/res01_38.pdf)>. Acesso em 12 de julho de 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O contrato social*. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/contratosocial.pdf>>. Acesso em 12 de julho de 2016.

PROFISSÃO DO HISTORIADOR: Formação e mercado de trabalho. *Anais do XIX Encontro Regional de História*, Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401482pode5\\_ARQUIVO\\_LAI\\_ZPERRUT.pdf](http://www.encontro2014.mg.anpuh.org/resources/anais/34/1401482pode5_ARQUIVO_LAI_ZPERRUT.pdf)>. Acesso em 16 de fevereiro de 2017.

SEMINÁRIO MULHER E LITERATURA, 14., 2011, Brasília. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/ V Seminário Internacional Mulher e Literatura*, Brasília, 2011, v. 1, n. 1. Disponível em: <<http://www.mulhereliteratura.com.br/anais/>>. Acesso em 1 de abril de 2016.

## JORNAIS

AMAS DE leite. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, n. 8293, 5 jan. 1850, p. 4.

AUGUSTA, Brasileira. Um apelo à caridade feminil. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 264, 23 set. 1855, p. 2.

*Almanak Administrativo Mercantil e Industrial da Corte do Rio de Janeiro para o ano de 1850*. Organizado e redigido por Eduardo Laemmert. Rio de Janeiro, em casa dos editores proprietários, Eduardo e Henrique Laemmert, Rua da Quitanda n. 77. 1850, p. 244.

ANÚNCIOS. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 16, 22 maio 1850, p. 4.

AUTORA DE um não... *Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 25 maio 1885.

CARVALHO, Maximiano Marques de. Enfermaria de Nossa Senhora da Conceição... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, n. 276, 7 out. 1855.

CASTRO, José de. Gratidão e louvores, *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1885.

CHEGOU A esta Corte... *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XXXI, n. 8917, 17 fev. 1852, p. 3.

CHEGOU A Lisboa... *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 13 set. 1851, p. 1.

COLÉGIO Augusto. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano XXI, n. 356, 24 dez. 1846, p. 2.

COLÉGIO Augusto... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 342, 25, 26 e 27 dez. 1845, p. 3.

COMUNICADO. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 332, 24 dez. 1841, p. 2.

D. NÍSIA Floresta... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ano XIII, n. 24, 31 jan. 1838, p. 4.

EDUCAÇÃO feminina: duas vantagens para o Brasil. *A Pátria*. Rio de Janeiro, ano V, n. 216, 24 e 25 nov. 1856, p. 1-2.

ESPEREMOS sempre. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n.4, 4 fev. 1850, p.1.

\_\_\_\_\_. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n. 5, 5 fev. 1850, p.4.

\_\_\_\_\_. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n. 6, 6 fev. 1850, p. 1.

\_\_\_\_\_. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n. 11, 11 fev. 1850, p. 2.

\_\_\_\_\_. *O Anunciador*, Rio de Janeiro, n. 17, 19 fev. 1850, p. 4.

\_\_\_\_\_. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 20, 1 jun. 1850, p. 4.

\_\_\_\_\_. *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, n. 26, 17 jun. 1850, p. 4.

GUIMARÃES, Antônio de Freitas. Agradecimento, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 nov. 1885.

HISTÓRIA moral... *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 5 abr. 1849.

HISTÓRIA oferecida... *Periódico dos Pobres*, Rio de Janeiro, 22 maio 1850.

MELLO, José da Silva. Agradecimento, *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 out. 1855.

NÍZIA Floresta... *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 240, 30 ago. 1855.

NORONHA, Joana Paula Manso de. Sentimos vivo... *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 22 fev.de 1852, p. 63.

NORONHA, Joana Paula Manso de. Às nossas assinantes. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1852, p.1.

NORONHA, Joana Paula Manso de. Emancipação moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 24 out. 1852, p. 130-132.

O PHILOSOPHO provinciano na corte, a seu compadre na província. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, n.291, 27 ago. 1852, p. 2-3.

PESSOAS despachadas no dia 29 de outubro. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 2840, 30 out. 1849, p. 2.

SOBRE A educação das mulheres. *Correio Mercantil*, n. 19, Rio de Janeiro, 26 jan. 1847, p. 3.

UM ESCRITO brasileiro. *O Liberal*, Rio de Janeiro, n. 310, v. VI, 7 jul. 1853, p. 2.

VAMOS à rua... *O Mercantil*, Rio de Janeiro, ano IV, n. 17, 17 jan. 1847, p. 3.